

VÁRZEA GRANDE
História e tradição

© José Wilson Tavares, 2011.

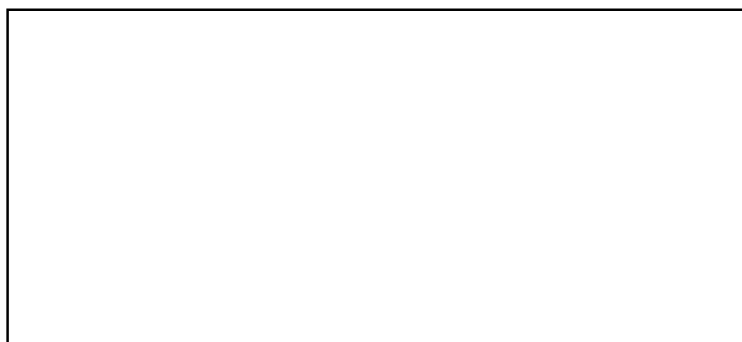
É proibida a reprodução ou transmissão desta obra por qualquer meio, sem a prévia autorização do autor.

Direitos reservados para o autor, protegidos pela Lei 9610/98.

A originalidade dos artigos e as opiniões emitidas são de inteira responsabilidade de seu autor.

MARCAS REGISTRADAS:

A KCM Editora & Distribuidora resguardou as titularidades das marcas registradas e de suas respectivas proprietárias ao fornecer informações sobre nomes de empresas, produtos e serviços citados nesta publicação.



Divisão Administrativa e Comercial
Margareth Paesano da Cunha Junqueira

Divisão Técnico-Pedagógica
Rommel Kunze

Revisão e Normalização Bibliográfica
Doralice de Fátima Jacomazi

Arte da Capa
Cleverson Durigão

Diagramação e Editoração Eletrônica
KCM Editora

Informações sobre a obra podem ser encontradas em
www.kcmeditora.com.br

Impressão
KCM Editora & Gráfica
Tel.: 55 (0xx65) 3624.3223
Site: www.kcmeditora.com.br
E-mail: kcmeditora@terra.com.br

José Wilson Tavares

VÁRZEA GRANDE

História e tradição

KCM Editora
Cuiabá
2011

Sumário

Prefácio Maçônico	7
Apresentação	11
Os primeiros Habilitantes	13
A Origem da Ocupação	17
Sesmaria	29
Conflito na Bacia do Prata.....	32
A Várzea Grande.....	36
A Várzea Grande Jurídica e Administrativa	46
A Várzea Grande, étnica Industrial e Comercial	48
A Educação em Várzea Grande	54
A Religião	61
As Tradições	67
Viola de Cocho	72
A Economia varzeagrandense	78
Desportos e Lazer	83
Povoados da barranca do Rio Cuiabá	95
O Distrito de Bonsucesso	99
A origem do Povoado	102

Economia de subsistência	113
As Tradições e Manifestações Culturais.....	121
O Rio Cuiabá.....	125
Definindo Siglas e Termos	151
Referencias e Fontes Orais	154
Referencias Bibliografia	155
O Autor	157

Prefácio Maçônico

Em agosto de 2010 a A.:R.:L.:S.: Acácia de Várzea Grande N*33, para comemorar a emancipação política do município de Várzea Grande, convidou o Prof. José Wilson Tavares para uma preleção sobre a história do Município. O qual com profundo conhecimento sobre o assunto apresentou os principais fatos que ocorreram antes e após a fundação de Várzea Grande, trazendo o relato até os dias de hoje. Destacando na discussão da palestra, que o momento em que vive esta sociedade, assim como a sociedade em geral, é extremamente propício a uma reflexão dos tempos passados e o tempo presente. Refletir sobre a prática social, enfocando suas abordagens e possibilidades de avanços no desenvolvimento estrutural e social, configurando-se em uma ação encorajadora e responsável no sentido de promover políticas públicas pautada na formação do cidadão e cidadã, sem perder suas origens e seus saberes e fazeres popular que remontam gerações.

No final de sua preleção o Prof. Tavares comenta da dificuldade em publicar um livro que tenha foco nestes relatos históricos da formação do povo de Várzea Grande.

Tomado pela emoção das discussões e pela responsabilidade com a formação da sociedade, os maçons presentes se colocaram a disposição de buscarem alternativas para publicação desta obra. Devido entenderem de que se é emocionante participar da história, como da vida, também é difícil conta-la e retrata-la. Os fatos e

momentos da formação deste município precisam levar a idéia de uma época através da textualização da pesquisa hora apresentada. Os resultados das pesquisas realizadas pelo autor certamente trarão os momentos marcantes da trajetória de um povo que, ao unir-se a um objetivo, tornou-se protagonista de uma mesma história de muita luta e sucesso.

Os maçons presentes, coordenados pelas A.:R.:L.:S.: Acácia de Várzea Grande N*33 e Luzes do Pensamento N* 55, saíram a busca de Lojas maçônicas parceiras para publicação desta referida obra. E cumprindo com seu papel principal da maçonaria, de estar ao lado, estimulando e propiciando o desenvolvimento social da humanidade, os maçons e suas Lojas corresponderam ao chamado e a obra foi então publicada. Pois a Maçonaria Unida da Baixada Cuiabana, entendeu que este livro tem uma característica de uma radiografia histórica, pelos profundos e autênticos registros em que deduzem de fatos históricos, acontecimentos políticos, conotações sociais e humanas, desastres atmosféricos como as enchentes do Rio Cuiabá.

De sua leitura ressalta, sobretudo a capacidade de um excelente pesquisador e o carinho e apressamento com que trata cada relato histórico do povo que construiu o Município de Várzea Grande.

Para finalizar destacamos o primor do Prof. Tavares quando trata da desigualdade sob o prisma territorial o qual consiste em uma eficiente forma de análise, a qual permite desvendar as singularidades do processo de produção de espaço na construção social do município. Valorizando sua dimensão natural, econômica e sócio-cultural. Destaca também, as relações desiguais de forças manifestantes pelo domínio e controle político e econômico do espaço territorial de Várzea Grande.

Assim como muita responsabilidade e orgulho, e em nome da maçonaria Unida de Mato Grosso, através das AA.:RR.:LL.:SS.: Acácia de

Várzea Grande, Luzes do Pensamento, Conquista e Integração, Acácia da Independência, e Acácia Cuiabana. Nos sentimos honrados de ter contribuído para publicação deste Livro da História de Várzea Grande.

Ir.: Miguel Rogério Gualda Sanches

V.:M.: da Loja Acácia de Várzea Grande

Ir.: Paulo Roberto Alves Martins

V.:M.: da Loja Luzes do Pensamento

Ir.: Medson Janer da Silva

Assessor de Estudos e Pesquisas do GOEMT

Obreiro das Lojas Acácia de Várzea Grande e

Luzes do Pensamento

Apresentação

Várzea Grande Historia e Tradição, é a preocupação e busca do historiador que, desde os tempos memoráveis em que freqüentamos a UFMT, sempre demonstrou um profundo interesse pela história de Mato Grosso. Embora seja natural do estado do Paraná, não me causa surpresa que ele traga a lume, neste momento, tão relevante obra abordando a formação histórica do município de Várzea Grande.

A idéia de tornar este trabalho público fora oportunizado a partir de uma palestra proferida por ele no auditório da maçonaria, após a qual foi efusivamente incentivado pelos seus membros por descortinar-lhes o passado várzea-grandense com tamanha desenvoltura. A partir de então, Tavares intensificou a pesquisa em busca de documentos e fontes históricas diversas para compor este amplo painel que abrange os quase cento e cinquenta anos contados desde sua fundação. Trilhou caminhos tortuosos, como as estradas boiadeiras que nos primórdios interligavam as localidades de Cuiabá, Livramento e Poconé. Com paciência, bebeu em fontes diversas. Colheu depoimentos para, enfim, tal quais os índios Guanás, criadores das famosas redes cuiabanas, tecer com maestria a presente obra.

A História concebida por Tavares abrange tanto o papel desempenhado pelas massas quanto pelas elites, pois nos conta tanto as ações empreendidas pelas lideranças políticas quanto o comportamento de seus habitantes diante dos fatos. Tavares segue as pegadas de Carlo Ginzburg ao destacar a importância da abordagem micro-histórica.

Assim, por exemplo, quando descreve a origem de logradouros tradicionais como Bonsucesso, Passagem da Conceição e Praia Grande, relata o cotidiano das famílias que primeiro neles se estabeleceram.

Fala da chegada dos bandeirantes. Destaca a importância das estradas boiadeiras, a relevância que teve Várzea Grande na formação histórica de Mato Grosso como acampamento de prisioneiros paraguaios durante a guerra da Tríplice Aliança. Aborda passagens eufóricas como a emancipação política do município em 1948, mas também relata momentos de tensão como a enchente ocorrida na cidade em 1974.

Em suma, o que esta obra tem de mais importante é a contribuição no campo da pesquisa escolar (ou acadêmica) para um assunto tão fascinante e, ao mesmo tempo, tão carente de publicações de fôlego, pois traz registros históricos importantes para que as novas gerações tenham acesso e possam conhecer a história de Várzea Grande, sua grandiosidade, seus habitantes e seu passado. Espero que a leitura da presente obra possa despertar o desejo pelo conhecimento da história e da cultura de nossa gente. Fica, por fim, a expectativa de que com o maior conhecimento sobre o passado, a juventude seja capaz de projetar e promover o desenvolvimento da nossa cidade em benefício das futuras gerações várzea-grandenses.

Edenilson José de Morais

Historiador pela UFMT e Docente da Rede Pública de Ensino.

Os primeiros Habilitantes

Os primeiros habitantes destas terras e legítimos proprietários pela posse e uso destas, dentre as tantas etnias silvícolas que aqui habitaram no passado, encontramos a grande **Etnia Guanús**, composta por diversos grupos, contando com uma população em torno de cinco a seis mil membros, bastante unidas em seus aldeamentos, ocupando as proximidades de onde hoje se localiza Corumbá (antigo: Albuquerque), na margem direita do rio Cuiabá, em áreas da atual Várzea Grande, sul de Nossa Senhora do Livramento, cercanias de Santo Antonio do Leverger. Eram definidos como silvícolas pacíficos e hospitaleiros, os quais mantiveram contatos comerciais com os brancos até meados do século XIX. Sua religião já havia sofrido a influência do cristianismo católico, pois era uma mescla de catolicismo grotesco, não sendo nem cristão e nem pagão, tendo um culto onde eram batizados e suas práticas não tinham nenhuma relação com outras religiões de etnias selvagens existente.



Desenho de Hercules Florence de 1827, retratando Índias Guanás

A prática da economia de subsistência estava ligada ao cultivo da terra e ao comércio de troca. Por um curto período entre os séculos XVII e XIX, foram fornecedores da região do Cuiabá, das redes grosseiras e da carne, muito apreciada pelos aventureiros nesta região, os quais passaram a criar gado na região um pouco pantanosa, que abrangia áreas de Praia Grande e do sul de Nossa Senhora do Livramento.

Esta etnia silvícola, diferente de outras como o Coxiponés e os paiaguás, aguerridos e agressivos contra o processo de ocupação, contratavam com os brancos toda espécie de serviços possíveis, sendo os Guanás especialistas em navegação em pirogas no rio Cuiabá, onde foram canoieiros hábeis e laboriosos. Os Guanás eram sábios em fiar, tecer e tingir o algodão com que fabricavam redes, da qual deu origem às famosas redes conhecidas nesta região que erroneamente chamada somente de “rede cuiabana”, depreciando a produção que havia e há em terras varzeagrandense, as quais podemos chamar de Rede Varzeagrandense a qual tem sua gênese rústica desenvolvimento nesta nossa região varzeana.

“Os Guanás moram na margem do rio Paraguai, um pouco acima da vila de Miranda: acham-se todos juntos e aldeados numa espécie de grande povoação. Usam de língua própria, mas em geral sabem alguma coisa de português, que falam à maneira de quase todos os índios ou dos negros nascidos na costa d’África. De quanta tribo tem o Paraguai, é esta que mais em contato está com os brasileiros. Lavradores cultivam o milho, o aipim e mandioca, a cana-de-açúcar, o algodão, o tabaco e outras plantas do país. Fabricantes possuem alguns engenhos

de moer cana, e fazem grandes peças de pano de algodão, além de redes e cintas. Indústrias vão, em canoas suas ou nas dos brasileiros, até Cuiabá venderem suas peças de roupa, cintas, suspensórios, cilhas de selim e tabaco. Grande parte deles empregam-se nas plantações ou moendas a ganharem dois a três vinténs por dia além do sustento, ou então entregavam à pescaria, indo levar o peixe à cidade de Cuiabá. (Florence, 1977. p 103-106)”.

A etnia guanús da qual os **Guanás ou guanazes** foram os mais famosos, fora a precursora da indústria manual de Várzea Grande (as redes e a cerâmica rude), vocação esta até hoje cultuada, porém não muito mais gloriosa que seu recente passado, dado a falta de investimentos e atualização necessária para a melhor competir no exigente mercado deste século XXI.

Estes habitantes viveram pouco depois da ocupação da região do Cuiabá, com a busca gananciosa de ouro por esta região, na qual só ocorreram pequenas veias auríferas de fiação, seguida da abertura de estradas boiadeiras e a ocupação pelo povoamento da região, fizeram com que este pacífico povo silvícola, fossem miscigenados e posteriormente deslocados para as regiões pantaneiras rios abaixo, onde com a instalação das famosas Usinas açucareiras e das fazendas de gado, foram absorvidos, ocorrendo a sua extinção definitiva, não tendo mais nenhum descendente puro nesta região.

Hercules Florence¹, membro da Expedição de Georg Heinrich Von Langsdorff, naturalista alemão entre os anos de 1821 a 1829, descreve um dos grupos da etnia Guanús, os Xamacocos “Dela fazia

1 Citado por Ubaldo Monteiro in: VÁRZEA GRANDE passado e presente confrontos – 1867-1987 – Cuiabá-Mt. Editora: Policromos Editora Gráfica - P 17.

parte o grupo denominado **Xamacocos**, que Hercules Florence em 1827, como membro de uma expedição, disse trata-se de índios que viviam entre os guanazes, mas que atravessavam o rio em suas pirogas e vinham trabalhar em Cuiabá como servente entre os negros e nos serviços nas residências” também deste ramo dos guanus não restam remanescentes.



Desenho de Hercules Florence Mulher Xamoco

“A expedição Langsdorff foi financiada pelo governo russo como tentativa de colher mais informações sobre um país muito explorado, mas pouco conhecido. Acompanhado ainda do botânico alemão Luiz Riedel, do desenhista Amado Adriano Taunay, do astrônomo e oficial da Marinha Russa Nestor Rubtsov, além do Barão de Langsdorff e do pessoal contratado para trabalhos menos “científicos”, Hércules Florence saiu do Rio de Janeiro em 1825. O itinerário da expedição incluía passagens pelo que hoje conhecemos como São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso...”²

² A publicação do relato de Hércules Florence na revista do IHGB com o nome “Viagem Fluvial pelo Interior do Brasil – de 1825 a 1829” com tradução e introdução do Visconde de Taunay, reflete a importância que seu trabalho já havia adquirido ainda no século XIX, pois o IHGB foi um importante órgão preocupado com o forjamento de uma identidade nacional.

A Origem da Ocupação

O processo de ocupação desta região ocorreu na primeira metade do século XVIII, com o avanço realizado para além da fronteira oeste, a partir de um paralelo traçado pelo Tratado de Tordesilhas entre Portugal e Espanha, sendo que as terras que ficassem ao lado oeste pertenceriam ao Governo espanhol e a leste ao Governo português. O Tratado de Tordesilhas, assinado entre Portugal e Espanha em 07 de Junho de 1494, oficializou a divisão do mundo por linhas imaginárias entre os Estados dos tempos modernos.

Os responsáveis por este avanço além fronteira foram os bandeirantes paulistas, com o objetivo de aquisição de mão-de-obra barata, uma vez que o tráfico negreiro já sofria restrições, o que tornava a atividade muito onerosa, constituindo a prisão de indígenas como uma alternativa vantajosa, por não ocasionar custos elevados. Os bandeirantes faziam estas longas expedições, com este único e exclusivo interesse, afinal, o comércio de escravos indígenas era lucro garantido para seus capturadores.

No século XVII, São Vicente (onde hoje está o estado de São Paulo) era uma capitania pobre, quando comparada às da Bahia e de Pernambuco. Não havia nela nenhum produto de destaque para exportação. A economia era baseada em agricultura de subsistência: milho, trigo, mandioca. Vendia alguma coisa para o

Rio de Janeiro, e só. A cidade de São Paulo não passava de um amontoado de casebres de gente pobre. Mas tinha a vantagem de ser uma das poucas vilas Brasileiras que não se localizam no litoral. Partindo dela fica mais fácil entrar nas florestas. Pois foi exatamente por isso que a maioria dos bandeirantes saiu de São Paulo. Tornar-se bandeirante era uma chance para o paulista melhorar de vida....Os comandantes usavam roupas novas e botas de couro, para se protegerem de picada de cobra. Os homens livres e pobres tinham roupas velhas e pés descalços. Todos eles armados. Também fazia parte da bandeira um grupo de índios já submetidos pelos colonos. ...Eles se embrenhavam na floresta tropical fechada e rios agitados, indo a lugares muito distantes de qualquer cidade colonial. Mas o objetivo deles não era nada heróico: eles eram caçadores de índios. ...Os bandeirantes atacavam impiedosamente as aldeias indígenas. Matavam todo mundo que atrapalhasse, inclusive as crianças. Depois acorrentavam os índios e os levavam como escravos.³

... a cana-de-açúcar não obteve êxito, sendo que seus colonos resolveram se dedicar a outras atividades, como foi o caso da Capitania de São Paulo que, ao lado da agricultura de subsistência, optou por traficar, não escravos africanos, mas sim índios, necessários às capitanias que não desenvolveram com sucesso o plantio da cana-de-açúcar e o fabrico da açúcar. Dessa forma, os

3 Schmidt, Mario Furley – Nova História Crítica – São Paulo – ed. Nova Geração – 1999. p 264.

paulistas criaram o movimento das bandeiras. ...Nesse movimento, os bandeirantes acabaram descobrindo ouro, em primeiro lugar, em terras que hoje pertencem ao estado de Minas Gerais e, mais tarde, nas de Mato Grosso e de Goiás. Com esse movimento, os bandeirantes paulistas estavam, sem querer, aumentando o território colonial, pois essas novas terras descobertas, segundo o tratado de Tordesilhas, fixado em 1494, antes mesmo da descoberta do Brasil, não pertenceriam a Portugal, mas sim à Espanha. O Rei Lusitano, vendo que os bandeirantes estavam alargando as fronteiras de sua Colônia, povoando esses territórios e descobrindo metais preciosos (ouro e diamante), resolveu apoiá-los e incentivá-los nesse movimento.⁴

A bandeira de Antônio Pires de Campos atingiu a região do rio Coxipó-Mirim e ali ocorreu uma guerra, e aprisionaram os índios Coxiponés, que reagiram, travando um intenso combate com os paulistas. Logo atrás dessa bandeira, seguiu-se outra, capitaneada por Pascoal Moreira Cabral que, desde 1716, já palmilhava terras mato-grossenses sabendo ele da existência de índios, resolveu seguir para o mesmo local, onde havia um acampamento chamado São Gonçalo. Exaurida pelas lutas travadas, a bandeira de Moreira Cabral resolveu arrancar-se às margens do rio Coxipó-Mirim e, segundo nos conta o mais antigo cronista, Joseph Barboza de Sá, descobriram casualmente ouro, quando lavavam os pratos na margem daquele rio. Para garantir tranquilidade no local, Pascoal Moreira Cabral resolveu pedir reforços às bandeiras que se encontravam na região. Chegou então ao Arraial de São Gonçalo a bandeira de Fernão Dias Falcão, composta de 130 homens de guerra, que passaram a auxiliar nos trabalhos auríferos.

4 *Siqueira*, Elizabeth Madureira – Revivendo Mato Grosso – Cuiabá – SEDUC-1997. p. 10-11.

O fato de terem os bandeirantes paulistas, encontrado ouro mudou o rumo de sua marcha, pois ao invés de continuarem caçando os índios, terminaram por fixar-se na região, construindo casas e levantando capelinha. Esse primeiro povoamento denominou-se São Gonçalo Velho.

Em 1719, em São Gonçalo Velho, a 08 de abril, Moreira Cabral lavra a Ata de Fundação do Arraial do Senhor Bom Jesus. Dois anos depois o arraial foi mudado para o rio Coxipó, uma vez que a população mineira começou a perceber que o ouro estava escasseando, e resolveu mudar para outro local denominado Forquilha, também no rio Coxipó-Mirim. Ali levantaram novo acampamento, ergueram outra capela e deram continuidade aos trabalhos de mineração.

Aos oito dias do mês de abril da era de mil setecentos e dezenove anos, neste Arraial do Cuiabá, fez junto o Capitão-Mor Pascoal Moreira Cabral com os seus companheiros e ele requereu a eles este termo de certidão para notícia do descobrimento novo que achamos no ribeirão do Coxipó, invocação de Nossa Senhora da Penha de França, depois que foi o nosso enviado, o Capitão Antônio Antunes com as amostras que levou do ouro ao Senhor General. Com a petição do dito capitão-mor, fez a primeira entrada aonde assistiu um dia e achou pinta de vintém e de dois e de quatro vinténs a meia pataca, e a mesma pinta fez na segunda entrada em que assistiu, sete dias, ele e todos os seus companheiros às suas custas com grandes perdas e riscos em serviço de Sua Real Majestade. E como de feito tem perdido oito homens brancos, foros e negros e para que a todo tempo vá isto a notícia de

sua Real Majestade e seus governos para não perderem seus direitos e, por assim, por ser verdade nós assinamos todos neste termo o qual eu passei bem e fielmente a fé de meu ofício como escrivão deste Arraial. Pascoal Moreira Cabral, Simão Rodrigues Moreira, Manoel dos Santos Coimbra, Manoel Garcia Velho, Baltazar Ribeiro Navarro, Manoel Pedroso Lousano, João de Anhaia Lemos, Francisco de Sequeira, Asenço Fernandes, Diogo Domingues, Manoel Ferreira, Antônio Ribeiro, Alberto Velho Moreira, João Moreira, Manoel Ferreira de Mendonça, Antônio Garcia Velho, Pedro de Godois, José Fernandes, Antônio Moreira, Inácio Pedroso, Manoel Rodrigues Moreira, José Paes da Silva. (BARBOZA de SÁ, 1975, p. 18).

Nesse dia, os bandeirantes fixados no Arraial de São Gonçalo, elegeram um chefe chamado Guarda-Mor e o escolhido por eleição, foi Pascoal Moreira Cabral.

Em 1722, o bandeirante Miguel Sutil chegou à zona mineira com o objetivo de verificar o estado de uma roça que havia plantado às margens de outro rio, o Cuiabá. Como ele e seus companheiros estavam famintos, mandou Sutil que dois índios saíssem à cata de mel. Os índios se demoraram muito e, quando chegaram, ao invés de mel, trouxeram ouro em pequenos folhetos “caeté”. Como já era quase noite, Miguel Sutil deixou para o dia seguinte, verificar pessoalmente onde se localizava a nova mina. Situava-se às margens de um córrego, braço do rio Cuiabá - Córrego da Prainha.

As notícias do novo descobrimento aurífero foram enviadas para a Capitania de São Paulo, da qual essas terras faziam parte.

Com isso, um grande fluxo migratório chegou à região, visando o enriquecimento e o estabelecimento de roças que pudessem fornecer alimentos à população.

A “boa nova” se espalhou rapidamente entre os pequenos arraiais de São Gonçalo e da Forquilha, ocasião em que, impressionados pelo volume aurífero que diziam conter essa mina, seus habitantes abandonaram os dois núcleos iniciadores do povoamento da região, dando início a outro núcleo urbano, que são as origens da atual cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. A notícia foi levada para São Paulo e de lá se espalhou por outras capitânicas, chegando até Portugal, o que provocou, em pouco tempo, um aumento da população, que passou a disputar palmo-a-palmo os terrenos auríferos.

Em 1º de janeiro de 1727, o Arraial do Senhor Jesus do Cuyabá, recebeu o foro e foi elevado à categoria de vila, para a se chamar Vila Real do Senhor Bom Jesus por ato do Capitão General de São Paulo, Dom Rodrigo César de Menezes. Em 17 de setembro de 1818, por Carta Régia de D. João VI, a vila do Cuiabá é elevada à categoria de cidade.

A presença do governante paulista nas Minas do Cuiabá ensejou uma verdadeira extorsão sobre os mineiros, numa obsessão institucional pela arrecadação dos quintos de ouro. Esses fatos somados à gradual diminuição da produção das lavras auríferas fizeram com que os bandeirantes pioneiros fossem buscar o seu ouro cada vez mais longe das autoridades cuiabanas.

Com esse movimento, novas minas foram descobertas, como as Lavras dos Cocais, em 1724, às margens do ribeirão do mesmo nome (atual Nossa Senhora do Livramento), distante 50 km de Cuiabá. Os descobridores do novo vieram auríferos, foram os sorocabanos Antonio Aires e Damião Rodrigues. Em pouco tempo, o

pequeno arraial foi integrado por outros mineiros que, igualmente, fugiram das imposições fiscalistas, impostas na Vila Real do Senhor Bom Jesus, com a presença do governador Paulista.

Em 1734, estando já quase despovoada, a Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, os irmãos Fernando e Artur Paes de Barros, atrás de índios Parecis, descobriram veio aurífero, os quais resolveram denominar Minas do Mato Grosso, situadas nas margens do Rio Galera, no Vale do Guaporé.

Os Anais de Vila Bela da Santíssima Trindade, escritos em 1754, pelo escrivão da Câmara dessa vila, Francisco Caetano Borges, citando o nome Mato Grosso, assim nos explicam:

Saiu da Vila do Cuiabá Fernando Paes de Barros com seu irmão Artur Paes, naturais de Sorocaba, e sendo o gentio Pareci naquele tempo o mais procurado, [...] cursaram mais ao Poente delas com o mesmo intento, arranchando-se em um ribeirão que deságua no rio da Galera, o qual corre do Nascente a buscar o Rio Guaporé, e aquele nasce nas fraldas da Serra chamada hoje a Chapada de São Francisco Xavier do **Mato Grosso**. Da parte Oriental, fazendo experiência de ouro, tiraram nele três quartos de uma oitava na era de 1734.

Dessa forma, ainda em 1754, vinte anos após descobertas as Minas do Mato Grosso, pela primeira vez o histórico dessas minas foi relatado num documento oficial, onde foi alocado o termo Mato Grosso, e identificado o local onde as mesmas se achavam.

Todavia, o histórico da Câmara de Vila Bela não menciona porque os irmãos Paes de Barros batizaram aquelas minas com o nome de Mato Grosso.

Quem nos dá tal resposta é José Gonçalves da Fonseca, em seu trabalho escrito por volta de 1780, Notícia da Situação de Mato Grosso e Cuiabá, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1866, que assim nos explica a denominação Mato Grosso.

[...] se determinaram atravessar a cordilheira das Gerais de oriente para poente; e como estas montanhas são escalvadas, logo que baixaram a planície da parte oposta aos campos dos Parecis (que só tem algumas ilhas de arbustos agrestes), **toparam com matos virgens de arvoredo muito elevado e corpulento que entrando a penetrá-lo o foram apelidando Mato Grosso: e este é o nome que ainda conserva todo aquele distrito.**

Caminharam sempre ao poente, e depois de vencerem sete léguas de espessura, toparam com o agregado das serras [...].

Pelo que desse registro se depreende, o nome Mato Grosso é originário de uma extensão de sete léguas de mato alto, espesso, quase impenetrável, localizado nas margens do Rio Galera, percorrido pela primeira vez em 1734, pelos irmãos Paes de Barros. Acostumados a andar pelos cerrados do chapadão dos Parecis, onde haviam apenas algumas ilhas de arbustos agrestes, os irmãos aventureiros, impressionados com a altura e porte das árvores, o emaranhado da vegetação secundária que dificultava a penetração, com a exuberância da floresta, a denominaram Mato Grosso. Perto desse mato fundaram as Minas de São Francisco Xavier e toda a região adjacente, pontilhada de arraiais de mineradores, ficou conhecida na história como as Minas do Mato Grosso.

Posteriormente, ao se criar a Capitania por Carta Régia, em 09 de maio de 1748, (em 2011- 263 anos da criação da Capitania de Mato Grosso e do Cuiabá) o governo português assim se manifestou:

Dom João, por Graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, [...] Faço saber a v6s, Gomes Freire de Andrade, Governador e Capitão General do Rio de Janeiro, que por resolutio se criem de **novo dois governos, um nas Minas de Goiás outro nas de Cuiabá** [...].

Dessa forma, ao se criar a Capitania, como meio de consolidação e institucionalização da posse portuguesa na fronteira com o reino da Espanha, Lisboa resolveu denominá-las tão somente de Cuiabá. Mas no fim do texto da referida Carta Régia, assim se exprime o Rei de Portugal:

[...] por onde parte o mesmo governo de São Paulo com os de Pernambuco e Maranhão e os confins do **Governo de Mato Grosso e Cuiabá** [...].



D. Antônio Rolim de Moura Tavares

Apesar de não denominar a Capitania expressamente com o nome de Mato Grosso, somente referindo-se às Minas do Cuiabá, no fim do texto da Carta Régia, é denominado plenamente o novo governo como sendo de ambas as minas, do Mato Grosso e do

Cuiabá. Isso ressalva, na realidade, a intenção portuguesa de dar à Capitania o mesmo nome posto anos antes pelos irmãos Paes de Barros. Entende-se perfeitamente essa intenção.

Todavia, a consolidação do nome Mato Grosso veio rápido. A Rainha D. Mariana Vitória, ao nomear Dom Antonio Rolim de Moura Tavares como Primeiro Capitão General, em Carta Patente de 25 de setembro de 1748, assim se expressa:

[...]; Hei por bem de o nomear como pela presente o nomeio no cargo de Governador e Capitão General da **Capitania do Mato Grosso** por tempo de três anos [u.].

A mesma Rainha, no ano seguinte, a 19 de janeiro, entrega a Dom Antônio Rolim de Moura Tavares as suas famosas Instruções, que lhe determinariam as orientações para a administração da Capitania, em especial os tratos com a fronteira do reino espanhol. Assim nos dá o documento:

[...] fui servido criar uma **Capitania Geral com o nome de Mato Grosso** [...]

1° - [...] atendendo que no **Mato Grosso se querer muita vigilância** por causa da vizinhança que tem, houve por bem determinar que a cabeça do governo se pusesse no mesmo distrito do Mato Grosso [...];

2° - Por ter entendido que no Mato Grosso é a chave e o propugnáculo do sertão do Brasil [...].

E a partir daí, da Carta Patente e das Instruções da Rainha, o governo colonial mais longínquo, mais ao oriente em terras portuguesas na América, passou a se chamar de Capitania de Mato Grosso, tanto nos documentos oficiais como no trato diário por sua

própria população. Logo se assimilou o nome institucional Mato Grosso em desfavor do nome Cuiabá. A vigilância e proteção da fronteira oeste eram mais importantes que as combalidas minas cuiabanas. A prioridade era Mato Grosso e não Cuiabá.

A exemplo do restante das colônias brasileiras, a região fora objeto, num primeiro momento da busca por metais preciosos, servindo de passagem de garimpeiros fugindo das altas taxas de que eram cobradas em nome Rei de Portugal, através de seus representantes nas minas do Cuiabá e o grande aparato de fiscalização ali conduzido ao fio da baioneta se preciso fosse.

Ao longo dos anos, foram estabelecendo roças para cultivo de alimentos para abastecer as regiões com veio aurífero, o qual era outro mecanismo de ocupação e o povoamento para garantir a posse, o que ocasiona a distribuição gratuita de terras aos nobres portugueses e aventureiros, a através da concessão de Sesmarias, não sendo diferente nesta nossa região, onde hoje nós a denominamos de Várzea Grande, com as concessões das Sesmarias do Bonsucesso e São Gonçalo etc.

No Brasil, o direito de conceder sesmarias cabia aos delegados do rei, mas com o estabelecimento das capitanias hereditárias, passou aos donatários e governadores.

Sesmaria é um pedaço de terra devoluta -- ou cuja cultura foi abandonada -- que é tomada a um presumido proprietário para ser entregue a um agricultor ou sesmeiro. A posse da terra está, assim, vinculada a seu aproveitamento. Os portugueses trouxeram essa tradição para o Brasil, onde, no entanto, a imensidão do território acabou por estabelecer um sistema de latifúndios improdutivos. **Sesmaria.**

Em 1349 o rei D. Afonso IV promulgou a lei que restaurava o regime anterior à peste, mas enfrentou grande oposição. Pressões da corte por fim fizeram Fernando I assinar, por volta de 1375, a célebre lei das sesmarias, compromisso de difícil cumprimento entre a nobreza e a burguesia. A propriedade agrícola passou a ser condicionada a seu uso. Uma vez utilizada, tornava-se concessão administrativa, com a cláusula implícita de transferência e reversão. O exercício da propriedade da terra seguia o estabelecido nas Ordenações Manuelinas e Filipinas.

Sesmaria

A adaptação das sesmarias às terras incultas do Brasil desfigurou o conceito, a começar pela imediata equiparação da sesmaria às glebas virgens. A prudente recomendação da lei original de que não dessem “maiores terras a uma pessoa que as que razoadamente parecer que no dito tempo poderá aproveitar” tornou-se letra morta diante da imensidão territorial e do caráter singular da colônia. O sesmeiro, originalmente o funcionário que concedia a terra, passou a ser beneficiário da doação, sujeito apenas ao encargo do dízimo.

A terra era propriedade do rei de Portugal, que a concedia em nome da Ordem de Cristo. Martim Afonso de Sousa, em 1530, foi o primeiro a ter essa competência, num sistema que já tinha então maior amplitude, ajustado às condições americanas. Um ato de 1548 legalizou o caráter latifundiário das concessões, contrário ao estatuto português. Estabelecidas as capitanias hereditárias, o poder de distribuir sesmarias passou aos donatários e governadores.

Em 1822, graças às concessões liberais e desordenadas, os latifúndios já haviam ocupado todas as regiões economicamente importantes, nas imediações das cidades e em pontos próximos dos escoadouros da produção. Os proprietários de grandes áreas não permitiam o estabelecimento de lavradores nas áreas incultas senão mediante vínculos de dependência. Quando o governo baixou a Resolução nº 017, promulgada pelo Príncipe Regente D. Pedro, a qual suspendeu a concessão de terras de sesmaria até que nova lei

regulasse o assunto, não havia mais terras a distribuir. Estavam quase todas repartidas, exceto as habitadas pelos índios e as inaproveitáveis. Em suas origens, o regime jurídico das sesmarias liga-se aos das terras comunais da época medieval, chamado de *communalia*. (grifo nosso).

O vocábulo sesmaria derivou-se do termo sesma, e significava 1/6 do valor estipulado para o terreno. Sesmo ou sesma também procedia do verbo sesmar (avaliar, estimar, calcular) ou ainda, poderia significar um território que era repartido em seis lotes, nos quais, durante seis dias da semana, exceto no domingo, trabalhariam seis sesmeiros. A média aproximadamente de uma Sesmaria era de 6.500m². Esta medida vigorou em Portugal e fora transplantada para as terras portuguesas ultramar, chegando ao Brasil o Sistema de Sesmaria foi uma prática comum em todas as possessões portuguesas, como podemos constatar no processo de ordenamento jurídico na promoção da ocupação de terras no novo mundo, dado pelos portugueses logo que decidiam ocupá-las e povoá-las.

O Modelo foi radicado e posto em prática pela política de ocupação portuguesa para suas colônias do além mar, formando Colônias de Povoamento e Exploração; modelo este levado à exaustão por longos séculos de expropriação de propriedade de terceiros sem tomar conhecimento, quem era ou quem poderia reclamar sua posse, montando um aparato de dominação e extermínio dos opositores, neste caso os primitivos habitantes dessa região, os povos silvícolas (erradamente chamados pelos “europeus civilizados e cultos” de índios), que compunham diversas nações e etnias.

A Várzea Grande, antes do Ato do governo Provincial de José Vieira Couto Magalhães, era uma região explorada como qualquer outra nesta busca por veio aurífero, ocupada por aventureiro, alguns correndo do fisco real instalado na Vila Real do Senhor Bom Jesus do

Cuiabá. Consta informações não oficial, um processo de ocupação por Ato Real, em que é concedido uma Sesmaria aos Índios Guanás, habitantes da região e por serem mansos e estarem este em atos comerciais com os bandeirantes paulistas e moradores da Vila do Cuiabá. Inclusive é este a origem do topônimo da localidade: Várzea Grande dos Índios Guanás⁵, doada aos Guanás em 1832, por Ato do Governo imperial. Quanto ao caminho obrigatório para o oeste e sul da província, a Várzea Grande era desde o início do processo de ocupação dos primeiros aventureiros, que por esta região se atreveram avançar, em terras pertencentes ao Reino de Espanha por força do Tratado de Tordesilhas de 1494, mas sim caminho de tropeiros e boiadeiros.

Esta doação de terras em sesmaria a silvícolas mansos ou agressivos são bastante questionáveis, tendo em vista a atividade que interessavam aos portugueses e paulistas no início da marcha para o oeste, como fora denominada a aventura dos bandeirantes nesta região, aprisionar indígenas para o trabalho forçado em São Paulo, por representar mão de obra mais barata e bem como investigar a existência de metais preciosos, o que acabou ocorrendo e mudou todo o interesse por estas terras. Porém o trabalho forçado não seria agora para as lavouras de café paulista, e sim as minas de ouro que precisavam de todo o esforço para delas jorrar toda riqueza possível.

Os silvícolas e negros eram considerado uma forte mão de obra e “não ser humano, sim mercadoria”, como escravos podiam ser comercializados em mercados e, portanto, propriedade de donatários de terras aqui ou em qualquer região onde estivesse e fosse necessário mão de obra de baixo custo, onde neste período da história, a mão de obra negra já estava muito dispendiosa para os latifundiários.

⁵ [http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A1rzea_Grande_\(Mato_Grosso\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A1rzea_Grande_(Mato_Grosso))

Conflito na Bacia do Prata

O conflito que aqui a história o chamou de Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado ocorrido na bacia do Prata, na América do Sul, travado entre o Paraguai e a Tríplice aliança formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai.

Em 1862, Francisco Solano Lopes, governante paraguaio, chamado de EL Supremo, o qual sucedeu seu pai na condução do destino da nascente nação que desde 1811, nascera do desmembramento do Vice-reino do Prata, quando adquiriu sua autonomia política, sob o comando de um ditador.

Solano Lopez ambicioso e com formação européia, onde obteve conhecimento e direcionou o seu pensamento político inspirado nos déspotas europeus do século XVIII e no Imperador da França Napoleão III. Com tendência expansionista era defensor do projeto de um “Paraguai Maior”, com acesso direto ao Oceano Atlântico.

A fuga de Aguirre em consequência da invasão do território do Uruguai, pelo exército brasileiro, na defesa dos interesses nacionais na região sul brasileira, que sofria as consequências de constantes incursões organizadas pelo Líder Uruguai do Partido Blanco, em uma região que havia grande criadores de gado. Diante dos ocorridos o governo brasileiro resolveu intrometer na política interna do Uruguai, para proteger o território gaúcho, da intromissão de Aguirre. As incursões brasileiras em território Uruguai, e a expulsão

do líder do Partido Blanco e sua retirada do poder uruguaio, em que promove e apóia o Partido Colorado, entregando o comando da Nação Uruguaia sob o governo de Venâncio Flores que declara apoio ao Brasil sem reserva, pelo apoio recebido.

A intervenção brasileira na política interna uruguaia provocou a imediata reação de EL Supremo, governante paraguaio, onde explode no Rio de Janeiro a notícia de que o Paraguai, sem prévio aviso nem declaração de guerra, capturou o Navio a Vapor Brasileiro Marquês de Olinda, que saía de Assunção com destino a Cuiabá, o qual tinha a bordo o presidente da província de Mato Grosso Frederico Carneiro de Campos.

Solano Lopez armou um esquema de combate esperando obter o apoio dos membros do Partido Blanco no Uruguai e dos Coudilhos (nobres e grandes fazendeiros influente) da Província de entre rio na Argentina na pessoa do general Urquiza. Reuniu a princípio, 64 mil combatentes, elevando-os posteriormente a quase 100 mil. Fortalezas de uma pequena esquadra fluvial completavam o poderio bélico do paraguaio.

Ao final de 1864, o presidente paraguaio determinou a invasão da Província de Mato Grosso, chegando a Dourados (Município do atual Mato Grosso do Sul). Pediu autorização da Argentina para cruzar seu território e invadir o Rio Grande do Sul. O governante argentino Mitre, recusou o pedido, e Lopez determinou a invasão do território argentino.

Em 1865, Solano Lopez ordenou a divisão das forças, que passaram a atacar simultaneamente, o norte e o sul. Nesse mesmo ano, brasileiros, argentinos partidários de Mitre e Uruguaios colorados de Flores assinaram o Tratado da Tríplice Aliança, contra o governante paraguaio.

O Exército invasor paraguaio fora cercado e rendeu-se em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, em 1865. Uma coluna militar Imperial brasileira infiltrou-se por trás das linhas inimigas no Mato Grosso, numa região pantanosa.

O conflito chegou ao seu ponto Maximo em 1866. Forças inimigas defrontaram-se em Tuiuti, movimentando aproximadamente 65 mil soldados. Foi a maior batalha da guerra, na qual morreram mais de 10 mil homens.

Na historia de Mato Grosso, sobressai o episódio da Guerra do Paraguai, onde Mato Grosso contribuiu para a Pátria de modo notável, fazendo frente aos avanços das forças de Francisco Solano Lopez sobre o território matogrossense, qual for a escolhido por Solano Lopez para sua primeira frente de guerra, o qual julgava que a Província não representasse maior empecilho aos avanços do bem treinado e equipado exercito paraguaio, daquele tempo ao tomar posse de um grande vazío, embora não representasse ganhos bélicos notáveis. Sem duvida assegurava uma larga frente territorial, uma vitória estrondosa para inicio de guerra, tornando-se um fato nada desprezível de tática, pela s suas estratégicas pessoais de guerra, um triunfo para começo de batalha sobre o território provincial de Mato Grosso.

O sucesso das investida das tropas de Solano Lopes, e a reação das tropas aliadas, tendo que atender a defesa do próprio território, frente ao sucessos empreendido pelas forças aliadas Rio Paraguai acima. Os matogrossenses, por sua vez com meios improvisados podiam fazer frente aos paraguaios descendo o Rio Paraguai.

O novo presidente da Província de Mato Grosso Dr. José Vieira Couto de Magalhães, empossado a 02 de Fevereiro de 1867, organizou três corpos de Expedicionários voluntários da Pátria – para

retomar Corumbá. O conselho de Oficiais julgou a tarefa impossível, mas o capitão Antonio Maria Coelho se levantou e tomou posição, levando a crer que poderia retomar Corumbá com “igaritês”, canoas, e que estava pronto para dirigir as forças matogrossense. Couto de Magalhães investiu Maria Coelho no comando das tropas, comissionando-o à Tenente Coronel.

O Plano era atingir Corumbá em movimento de pinça pelo sul e pelo norte e se surpresa não dando tempo por nenhum dos lados aos invasores paraguaios.

As estratégias sob o comando do Ten. Cel. Antonio Maria Coelho, esperariam o corpo que desceria os Paraguaios embarcados em 20 canoas de grande porte, partindo de Cuiabá, mas temendo que os paraguaios descobrissem o estratagem do envolvimento pelo sul, Antonio Maria decidiu desfechar o ataque de surpresa a Corumbá, utilizando para somente um corpo de expedicionários. A guarnição paraguaia de cerca de 200 homens fora tomada de surpresa sem chance de defesa, porém reagiu em violenta luta corpo-a-corpo, resultando em apenas 27 prisioneiros paraguaios. O Tenente Coronel Maria Coelho perdeu 09 homens e 27 ficaram feridos.

A Várzea Grande

Ao longo do conflito ocorrido na bacia do Prata, é que o governante matogrossense Dr. José Vieira Couto Magalhães, a frente das forças Provinciais de Mato Grosso e seus oficiais, e Cuiabá contando com a presença de inúmeros prisioneiros paraguaios, os quais poderiam provocar reação violenta dos cuiabanos pelas incursões que o seu governante Francisco Solano Lopez realizara em território de Mato Grosso, somadas as notícias de atrocidades, que mesmo tardiamente chegavam a Cuiabá e isto poderia causar conflitos e o processo de guerra, poderia tomar rumos diferentes das estratégias de guerra planejada pela Aliança.



Um conflito doméstico não interessaria a nenhum governante Provincial, pois poderia tirar a atenção e colocar os esforços dos fracos recursos disponíveis à província, mudando o foco do conflito, que invadira a província.

Numa atitude politicamente correta, fora a decisão tomada pelo então Presidente da Província Dr. José Couto de Magalhães⁶, para dar proteção aos prisioneiros de guerras de origem paraguaia, criando um local para colocá-los em segurança. Assim, em 15 de Maio de 1867, criou o Chamado historicamente “Campo Concentração”⁷ de Prisioneiros Paraguaio na varzearia existente após a margem do Rio Cuiabá, distante do acesso dos cuiabanos, colocando a disposição dos prisioneiros um corpo de guarda, executado por soldados provinciais, para vigiá-los e protegê-los de possíveis ataques dos cuiabanos, revoltos com as atrocidades praticada pelo soldados paraguaios sob o comando de seu governantes Francisco Solano Lopez.

As terras onde hoje se assentam a cidade de Várzea Grande, e povoada históricos com origem no período colonial brasileiro, ocupados e povoados pelos aventureiros paulistas, como o Distrito de Bonsucesso, Engordador, Guarita, Passagem da Conceição, Manga, São Gonçalo, Capão Grande e Porto Velho, os quais compreendiam as Sesmarias de Capão do Pequi, do Bonsucesso, de São Gonçalo, de

⁶ Fonte: Foto do Brigadeiro José Couto de Magalhães – acervo Fundação Julio José de Campos – de Aureliano Leite.

⁷ Consideramos esta criação legítima do ponto de vista histórico, porém denominá-lo de campo de concentração é para atualidade, século XXI, um tanto pejorativo, uma que no nosso universos de cidadãos da primeira metade do século XX e diante de todas as atrocidades que os Alemães nazista praticaram em Campo de Concentração, fica difícil continuar com esta afirmativa no processo histórico de criação de um espaço que pudesse dar abrigo e segurança aos prazos paraguaios que se encontravam em Cuiabá, capital provincial durante os conflitos que originaram na Bacia do Prata. Estas considerações justifica-se diante das relações estabelecidas entre soldados, tropeiros e paraguaios que viviam em terras várzeagrandense, em que muitos fixaram residência e dedicaram ao comercio de carne seca e manteada e logicamente ao plantios de roças e pequenas iniciativas produtivas mesmo durante os conflitos.

Passagem da Conceição, da Chácara São João e uma grande parte de terras devolutas, na maioria chapadões e cerradas com alguns capões de modesta densidade.

À margem direita do Rio Cuiabá, na orla ribeirinha que, em hemicírculo, se estendia da boca do Ribeirão Pari até a Praia Grande, a vegetação melhorava nos lugares onde os afluentes desembocavam no histórico Rio das Bandeiras.

Fronteira às poucas casas que pontilhavam as concavadas barrancas da margem esquerda {capital mato-grossense}, havia um porto improvisado início da rota primeira dos bandeirantes, rumo ao norte. Era ali o ancoradouro de canoas e batelões da época a que se apelidou, depois, “Passagem Velha”.

No meado do século XIX, por estas terras transitavam os homens da Vila de Nossa Senhora do Livramento, das fazendas do Pirizal e da região poconeana. No porto tinha origem a tortuosa e má estrada boiadeiras, que se prolongava até dois mil metros, num plano só, quando em curvas de morrotes ganhava a altura de uns 15 metros, para formar o modesto planalto, sobre o qual está hoje o campo de aviação Marechal Rondon e, adiante, a Várzea Grande.

A partir da ravina formada junto ao tanque de Umbaúval, iniciava-se leve depressão, que se estende até a Lagoa Jacaré, no sentido oeste-leste (cerca de um quilômetro de extensão), onde as águas pluviais formavam um, banhado irregular, estreito e de pouca vegetação marginal. A estrada tortuosa que vinha do referido porto, tomando o sentido NE-SO, após transpor as ladeiras do Morro Vermelho, como se denominaram a diferença de nível citada, seguindo sempre para SO, atravessava cerca de mil metros de chapadões, em declive suavíssimo, até encontrar este banhado que há muito vinha servindo para ponto de pouso dos viajantes, carroceiros e principalmente aos

boiadeiros que ali matulavam e punham bois e cavalos a pastar. Dada a extensão da Várzea, passaram a chamá-la de Várzea Grande e a marcar encontro nesse lugar, quando das viagens projetadas para o norte ou para o oeste. Havia nas cercanias um e outro rancho de pobre lavrador e, junto à várzea, alguns deles desocupados, abertos, que ofereciam precário abrigo aos boiadeiros em pouso, habituados à dura lide com o gado que, de Poconé e Nossa Senhora do Livramento, vinham como ainda hoje para o consumo dos habitantes da Capital.



Av. Couto Magalhães em 1957

Transpondo a várzea, a uns cem metros do lugar por onde hoje localiza a Avenida Couto Magalhães, cruza o soterrado leito do antigo lençol d'água, continuava a estrada boiadeiras, em terreno sempre plano (de sinalíssima movimentação), passando pelos córregos

Traíra, Piçarão, Formigueiro e outros, em declives leves, mas que, no entanto, eram torrentosos e de difícil acesso após as grandes chuvas, pois aquelas terras estavam em completo abandono e as travessias eram realizadas a vau (não havia pontes).

Nas terras do município de Várzea Grande não há elevações (morros, colinas), podendo afirmar-se que a inclinação mais forte em toda a sua área é a rampa chamada Morro Vermelho modelado do terreno que o milenar serviço de erosão conquistou, para ajudar na formação do rio Cuiabá. O predomínio é dos chapadões cobertos de cerrados e uns poucos capões, exceção feita da marginal área do Cuiabá e do seu afluente, o rio Pari, onde a macega fora densa outrora. Hoje está desgastada pela ocupação constante do homem da lavoura, cujo amanhã, ainda assim nos moldes antiquados, não permite a recuperação da flora, esterilizando o solo. Entretanto, na orla ribeirinha, além dos pescadores, vive a quase totalidade dos lavradores várzea-grandenses, apegados ao plantio da cana, fumo, arroz, mandioca, capim de praia e horticultura.

O município é inclinado às indústrias, datando da sua fundação o seu início nos tipos manuais, onde nessa época, meados do século XIX, as sedes de sesmarias funcionavam em casas de adobes, existindo alguns lavradores espalhados pelas orlas dos capões ou encostados à margem do Cuiabá, onde viviam a princípios os aborígenes, da escassa lavoura, da pesca e das canoas, nas quais levavam o peixe, a lenha e a verdura para Cuiabá, para fazerem suas compras no comércio do porto segundo distrito.

Estes poucos lavradores residiam em choupanas isoladas a centenas de metros de distância uma da outra, pois o resto se resumia nos boiadeiros sem pouso certo, levados pelos cavalos às fazendas ou para Cuiabá, constituindo então, aquelas paragens das terras da futura

Várzea Grande, apenas elo entre compradores e vendedores de gado. Da oportunidade se serviram muitos homens afeitos aos negócios ilícitos, para ali se fixarem em atividade de desonestos objetivos (abate de reses roubadas). Não obstante a vizinhança dessas terras com as de Cuiabá, só depois de século e meio da sua descoberta Várzea Grande, durante os conflitos que originaram a Guerra do Paraguai, foi fundada em 1867 a Várzea do Boiadeiro e ocupada por aventureiros na busca de riquezas, onde prestaria outro serviço ao homem.

Desde que se fundou Cuiabá, após as descobertas de Sutil, o bandeirante audaz transpôs o rio e tentou a mineração nos córregos e encostas do Morro Vermelho, vasculhando as terras várzea-grandenses que nada lhe ofereceram de surpresas - nem do ouro nem de gentio - dando-lhe, porém acesso a todo o norte e oeste, franqueando-lhe um mundo novo como Rosário Oeste, o fabuloso Diamantino, Coca, Beri - Poconé e a Vila Bela, que os audazes Paes de Barros foram fundar no imenso coração da selva, muito brutal, imensamente palustre, eternamente rica, onde o ouro, às mancheias, arrastou na ambição natural toda a população cuiabana, num êxodo de resultados funestos para alguns e satisfatórios para outros.

Várzea Grande recebeu e viu passar pelos seus caminhos todos esses bandeirantes do século XVIII: os que partiram para desbravar o norte e o oeste e os que lograram regressar.

Ainda hoje, como naqueles anos de desbravamento, Várzea Grande cumpre esse brilhante destino de ser o corredor por onde convergem ou divergem do Centro Norte Matogrossense os homens de agora e os do amanhã, a partir deste ponto de acesso.

Ora, visando o ouro e terras melhores, mais ricas e mais férteis, os bandeirantes cruzavam o Rio Cuiabá, passavam por Várzea Grande, aventurando-se pelo norte e a esta região de acesso, e

extremamente ligada à Capital sobrou apenas o interesse por Várzea, como ponto de pouso e de pastoreio dos animais, durante décadas.

A Várzea Grande deste século XXI, seguirá o seu caminho no processo de desenvolvimento, situando-se como cidade industrial e consolidar no processo jurídico de sua criação e alcançar a emancipação política.



Cuyabá, A Barca Pêndula sobre o Rio Cuyabá

Com o fim dos conflitos da Guerra do Paraguai, pessoas de várias partes, especialmente da cidade de Nossa Senhora do Livramento fixaram residência no pequeno povoado em ascensão. Surgiram então os primeiros comerciantes, aumentando o pequeno núcleo populacional.

Marcando a sua estratégia de posição de passagem e caminho que leva ao interior da província, em 04 de julho de 1874, inaugura-se a primeira balsa, e iniciando à travessia entre Cuiabá e Várzea Grande, o que permitiu transportes de volumes e mercadorias daquele entreposto comercial para a capital – a balsa fez história.

O primeiro professor da Vila foi o Mestre Bilão, que improvisava suas aulas aos poucos alunos que conseguiu arrebatado, em baixo

de frondosa mangueira. Uma professora que marcando presença na história desta terra e sua época foi Adalgisa de Barros, os seus esforços deu um novos rumos ao ensino na localidade. Várzea Grande lhe deve a implantação do primeiro teatro do antigo povoado.

A primeira igreja foi a de Nossa Senhora da Guia. Sua construção foi devida a um movimento histórico, liderado por Elesbão Pinto e depois por Sebastião dos Anjos. A obra foi concluída no ano de 1892.

Pela Lei Provincial nº 145, de 06 de abril de 1886, elevou o povoado de Várzea Grande, a categoria de Paróquia. Em 1899, a Paróquia já contava com cartório, sub-delegacia de polícia, duas escolas pequenas e uma urna para uso dos eleitores.

A Revolução de 1930 determinou significativas mudanças no sistema político e social de Várzea Grande. Em 1942, o interventor Júlio Muller inaugurou a ponte de concreto, unindo Várzea Grande a Cuiabá, e dotou o terceiro distrito de energia elétrica, consolidando seu crescimento.

A Lei Estadual nº 126, de 23 de setembro de 1948, de autoria do deputado Licínio Monteiro criou o Município de Várzea Grande, com território desmembrado do Município de Cuiabá. O primeiro prefeito municipal nomeado foi o Major Gonçalo Romão de Figueiredo.



Instalação do Município de Varzea Grande em 1949. A partir do segundi, da esquerda para direita, vemos Marechal Cândido Mariano Rondon, Governador do Estado de Mato Grosso Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, Presidente Eurico Gaspar Dutra e o Senador Filinto Muller.

No período da emancipação de Várzea Grande, quem Governava Mato Grosso era Arnaldo Estevão de Figueiredo, que se notabilizou como grande incentivador da política migratória e de expansão em Mato Grosso.

A Várzea do Boiadeiro sempre mostrou vocação para ser cidade de grande porte, e parecia haver nos primeiros moradores uma exagerada autoconfiança em relação ao futuro da pequena vila, que viria transformar-se na cidade industrial de Mato Grosso.



Vereadores da primeira e segunda legislaturas. Da esquerda para a direita, Manoel Santana, Majorzinho (em pé) Júlio Domingos de Campos, Joaquim Coelho, Heróclito Monteiro, Belinho, Napoleão José da Costa, em pé, Rubens dos Santos e Benedito Gomes. O segundo da esquerda para a direita, Majorzinho, Estevão Ferreira da Cunha, um dos incentivadores do crescimento do antigo Sovaco, hoje Souza Lima.

Segmento econômico este que marcou o futuro de Várzea Grande. A vocação industrial ganhou notável impulso. Inúmeras doações de áreas, incentivos fiscais de toda natureza, infra-estrutura adequada permitiram a atração de grandes grupos financeiros. Disseminou-se a industrialização, a Alameda Júlio Muller, antigo caminho de pescadores, ganhou ares de distrito industrial, instalou-se ali a empresa Sadia Oeste, grande geradora de divisas e empregos. Nas proximidades cresceu o grande bairro Cristo Rei, o maior de Várzea Grande e celeiro da mão-de-obra local.

A explosão da industrialização, ocorrida em quase todos os quadrantes do município estimulou o comércio, que ferve em toda a extensão da Avenida Couto de Magalhães.

A Várzea Grande Jurídica e Administrativa

Distrito criado com a denominação de Várzea Grande, pela Lei Estadual nº 145, de 08 de Abril de 1896, no Município de Cuiabá. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o Distrito de Várzea Grande figura como área do Município de Cuiabá.

Em divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, o Distrito de Várzea Grande permanece no Município de Cuiabá. Assim, permanece no quadro fixado para vigorar no período de 1944/1948. Quando elevando a categoria de município com a denominação de Várzea Grande, pela Lei Estadual nº 126, de 23 de Setembro de 1948, sendo desmembrado do Município da Capital do Estado Cuiabá e Nossa Senhora do Livramento.

O Distrito de Várzea Grande, Constituído como Distrito Sede, é instalado Município em 27 de Julho de 1949. A Várzea Grande antes da instalação oficial de sua emancipação política, já tinha em seu território o Distrito de Bonsucesso, o qual fora criado pela Lei Estadual nº 9.593 de 24 de Dezembro de 1948 e fora em seguida incorporado ao Município de Várzea Grande.

Na seqüência desta emancipação política e facilitando a administração pública, para isto é que existem os distritos, dando autonomia a uma região, sendo criado pela Lei Estadual nº 370 de 31 de Julho de 1954, o Distrito de Passagem da Conceição, pertencente

até então o Município da Capital Cuiabá, fora assim, transferido sua vinculação ao Município de Várzea Grande.

Em divisão territorial datada de 1º de Julho de 1960, o município fora constituído de três Distritos: Várzea Grande, Bonsucesso e Passagem da Conceição. A Lei Estadual nº 2131, de 21 de Janeiro de 1964, cria o Distrito de Porto Velho e incorporado ao Município de Várzea Grande. Na seqüência das divisões de terra, em 1976, a Lei Estadual nº 3701, de 14 de Maio de 1976, é criado o Distrito de Capão Grande e incorporado ao Município de Várzea Grande. Na divisão territorial datada de 1º de Janeiro de 1979, o município tem constituído em seu território cinco Distritos: Várzea Grande, Bonsucesso, Capão Grande, Passagem da Conceição e Porto Velho, na região do atual Cristo Rei.

Várzea Grande cresceu, conta na atualidade segundo censo de 2010/IBGE, com 254 mil habitantes, uma cidade moderna, conhecida como cidade industrial, formando uma conurbação com a capital Cuiabá, sendo as duas cidades separadas apenas pelo Rio que empresta o seu nome à capital de Mato Grosso, o Rio Cuiabá, compondo a Região Metropolitana da Capital Cuiabá Matogrossense.

A Várzea Grande, étnica Industrial e Comercial

A formação étnica das futuras gerações varzeagrândense tiveram acentuada sua origem nas três castas sociais (humildes): soldados, presos paraguaios e vaqueiros.



Antigo Matadouro Modelo instalado em Várzea Grande

Com o abate das reses e a manteação e secamente de carne bovina, muito apreciada pelos aventureiros que pelas estrada boiadeiras da varzearia, faziam paradas e caminho rumo ao sul e oeste da província, tornaram os primeiros moradores do povoado ao embrião da vocação industrial e comercial da região, através do aproveitamento dos couros, fabricando laços, cordas, moitões, sogos, peias, caronas, tropins, guardas, arreamentos em geral, vendidos quase

sempre de encomenda a cuiabanos e fazendeiros, e aos proprietários de sítios de Nossa Senhora do Livramento e de Poconé.

A venda da produção era imediata, conduzida a comercialização, pelo meio de transporte muito utilizado na época a cavalo, em carroça em tração animal e o carro de bois, uma vez que o sistema de transporte fluvial mesmo usado e possível representava ao pequeno produtor algum risco diante de suas condições precária.

Firmaram-se assim, o início do povoado, tão logo se armaram as barracas do acampamento no lugar, graças abundância de água na varzearia, retirada o ano todo das cacimbas (minadouros) existentes a jusante de pequena elevação do Umbaúval, marco inicial de Várzea Grande.

No contexto histórico, é possível identificar também outros fatores para a imediata fixação do povoado, os quais foram:

- A travessia do banhado pela sinuosa e única estrada que ligava o interior Sul e Oeste à Capital;
- O comércio de reses abatidas nas imediações da várzea.

O soldo militar das praças do acampamento sediado na varzearia, não temporariamente, mas durante três anos, uma vez que a guerra terminou em 1870.

A segurança com que contaram os prisioneiros e o campo de trabalho fácil, encontrado pelas atividades laborais de iniciativas populares, como plantio e a criação de bovinos e o fácil comércio da carne na região desde que chegaram, sem qualquer hostilidade dos brasileiros que, distanciados das áreas afetadas pelas batalhas, outro interesse não tinham, senão o da sobrevivência, servindo-se agora do braço operoso e competente, para dilatar o comércio da carne e dos utensílios produzidos a partir do couro bovino.

A garantia da imediata fixação, ocorrida por um período superior a mais de dois anos, com a existência do acampamento, assegurou a fundação do povoado de Várzea Grande, tanto que, quando o governo, em 1870 determinou fosse recolhido o destacamento a capital da Província Cuiabá, declarando liberdade integral aos prisioneiros paraguaios, muitos soldados solicitaram baixa das obrigações militares, deixando a caserna para fixarem residência na varzearia, contando a região com a presença de alguns paraguaios em liberdade continuaram no povoado, eis que lá estavam já com suas choupanas, plantações, afeitos ao comércio da carne e do arreamento.

Assim, se iniciava a década do pós-guerra e uma povoação nova surgia alicerçada numa diminuta população, formada por lavradores, remanescentes de tropas, soldados, presos paraguaios libertados, vaqueiros e os verdadeiros operadores dos abatedouros de bovinos, chamados como carnicheiros.

Daí em diante, pessoas de Nossa Senhora do Livramento vinham fixar residência no novo povoado, surgindo os primeiros bolicheiros (pequenas iniciativas comerciais varejistas), firmando e garantindo estabilidade ao pequeno povoado nascente, que fora se desenvolvendo para que em 12 anos depois, em 1879, ter chamado a atenção do governo da Província, para assistencial social as famílias locais, com educação e outros serviços prestados pelo poder público provincial.

Registra-se ainda, que a varzearia, tornara o ponto preferido dos ladrões de gado, no século XIX, pela facilidade com que contavam para transformar o couro do gado abatido em correame, uma vez que as marcas deste a fogo denunciariam a procedência das reses, caso fossem elas negociadas em peça única.

Sobre a iniciativa do espaço para proteção e garantia de segurança de prisioneiro paraguaios, decidida por José Vieira Couto Magalhães, escreveu Moutinho, em suas análises sobre a Província.

Acha-se situado na beira de uma lagoa, cujas exalações produzem a febre, que pelo seu caráter, conhecido em pouco tempo, dará cabo do pequeno resto de forças que tem a Província.

Mais tarde constataram que Moutinho andara apressado em suas críticas, pois não se tratava de nenhuma lagoa, mas sim de uma várzea alongada, cujas águas eram renovadas pelas dos minadouros, os filetes que brotavam a jusante da suave elevação do Umbaúval. E tanto, era verdadeiro este desmentido, que o povoado cresceu e o lugar sempre foi saudável, pois a antiga cidade de Várzea Grande, sem nenhum serviço de saneamento, não carregava a leva de mosquitos que infestava a maioria das cidades e vilas matogrossense.

A partir de 1870, o povoado, apresentou crescimento lento de pouca expressividade, pois a não ser o abate das reses para manteação, a lavoura, a fabricação da lenha para venda em bruacas e canoas e alguma indústria manual, tudo o mais se resumia num acanhado comércio varejista, sem nenhuma significação. Não se registrou, durante uma década, qualquer fato interessante e tudo dependia de Cuiabá, onde a venda do exíguo produto era feita, completando-se, ato contínuo, a operação de compra e venda, com a aquisição das utilidades que então levavam para o povoado.

No decorrer desses primeiros 20 anos de existência do povoado, a gente simples da Várzea Grande embrião vivia do penoso trabalho de todos os dias; as mulheres nas lides caseiras, no fabrico de redes, pois alguns teares foram aparecendo e, de lata d'água na cabeça, cobriam o itinerário das cacimbas a casa; os homens, no

rudimentar amanho de terra, no abate de reses ou na viagem a pé e a cavalo à Capital, na constante operação de compra e venda.

A trilha boiadeira, percorrida todos os dias, descia o Morro Vermelho, tortuosamente, marginada pela sombra de combarus, pequizeiros e paratudos e, mais além, pela vegetação rasteira de ariticum, juá e marmelos, seguindo, até encontrar área plana na Manga, algumas dobras de terreno, que os morrotes de feitura antediluviana apresentavam. Depois os tratores deste século vierem remove-las em parte, para tirar a sinuosidade desse trecho inclinado, deixando hoje, às nossas vistas, a suave rampa asfaltada que permite acesso fácil ao Campo de Aviação Marechal Rondon, Várzea Grande e vice versa.

A vida dos várzea-grandenses primeiros era assim feita do trabalho árduo, do ganha pão forçado, ao sol causticante do nosso clima tropical.

À noite, porém, festejando a semivirgindade daquela natureza, a luz diáfana da lua, maciamente iluminava o povoado. Homens e mulheres permaneciam até tarde nos terreiros batidos, fronteiros aos ranchos, de cócaras ou sentados nos toscos bancos de pranchões, tocando a viola de cocho ou cantando as toadas da época, como que a retemperarem as energias para a faina do dia seguinte. Assim viveram os homens do passado em Várzea Grande e, por muitos anos, assim estiveram neste século, gozando, porém, já dos benefícios advindos da criação da paróquia e do distrito, até ser elevada à categoria de município, evento este que veio marcar nova era na existência da antiga várzea dos vaqueiros.

Até a abolição da escravatura no Brasil, não se registrou fato algum de grande importância e nem houve progresso digno de menção no povoado.

Em Várzea Grande, restos de antigos muros (taipas de saibro socado) e a quantidade notável de negros constituem indícios indiscutíveis de que o povoado possuiu escravos e senhores, sendo tais vestígios mais acentuados nas terras da antiga chácara São João, propriedade de João Vieira de Azevedo, em cuja residência grande, de estilo antigo, destacava-se até 1960, um varandão lateral, aberto, semelhante à pequena senzala e que os moradores do porto afirmam tratar-se, evidentemente do lugar em que se alojavam escravos dessa chácara.

As terras de João Vieira, ademais, a partir da “passagem velha”, iam para além de um grande capão, que ficava próximo das lagoas do Jacaré e dos Patos, Usina São Gonçalo e do córrego do Rabelo, o que passou a denominar-se Capão do Negro, pois para ali fugiam os escravos; a princípio, no século XVIII, em Cuiabá e no século XIX, da Usina e da Chácara São João homiziando-se nesse capão, o fato é um tanto lendário, pois não há registros, apenas informações.

Consta que a extinção da escravatura em 1888 não foi reconhecida pelos senhores, que não libertaram seus escravos, pois estes “chefes” viviam distanciados da força do poder público, indevidamente amparados pelo coronelato da política da época.

A Educação em Várzea Grande

O povoado em 1870, contavam com algumas crianças e adolescentes e alguns problemas de assistência educacional, razão pela qual o governo provincial naquele ano, destinara no orçamento verba para pagamento do primeiro professor da Várzea Grande embrionária.

Assumiu esse cargo o mestre Bilão, como era conhecido, e que no lugar que tomou o nome de Bosque por causa das altas árvores ali existentes, montou a escolinha, que se limitava ao ensino do abecedário, da cartilha e da tabuada. O número de alunos era de uma a duas dezenas, até a proclamação da República, não registrando os anais o fim da carreira de mestre Bilão. Sabe-se que após a proclamação a primeira professora de Várzea Grande foi Dona Mariana Serra (Dona Filinha), que exerceu o cargo numa casinha ao lado da Igreja Nossa Senhora da Guia, na várzea.

Esta professora exerceu o magistério em Várzea Grande durante muitos anos, até ser jubilada no primeiro governo do Dr. Mário Corrêa. Outro antigo professor de Várzea Grande foi a mestra Jacobina, que ao tempo de D. Filinha ministrava aulas, nas primeiras décadas deste século, a alunos da escola masculina.



Inauguração do Novo Prédio da Escola
Profª Maria Barbosa Martins - após a enchente de 1974

A história da educação várzea-grandense contempla os distritos e povoados, com origem ainda nos tempos coloniais, em que há um dedicação ao processo de ensino e formação do cidadão desde suas origens, sendo registra no início do século passado a organização de salas de aulas para o ensino do letramento a crianças e adolescentes. Neste caso específico encontramos no Distrito de Bonsucesso a idealização e a preocupação com a educação local ainda em 1908.

Especificamente a educação no histórico distrito de Bonsucesso está inteiramente ligada à criação da primeira escola com o nome de Escola Rural Mista de Bonsucesso naquele povoado em **1908**, tendo como primeiro educador o professor Miguel José da Silva, o qual em seu terreno abrigava a sede da escola, localizado entre a propriedade do Senhor Adilson e a Chácara do Senhor Roni. Porém em **1915** foi transferida para Capão Grande.

Fui matriculado nesta escola que funcionava na Casa do Profº Miguel José da Silva, localizada no imóvel entre a residência do Sr. Adilson e a

Chácara do Senhor Roni, uma semana depois ela foi transferida para a Casa do Senhor Ponciano Gonçalves da Silva, onde hoje localiza o imóvel enfrente a Peixaria Beira Rio de Antonia, sendo que a transferência o professor Miguel foi aposentado e ficou substituindo-o a Professora Antonia Costa a qual esta viva e mora em várzea Grande. A professora ficou aqui por dois anos, depois foi transferida para Souza Lima, quando eu e outros alunos fomos com ela, como eu era muito pequeno ficava na casa de um conhecido, vindo só nos fins de semana para Bonsucesso.⁸

Em seu lugar foi criada, em outro terreno, pelo Decreto lei nº 511-A, no governo de D. Aquino Correa, sendo instalada neste local em 16 de março de 1920, a qual veio transferida da localidade de Sucuri, sendo denominada Escola Rural Mista. Com a enchente do Rio Cuiabá em 1974, o prédio escolar fora totalmente destruída e, somente foi reconstruída pelo governo municipal que a denominou pelo Decreto Municipal nº 163 de 23 de Junho de 1976 - Escola Municipal de 1º Grau Professora Maria Barbosa Martins, a qual atende uma comunidade discente, no período diurno, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, e o ensino médio em parceria com o governo do estado de Mato Grosso no período noturno.

Vale ressaltar que até a enchente de 1974, o mantenedor da educação publica em Bonsucesso era de responsabilidade do governo de Mato Grosso, passando logo após a sua reconstrução em 1976 para a responsabilidade do Município de Várzea Grande.

Estudei as séries iniciais em Bonsucesso. Fui

8 Joaquim Leite da Roza (rosa com Z mesmo) - Popular São Painha – 80 anos – nascido em 06 de julho de 1930 – no Distrito de Bonsucesso.

aluna da Professora Antonia Costa, na Escola Rural Mista de Bonsucesso – comecei aqui e terminei em Souza Lima (Antigo Sovaco), quando a sala de aula foi transferida para lá, funcionava na Casa de Eleutério. Depois fiz o Curso de Regência de Ensino no Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento do Magistério de Cuiabá, o qual funcionava onde fica hoje o 9º BEC - 9º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército Brasileiro. Terminei meus estudos me habilitando para o Ensino Primário do Estado de Mato Grosso, no colégio Salesiano São Gonçalo. Habilitei em Magistério pela Escola Estadual de 2º Grau Darwin Monteiro da Silva, onde hoje está o Colégio Couto Magalhães”. Iniciei o exercício Profissional no ensino em 1954, como professora na Escola Rural Mista de Bonsucesso, naquela época mantida pelo Estado de Mato Grosso, a qual já era no local onde hoje está atual Escola Profª Maria Barbosa Martins, hoje mantida pelo município de Várzea Grande. O prédio escolar naquele tempo era muito pequeno e era quase no meio da atual rua, pois era apenas um estreito caminho de carro de boi e animais. Em 1985 eu era professora responsável pela escola e em 28 de março de 1989, fui nomeada diretora, a qual foi inaugurada em 1976, dois anos depois da enchente de 1974, e já se chamava Profª Maria Barbosa Martins.⁹

9 Honorata Magalhães Ribeiro da Silva - Popularmente Dona Sinharinha – 74 anos – nasceu em Bonsucesso em 22 de dezembro de 1935. In memória em 1º de Maio de 2009.

em 1956 comecei a dar aulas na Escola Mista Rural de Bonsucesso, apenas com a formação elementar na época. Em 1967 retomei meus estudos pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – no Curso de Regentes de Ensino – no Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento do Magistério de Cuiabá, o qual funcionava onde fica hoje o 9º BEC - 9º Batalhão de Engenharia e Construção do Exército Brasileiro, era muito longe e difícil, mas a gente lutava por que gostava de estudar e lecionar. Em 21 de abril de 1967 terminei a o curso com o Título de Professora Habilitada para o ensino Primário do Estado de Mato Grosso no Ginásio Coração de Jesus. Em 29 de novembro de 1980, conclui a Habilitação em Magistério pela Escola Estadual de 2º Grau “Darwin Monteiro da Silva”. “Era ótimo lecionar aqui na Escola rural Mista de Bonsucesso, com uma turma de 30 a 35 alunos na sala em sistema misto, isto é com alunos de diferentes séries e idade. Tinha aluno peralto, (danados), mas não era difícil controlá-los. A gente dava conta!”¹⁰

Cheguei em Bonsucesso em abril de 1952, vim para ser professora na Escola Rural mista de Bonsucesso. A escola era pequena com uma sala apenas e um grande salão que aproveitava como sala de aula e tinha três dependência que era usa como residência dos professores. Eu morei com minha mãe e suas irmãs na escola.

10 Teonila Gonçalves de Miranda - 77 anos – nascida em 18 de outubro de 1933 em Bonsucesso.

Dar aulas naquela época era muito bom, pois a professora era muito respeitada por todos e pelos alunos. Infelizmente a gente só tinha a formação elementar e lecionava o que era possível. Quando a cheguei aqui tinha uma outra professora chamada Estervinha Santana Pinheiro, trabalhamos juntas por muito.¹¹

Podemos verificar que da sua criação até as primeiras preocupações com a formação educacional das crianças, passa apenas três anos, isto é em 1870, tem organizado salas improvisadas sob árvores para que as crianças não fiquem sem nenhum aprendizado como ler e escrever, e isto ocorrem graças ao espírito solidário do sertanejo cidadão simples que fixa mora nestas terras varzeagrandense, primeiro na varzearia o nascimento do processo educacional em seguida já existe um preocupação oficial, com a destinação de recurso para pagar o professor e a criação de escolas com a do distrito de Bonsucesso em 1908.

Atualmente Várzea Grande conta com uma rede Municipal de Ensino, que desde 2004 tornou-se Sistema com a implantação do Conselho Municipal de Educação, o qual tem disciplinado o funcionamento dos 73 Unidades de Educação pública e gratuita, coma oferta de atendimento em Creche, ensino fundamental com séries iniciais do Primeiro Ciclo – do 1º ao 3º ano – Segundo Ciclo – do 4º ao 6º Ano, (o que corresponde as antigas séries 1ª a 4ª Série do primário e a antiga 5ª Serie das series finais) na zona urbana, mantendo na Zona rural como o Assentamento Sadia III e o Distrito de Bonsucesso, também o ensino Fundamental das séries finais – o Terceiro Ciclo (antiga 7ª a 8ª Serie).

11 Gonçalves Barros da Rosa – 76 anos nascida em 10 de janeiro de 1934 – em Várzea Grande – criada em Cuiabá, no bairro duque de Caxias.

As localizadas no perímetro Urbano estão integradas dedicando sua oferta exclusiva a educação infantil os anos iniciais da educação do ensino fundamental para as séries iniciais, tornando assim o Sistema Especializado na formação inicial e no atendimento das primeiras letras, também com atendimento integral de toda a comunidade em idade escolar, com maior tempo para a qualidade.

A oferta no Sistema Municipal de Ensino, atende um número superior a 22,3¹² mil alunos a partir de 1,8 meses aos 03 anos em Sistema de atendimento integral nas Creches Municipais e na Educação Infantil Pré-Escolar com alunos entre 4 e 5 anos, na formação de primeiras letras e coordenação motora dos educando. O Ensino fundamental de Várzea Grande tem contemplado significativo avanços, é já é ofertado desde a criação do Sistema o Ensino Fundamental com duração de 09 anos.

A implantação da escola Integral está se consolidando com o Programa Mais Educação em parceria com o Governo Federal, ofertando atividades extraclasse a todos os alunos do Ensino Fundamental, em oficina que visam trabalhar as aptidões vocacionais do aluno, mantendo-o mais tempo na escola e buscando contemplar maior qualidade no processo de ensino aprendizagem.

12 Fonte: Educacenso - 2009 – SMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura – www.varzeagrandedmt.gov.br

A Religião

A partir de 1890, os poucos habitantes do povoado varzeano resolveram construir uma igreja junto à várzea. O movimento foi encabeçado por Elesbão Pinto e Sebastião dos Anjos, filhos do fundador Joaquim dos Anjos, que, auxiliados pelo pessoal da “Guarita”, passagem da Conceição e do Porto, depois de vários meses, conseguiram erguer a Igreja que recebeu o nome de Nossa Senhora da Guia Depois de uma série de providências, inclusive da fabricação de um cálice de ouro para o ofício da santa missa, e da organização de uma irmandade, começaram-se as rezas, os batismos e casamentos com os padres Ferro e Santos se revezando na celebração das missas uma vez por mês, vindos da Paróquia de São Gonçalo, em Cuiabá.



Igreja de Nossa Senhora da Guia nos promórdios do Nascimento de Várzea Grande - 1982

Na fase final do século, o pároco em Várzea Grande era o Padre Valeriano e o zelador da igreja o veterano Manoel Paulo que, após uma das missas verificou, ao recolher os aparatos religiosos, que o cálice de ouro já não era aquele que tinha em mãos e sim outro vaso de igual tamanho, porém de metal dourado e muito parecido com o primeiro. Preocupado o zelador levou o fato ao conhecimento da Irmandade da Igreja e esta passou a entender-se com o padre Valeriano que, inarredável, afirmava ser aquele o cálice que recebera com outros pertences da igreja.

Passaram-se os anos, mas a Irmandade da Igreja de Nossa Senhora da Guia, embora sindicasse, dando secretas buscas nas igrejas de Cuiabá, procurando o seu cálice de ouro, não obtinham êxito.

Um dia surgiu um boato de que o procurado cálice estava entre os aparatos da Igreja da Santa Casa de Misericórdia.

E para lá foram vários devotos de Nossa Senhora da Guia, convictos de terem encontrado o cálice de ouro da igreja de Várzea Grande.

Todavia, tudo não passou de um sonho de boato porque nada encontrou lá parecido com o dito vaso e ninguém conseguia apresentar provas contra nenhuma igreja vasculhada nesses tempos de Ponce e de Totó Paes. E assim apagou na memória daquela gente essa questão, que ficou célebre, mas morreu com o romper do século XX.

Como vimos, Várzea Grande tem como sua principal Igreja, por ser Padroeira, a de Nossa Senhora da Guia, inaugurada em 1.892.

Em 1954 foi construída a de Nossa Senhora do Carmo, demolida e melhorada e ampliada em 1970, sendo hoje a Catedral de Várzea Grande, sede da Paróquia sob a direção dos Missonários Saletinos.



Antiga procissão de Nossa Senhora da Guia. Os fiéis, fervorosos ainda hoje conservam a tradição e, todos os anos saem entre a procissão, louvando a padroeira do Município.

No Bairro Cristo Rei está o Seminário com o mesmo nome e uma igreja da Conceição, de Guarita, de Capela de Piçarrão de Limpo Grande de Souza Lima, de Praia Grande, de Capão Grande, de Bonsucesso. Na Alameda Julio Muller e na Ponte Nova, em cada lugar há uma capela do clero e da gente religiosa de ontem e de hoje.

As atividades evangélicas em Várzea Grande iniciaram-se em 1943, com o aparecimento da Primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia, seguida da Assembléia de Deus, Congregação Presbiteriana, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Cristã Universal, Igreja Pentecostal Seara do Senhor, Igreja Batista e outras denominações doutrinárias Evangélicas.

Figuram-se entre as grandes comunidades Cristãs, belas construções que demonstram a união desta comunidades, frente aos trabalhos de divulgação da fé, como ferramenta de formação do novo cidadão várzea-grandense neste século XXI.

Os líderes religiosos, tem presença marcante na vida do Município, com a participação significativa em serviços sociais oferecido a sociedade que deles dependem como garantia de sobrevivência.

As relações sociais e políticas das diversas doutrinas fixadas em terras várzea-grandense são harmônicas e tem desempenhando papel significativo na construção da paz entre a diversidade cultural que há nesta região, desde sua origem, representando sua força na formação do cidadão moderno, onde raça, gênero e crença não é obstáculo para a construção de um Município, rico e pranto para receber as futuras gerações.

Os templos Religiosos, contam com criatividade arquitetônica, sendo quase em sua totalidade prédio próprio, onde realizam os momentos de oração e adoração a Deus, contribuindo para a paz local e mundial.

Não se fala de números de cristãos, e isto não é interessante, o relevante é que todas as lideranças pastorais estão em nossa análise mais preocupadas com o futuro da família várzea-grandense e os caminhos que nossa gente estão construindo o futuro de nossa juventude, onde temos destaques nos movimentos religiosos promovidos pelas Igrejas Evangélicas e Católica em época propícias, como Carnaval e outros momentos do cotidiano de nossa cidade e região, com Eventos Musicais, encontros de pregação, oração e retiros de reflexão.

As tradições religiosas locais são bastante relevante nos traços culturais e ritos cultuados neste século XXI. Os rituais mantidos nas festas de santos, muitos deles chegaram a nossa região ainda pelos europeus e africanos, no grande período colonial brasileiros.

Nas manifestações religiosas tradicionais, contamos com a Comunidade e Irmandade de Nossa Senhora da Guia na Região Central da Sede do município e Significativa Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, radicada no Distrito de Passagem da Conceição, a qual completo em 2010, 100 anos de suas manifestações populares e religiosas, sendo um dos marcos no povoamento desta região à margem direito do Rio Cuiabá, desde 1813.

A fé de nossa população e suas prática sociais, possuem um bonito e laços pacíficos, com convivência em todas as áreas onde possuem as festas com ritos antigos e traços pela peculiar a cultura local, não agredindo os membros de outras doutrinas, mantendo o respeito e as trocas na receptividade.



Procissão em Homenagem a Nossa Senhora da Conceição em Passagem da Conceição
Foto do acervo pessoal de Martha Beatriz Fontes - Primeira década do Século Passado

A exemplo, como já refletimos sobre a presenças das primeiras Comunidades Evangélicas presente em solo varzeagrاندense, registra-se na atualidade, uma significativa comunidade de doutrina espírita, de rito africano, e novas comunidades Evangélicas, com

destacado serviços do evangelismo e doutrinas nas diversas regionais de nosso município.

A harmonia entre as doutrinas são manifestadas nas comunidades religiosas, as quais são marcadas pelo clima de cordialidade entre seus membros, somando para importantes iniciativas de prestação de serviços sociais; somando iniciativas públicas e privadas das instituições religiosas oferecendo ao cidadão, que delas necessitam para que tenha garantia de sobrevivência ou saia do risco de vulnerabilidade social a que esteja submetido.

As Tradições

São marcante as manifestações culturais em vários pontos de nosso município das tradicionais danças de Cururu e Siriri, a exemplos dos estruturado grupos de tocadores de viola de cocho e o grupo de siriri mantido pela Comunidade Escolar de Engordador.

Várzea Grande abriga uma arte centenária, a Arte de tecer. As Comunidades de Limpo Grande, Capão Grande e Bonsucesso detêm a técnica e dominam a criação da tecelagem artesanal, com um colorido, muito reconhecida.

A Herança desta arte vem dos primeiros habitantes desta região, os índios guanás, hábeis tecelões e dominando a criação de rede de dormir com materiais rústicos a sua época, que as tecelãs destas Comunidades distritais de várzea grande dominam na atualidade a criação de redes e peças com desenhos que retratam a flora e fauna regional e local, com cores fortes certamente influenciada pela exuberância do ambiente natural e o clima quente da região.

A produção de rede, as que indevidamente são chamadas de “Rede Cuiabana”, porém o seu uso fora muito apreciado pelos aventureiros paulistas nesta nossa região, dada o seu uso pelos indígenas guanás, os quais as teciam com muita habilidade, mesmo sendo uma tecelagem rústicos o seu uso fora disseminado por toda a região.

As técnicas de tear vertical, outra herança da cultura indígena, feitas por senhoras por gerações que passam de pais para filhos.

Os índios foram os primeiros que, com seu saber milenar, contribuíram para o enriquecimento da cultura mato-grossense. Organizados em pequenos agrupamentos intitulados tribos, os primeiros habitantes do Brasil tinham uma cultura extensa e rica. Cultura nobre seria aquela que reproduzisse os valores vindos de Portugal e de toda Europa. Assim, serão reproduzidas na região mineira de Mato Grosso as formas de viver e de pensar européias. Quando o colonizador português atingiu a região oeste da Colônia, mesmo tendo para isso se apropriado da cultura milenar dos índios, acabou descartando esse saber indígena, na organização dos arraiais e vilas, terminou por impor o modo de vida e uma cultura européia... reproduziram ali os hábitos e costumes trazidos....¹³

Herdei a arte da tecelagem a través de uma Tia Dionina que tecia rede, eu tinha 12 anos, e ficava olhando e quando a minha tia levantava de um banquinho eu sentava e ficava espiando, um dia ela me pegou olhando e curiosa, então me perguntou; você quer aprender a tecer? Eu mais que depressa disse que sim e desde então comecei a tecer e achava lindo aqueles desenhos que ela fazia e até hoje nestes meus 63 anos nunca mais parei. Dos meus três filhos somente um herdou a arte, tece varanda (é o acabamento o que chamamos de barrado da rede o qual é feito separado)

¹³ *Siqueira*, Elizabeth Madureira – Revivendo Mato Grosso – Cuiabá – SEDUC-1997. p 31

e a rede, ela não sabe fazer os desenhos. A transmissão da arte depende muito da vocação e querer das novas gerações, não aprende só por que quer. Assim somente uma filha minha tem esta vocação. A arte para ser preservada precisamos muito de um incentivo, uma vez que é muito custoso e demora muito tecer uma rede (uma rede bordada leva até 40 dias para ficar pronta, isto quando trabalha duas tecelãs), então a gente precisa de o governo dar a gente um incentivo, não temos condições de comprar a linha e tecer para depois vender e conseguir tirar o nosso dinheiro, como se manter assim?. Pensar assim seria muito fácil, a gente vende todas as rede que tece, a gente não tem é como se manter até o dinheiro chegar. A grande dificuldade hoje em ser uma tecelã e viver da tecelagem é o custo do material necessário.¹⁴

Outras manifestações culturais, que marca as tradições das comunidades várzea-grandense são as Festas de Santos, as quais cumpre rituais e ritmos que chegaram nesta região ainda no século XIX, durante o período colonial. O Distrito de Bonsucesso é conhecido como uma Comunidade Festeira, onde as tradicionais festas de Santos são realizadas há décadas tradicionalmente e hierarquicamente, herança que são manifestadas com riquezas de detalhes ritual transmitido de pai para filho.

As mais populares são as Festas do Divino Espírito Santo, São

¹⁴ Florentina Ferreira da Silva - Popular dona Xuxa – Tecelã que herdará a arte de sua Tia e que nos seus 63 anos, cria suas peças bordando bonitas redes, com as mais diversas estampas com temas da região como peixe, flora e fauna.

Benedito e de São Pedro o Pescador, as quais se destacam pelo seu ritual e tradições que remontam a herança portuguesa que chegou a esta região.

A festa do Divino é uma festividade folclórico-religiosa. Tem início no domingo da Ascensão com o “levantamento do mastro” e termina na festa de Pentecostes, com a caracterização de uma Sala do Trono, onde o Imperador, a Imperatriz, e o Capitão do Mastro são os personagens centrais da festa. A festa do Senhor Divino, remonta há séculos; trata-se de um paralelo entre o folclórico e o litúrgico, com um fundamento histórico trazido de Portugal durante a colonização. Sendo uma festa originariamente portuguesa, ganhou nuances caboclas com a agregação de usos e costumes tipicamente regionais. Às cinco horas da manhã, há repique de sinos e espocar de fogos, ocasião em que as bandeiras do Divino percorrem as ruas centrais da cidade. Após a alvorada, é servido aos participantes iguarias típicas, cuja confecção nos foi legada pelos indígenas. Há cânticos e danças misturadas ao incessante bater dos pilões. Três personagens são encontrados na festa: a Imperatriz, o Imperador e o Capitão do Mastro.¹⁵

A Festa do Divino Espírito Santo, a única da tradição trazida pelo português a Mato Grosso a ser realizada em solo varzeagrandense.

A festa é uma trégua indecisa da luta: todos interrompem o confronto direto, o trabalho, as atividades rotineiras para participar da celebração

comum. As pessoas procuram a transcendência, os pequenos desafios do cotidiano são esquecidos. Pode-se fazer uma imagem da festa como um caleidoscópio no qual se refletem vários aspectos da vida social (Gloria MOURA, G., 1998, p. 13).

É significativo a ocorrência das grandes festas de São Benedito realizada em diversas comunidade distritais de Várzea Grande, uma tradição que tem suas raízes no período colonial brasileiro, com suas origens nas Irmandades do Rosário e São Benedito, práticas culturais dos homens negros nas manifestações religiosas praticadas pelos africanos e afrodescendentes radicados em Mato Grosso, as quais tem início ainda no período da mineração das Minas do Cuiabá, no século XVIII.

[A festa] [...] permite entrever as múltiplas relações que têm lugar numa micro sociedade e os valores que assim ela explicita: do parentesco ao meio ambiente, do calendário agrícola ao respeito aos mais velhos, da produção artesanal à história dos ancestrais, da liderança feminina ao conhecimento das plantas, das relações de afetividade aos valores humanos considerados fundamentais. Por esta razão, a festa, com seus ritos e símbolos, revela os costumes, os comportamentos, os gestos herdados e aponta ao mesmo tempo para as negociações simbólicas entre essas comunidades negras e os grupos com os quais interagem [...] (1998, p.14)

¹⁵ Fonte: Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso. www.cultura.mt.gov.br

Viola de Cocho

Instrumento tipicamente mato-grossense¹⁶, é utilizado nas tradicionais festas, onde há dança de Cururu e Siriri, tanto na capital como nas regiões ribeirinhas e pantaneiras. Confeccionada, artesanalmente, a partir de um tronco de madeira inteiriça, ainda verde, é esculpida no formato de uma viola que é escavada no corpo até que suas paredes fiquem bem finas, obtendo-se assim o cocho propriamente dito.

As primeiras violas-de-cocho tinham suas cordas feitas de tripa de macaco, ouriço ou da película de folha de tucum, o que tornava o som diferente; hoje em dia, elas já são feitas de cordas de nylon por motivos ambientais.

A cola usada era da bolsa respiratória pulmonar de peixes, como Pintado, Jaú e Piranha. Sua ressonância, que varia entre maiôs ou menor, de acordo com a música a ser tocada, depende da espessura das paredes do tampo. As violas geralmente medem 70 cm de comprimento. São usadas tanto no cururu quanto no siriri e até em qualquer outro tipo de música.

Siriri

O siriri é uma das danças mais populares do folclore mato-grossense. Praticada na cidade e na zona rural, tem presença indispensável em festas, batizados, casamentos e festejos religiosos.

É uma dança que lembra celebrações indígenas. Dando por homens, mulheres e até crianças, numa coreografia bastante variada e sem uma interpretação definida, acontece em sala de casas, varandas ou mesmo terreiros. A música é simples, falando de coisas da vida, desde o nascimento, família e a presença de amigos.

Os tocadores são também os cantadores e quem dança também faz o coro. As vozes são estridentes, entoam tristeza e nostalgia nas melodias tristes, e alegria e descontração nas canções de festejo. Torna-se irresistível para quem vê; logo quer entrar na dança, que transmite respeito à vida e o culto à amizade. Ainda é desconhecida a origem do nome; há duas versões: uma de ser originado de uma palavra portuguesa e outra do nome de um cupim de asas que tem o mesmo nome e o vôo parecido com os passos da dança.

Cururu

O Cururu é um canto primordial do folclore mato-grossense. A cantoria do cururu se classifica em sacra e profana.

A sacra, também chamada de função ou porfia, tem função religiosa e foi criada por fiéis. Geralmente acontece após as orações aos santos de devoção popular, na casa de amigos ou comunidade da igreja, e tem o objetivo de louvar ou homenagear aquele determinado santo.

A profana é aquela acompanhada pelos desafios e versos dos trovadores, por trovas de amor, declarações e desabafos ou desafio a alguém que roubou uma mulher amada e uma variada coreografia totalmente masculina.

Os cururueiros fazem roda caminhando no sentido horário, inicia a dança com passo simples de pé esquerdo, pé direito, e vice-versa. “Fazem frô”, floreiam à vontade, que é o movimento de ajoelhar-se até dar rodopios completos, ou seja, embelezar a

¹⁶ Fonte: Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso – Viola de Cocho; Siriri e Cururu

dança. Os instrumentos da cantoria são violas-de-cocho e um ganzá ou cracachá. A festança, onde estão presente cururu e siriri dura toda noite, até os primeiros raios de sol. Os foliões se divertem, expressando sua pura riqueza cultural.

O homem simples das diversas comunidades tradicionais várzeagrandense, vivendo sua numa realidade laboral e os meios de subsistência, fez com que criasse manifestações mais recentes as quais tornaram no calendário local, arrastando famílias, turistas e visitantes da baixada cuiabana, para suas manifestações em festejos em louvor de fé e cultura popular religiosa.

A Festa de São Pedro o Pescador, realizada no Distrito de Bonsucesso, desde os primeiros anos da década de oitenta do século passado onde os festejos ocorrem no dia 29 de junho, em que comemoram o dia do Santo Padroeiro dos Pescadores, e sendo uma Comunidade tradicional ribeirinha e por longos anos, sua base econômica a está voltada a prática da pesca artesanal que tem alimentado gerações, embora as condições de degradação do Rio Cuiabá a tenha tornando insuficiente para a manutenção da familiares de pescadores que pro gerações detém a posse daquelas terras por herança na comunidade distrital, mas ainda representa a base de subsistência de muitas famílias.

Esta atividade econômica de subsistência de gerações em gerações, a fé e as práticas religiosas fez nascer a já tradicional Festa de São Pedro o Pescador, em que os rituais são passados de pais para filhos e arrebanha famílias inteiras e uma multidão de turistas para a sede distrital em sua realização anual nas últimas décadas, onde temos presenciado que a população local que representada em pouco mais de 1200 habitantes, é quadruplicada tornando a Vila Sede sem condições de transitar, porém numa perfeita harmonia e o espírito

de uma festa anual de Famílias, onde conta-se com a presença de idosos, crianças, adolescentes e cidadãos adultos. As origens desta manifestação da religiosidade em homenagem ao Apóstolo Pedro, o Pescador, estão focadas na oralidade de filhos de Bonsucesso e na sociedade organizada no fim da década de 1970 e princípio de 1980.

Um dia eu ia ao rio ali nos fundo da Igreja do Divino Espírito Santo, no Porto, encontrei com o Menaldo que chegava com a sua canoa com muitos curimbas e piaus, então eu disse a ele, o Menaldo, hoje é dia de São Pedro, podíamos juntar ai uns peixes e fazer uma festa com peixe assados e fritos para quem quiser participar. Então vamos juntar dois peixes de cada juntar e vamos assar ou fritar, vou chamar e pedir ajuda, voltando encontrei com Elenir mulher de Dias, então falei com Elenir e iniciamos os preparativos, quando fritamos os peixes e assamos. Foi uma festinha simples, sem reza, mas com muita alegria de todos os presentes. O Ano eu não me lembro direito, porém se foi em 1980, que a colônia Z-1 e a SUDEPE, preparou a primeira grande festa, como diz o Senhor Branco, esta nossa festividade improvisada, que considero o inicio da Tradicional Festa de São Pedro, foi em 1979.¹⁷

Em 1980 o Aziz Calixto Said que era coordenador da SUDEPE (Superintendência de Desenvolvimento da Pesca, o que hoje equivale

¹⁷ Augusta Maria Gomes – Popular Dona Guti – nascida em 26 de agosto de 1930 – 80 anos, filho de pescador nascida no Distrito de Bonsucesso e Elenir Maria da Silva, - é chamada por alguns de Dona Lili – nascida em 23 de março de 1943 – 67 anos - esposa e filha de pescador, nascida no Distrito de Bonsucesso.

ao IBAMA), falou com o senhor Alcides da Costa que era coordenador da Colônia de Pescadores de Cuiabá – Z-1. Convocaram todos os frigoríficos da área de pescar, os quais era mais ou menos uns 10, que ficaram como patrocinadores. Eu era do conselho da colônia. Naquela época tinha quatro região que eram registradas na SUDEPE. Eram as seguintes regiões: Bonsucesso, Engordador, São Gonçalo e Praia Grande. Bonsucesso tinha 72 profissionais registrados com carteira, como era a maior das regiões, foi escolhido para realizar a festa do santo pescador. Como eu era membro da Z-1, fiquei responsável pela coordenação, a qual coordenei por 14 anos, no período de 1980-1994. A Primeira festa foi realizada em 1980, na qual contamos com o apoio do poder público, através da secretaria de indústria e comércio na época, era o senhor Joel bulhões. Em 1982, como a Colônia Z-1 estava sob a administração do Senhor Germano morador de Varginha em Santo Antonio de Leverger, queria que a festa fosse transferida para em Praia Grande, porém como eu era o representante de Bonsucesso, disse que a festa havia começado em Bonsucesso e seria realizada em nosso Distrito mesmo, uma vez que eu tinha o apoio dos frigoríficos, foi realizada uma festa em Praia Grande e outra em Bonsucesso naquele ano. Como o passar dos anos, os pescadores resolveram, que seria bom que a festa constasse com festeiros na sua organização anual, sendo os primeiros festeiros de São Pedro a partir de 1981. Os

primeiro festeiros foram **Benedito Santana Silva e Teonila Gonçalves de Miranda**.¹⁸

“Ser a primeira festeira de São Pedro, significou que a gente se sentiu honrada e de confiança dos criadores da festa ao Santo Protetor dos Pescadores. Naquela data o Alcides da Costa Presidente da colônia Z-1, em 1982, ele doou a Imagem de São Pedro a comunidade. Ele e sua esposa trouxeram a imagem para minha casa e na hora da Missa daqui a imagem o Branco (Belmiro Leite da Rosa) e o Festeiro Dias (Benedito Santana da Silva), vieram e levamos pela primeira vez a imagem para a Igreja do Divino Espírito Santo. Naquele ano foi à primeira vez que rezou a missa nos festejos em honra a São Pedro.”¹⁹

A base alimentar dos festejos é o peixe frito, servido a preços simbólicos com arroz branco aos visitantes. O peixe é preparado com um tempero peculiar à moda cuiabana, criado tradicionalmente pelos pescadores da região, com ervas e alho. Os números desta festa são tão grandes que em sua última edição, em 2010, foram distribuído em um único dia, segundo pelos festeiros e organizadores, mais de três toneladas de peixe frito em posta, da espécie Pacu, criados em cativeiro, com um número mínimo oriundo do Rio Cuiabá.

18 Belmiro Leite da Rosa – Popular São Branco - 82 anos – nasceu em 12 de março de 1928 – no Distrito de Bonsucesso

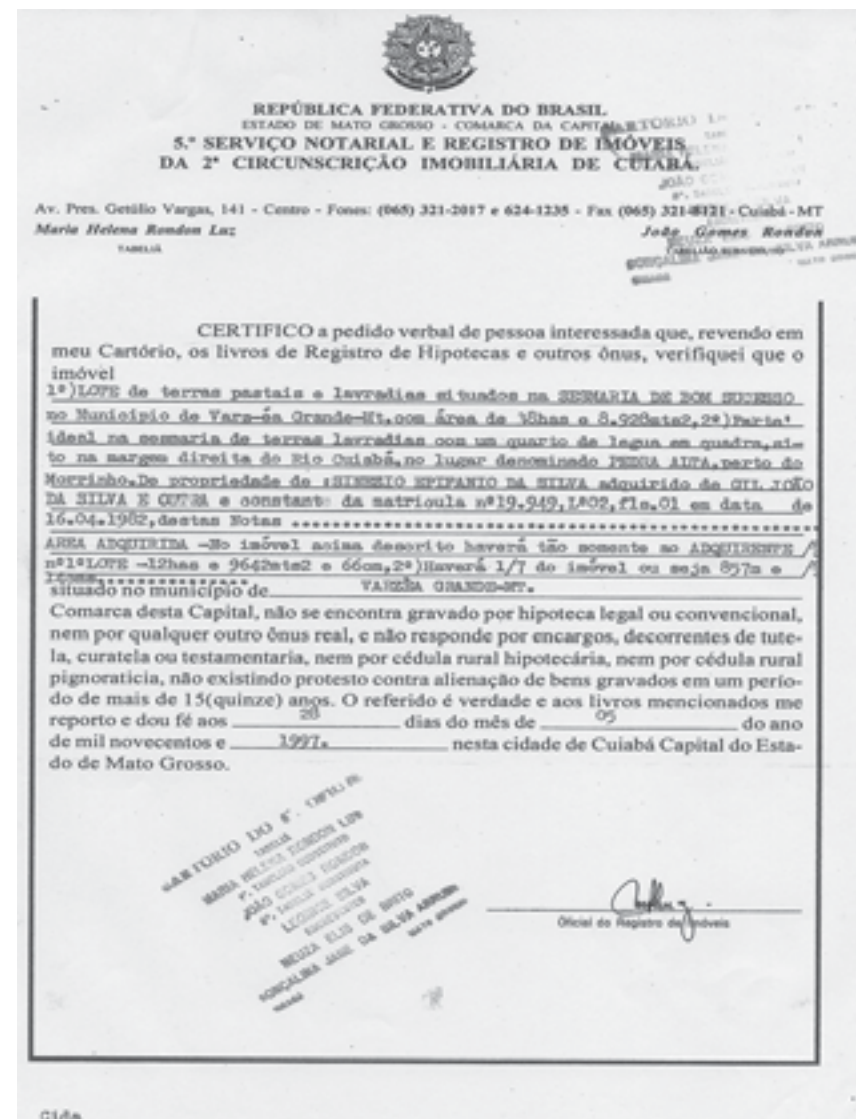
19 Teonila Gonçalves de Miranda - 77 anos – nascida em 18 de outubro de 1933. Em Bonsucesso.

A Economia varzeagrandense

As práticas laborais no início do processo de colonização era o plantio de roças para a subsistência dos caboclos que aqui se aventuravam, esta prática deve-se a inexistência do veio aurífero na varzearia e localidades que antecederam a várzea grande de hoje no processo de ocupação. Primeiros foram os aventureiros paulistas na busca pelo ouro, sendo encontrado pequenas quantidades no meio das piçarras, em córregos onde atualmente localiza-se a região de Capela do Piçarrão, daí o nome, este veio de ouro não chamou atenção dos aventureiros.

Como relata os depoimentos orais e a ocupação por simples cidadãos que naquela época não estavam voltados a mineração e a escassez do ouro nas Minas do Cuiabá e a fama de extorsão do fisco Real, fizeram com que outras atividades econômicas surgissem nesta região, porém voltadas para um economia de subsistência da família que fixaram residência nos chapadões desta região.

Registramos a existência de plantação de cana-de-açúcar e a criação de gado nesta região muito antes da criação do Acampamento de Prisioneiros de Guerra Paraguaios. A plantação de cana-de-açúcar, utilizando a mão de obra escrava, tem objetivo abastecer as usinas existente na região, como a Itaici, a qual tem suas ruínas às margens do Rio Cuiabá a pouco mais de 10 km do distrito de Bonsucesso.



Certidão de propriedade por herança de Gil João da Silva, da família de Justino Antonio da Silva Claro – que por vez fora herdeiro de parte das terras da Sermaria de Bonsucesso.

As relações trabalhistas nas grandes propriedades eram baseadas na mão de obra escrava, a qual só fora extinta, com a assinatura da Lei Auréa em todo o Território Imperial Brasileiro em 1889. Em documentos de posse de terra, registramos a existência

de posse por herança de terras nesta região da Várzea Grande a margens direita e esquerda do Rio Cuiabá em documentos originais datado de 1866, em pleno período escravocrata brasileiro, herdeiros dos detentores de concessão de parte da Sesmaria de Bonsucesso, nunca deixaram da utilização desta mão de obra escrava, seja ela negra ou indígena.

A predominância de caboclo de pele parda e escura principalmente no Distrito de Bonsucesso caracteriza a origem africana daquela população nas plantações da cana-de-açúcar, base da economia local desde o século XIX e criação de gado, que por décadas a atividade canvieira fora a garantia de subsistência de famílias e por gerações em área ribeira. A Pesca era somente para o consumo nas dietas diárias, até por volta da década de 80 do século XX.

Os destaques da Várzea Grande nascente, nas atividades de plantio e abate de reses, lhe logrando o título de vocação industrial, pelas qualidade da carne manteada que comercializada, e a produção de arreamento nas vizinhanças da varzearia caracteriza a existência das duas iniciativa econômica diante da inexistência de ouro nesta região.

Várzea Grande ao nascer e ser povoada por habilidosos caboclos, na condição de segurança militar, prisioneiros paraguaios e vaqueiros, gente simples que já haviam fixado moradia em solo da grande várzea, os quais integraram a força laboral da varzearia, que com habilidade e muita força de vontade de torná-la num corredor de aquisição de carne seca para abastecimento do oeste e da Cuiabá capital Provincial, lhe concedendo a fama pela sua qualidade, alçando no futuro o título de Cidade Industrial.

A Várzea Grande do final do século XX e primeira década do século XXI, é uma cidade que possui significativo parque industrial,

abrigo grandes empresas industriais do Ramo Frigorífico, mantendo sua grande tradição de exportação de carne. Porém é destacado o seu setor econômico no ramo comercial, abrigo grandes redes de lojas e supermercados, com destaque para a qualidade dos produtos colocados a disposição da população varzeagrandense que já não depende tanto se deslocar a capital Cuiabá para adquirir bens de consumo e equipamentos de utilidades domésticas. Destaca-se também o grande número de revendedoras de veículos, onde é possível encontrar modelos fabricados com as últimas tecnologias disponível no mundo, das mais diversas marcas, com suas vendas instaladas em solo varzeagrandense.

O Setor de Serviços, o chamado setor econômico terciário, está em franco desenvolvimento, tornando Várzea Grande em uma cidade que seu futuro muito em breve será completa em oportunidade e em condições de atender a população em todas as suas necessidades.

Historicamente, o município é o portão de entrada dos bandeirantes dos tempos contemporâneos, tendo em vista que o Aeroporto da região com capacidade de pouso e decolagem de aeronaves de todos os portes transportando centenas de milhares de passageiros por ano, este sediado em solo da grande várzea nascida no século XIX. Hoje estes bandeirantes vem conhecer e apostam em vários setores de nossa economia local, como turistas consomem os produtos locais gerando impostos e riquezas ao estado e ao município; como empresários estudam seus investimentos em oportunidades de negócio local, transformando a varzearia num grande corredor de entrada para futuros negócios e investimentos ou lazer, que geram empregos e oportunidades a nossa gente. O interessante é que nossa Várzea

Grande, já nasce e se transforma, de uma maneira ou de outra, despontando para uma indústria artesanal de transformação, e o comércio de produtos acabados os quais adquirem valores agregados significativos para os seus empreendedores, e é assim com as indústrias instaladas em seus domínios e do comércio e serviços disponível no mercado local.

Desportos e Lazer

Mato grosso carece hoje de informações documentadas que solidificam a história do futebol em nosso Estado. Infelizmente existem poucos artigos, dados ou registros que nos remetam ao início do século 19, na capital de Mato Grosso, onde se originou o começo dessa caminhada, dando o ponta pé desse esporte no Estado. Partindo desse ponto, falaremos sobre fatos e pessoas que imprimiram seus nomes nessa atividade, resgatando assim um pouco dessa história perdida ao longo do século passado²⁰.



Bar Balança Mais Não Cai em Várzea Grande. Local de Encontro de dirigentes esportistas na segunda metade do Século passado

Pelo que se tem registrado, se é que pode ser identificado como esporte, foi a tourada tendo maior popularidade em Mato Grosso no início do século passado. O futebol, considerado como o esporte das multidões, apareceu por aqui através do Padre Antonio Malan em 1902, quando trouxe a primeira bola, adquirida em São Paulo, deixando a juventude alvoraçada, com a “pelota quicando”, e a moçada

²⁰ FONTE: <http://guiadematogrosso.com.br>

aprendendo as primeiras lições do esporte britânico. O governo era do presidente Antonio Paes de Barros, que desta forma, entra para história por participar também na introdução do futebol no Estado.

No início do século retrasado, entre 1911 e 1915, surgiram vários times na capital, entre eles, o Paulistano, Royal, Americano, Internacional e Cuiabá Futebol Clube. Esses times, conforme registros abriram a história do futebol em Mato Grosso. O Internacional, com domicílio no Bairro do Porto, tinha como presidente Gustavo Kulman, sendo formado pelos jovens residentes na área portuária da capital. Entretanto o Cuiabá Futebol Clube, mais elitizado, era presidido por Leovegildo Martins, contando em seu elenco por jovens da sociedade cuiabana na época²¹.

Tudo organizado na Liga partiram para a construção de um estádio que tivesse um pouco de estrutura para a realização das partidas. No dia 7 de Setembro de 1936, sob a administração de Manoel Soares de Campos, era inaugurado o primeiro Estádio em Cuiabá, localizado onde hoje abriga o Colégio Estadual Liceu Cuiabano. Consta nos registros que Mixto X Americano fora o grande clássico da época, com casa cheia em todos os jogos.

Várzea Grande nasce e vive os momentos de descoberta de atividades laborais que direcionaram a sua econômica local e bem como as atividades desportivas que conquistam o cidadão simples radicado nesta região, tendo em vista que no início do século a “Pelota” que fascina milhões de pessoas em todo o mundo e mato grosso, bem como Várzea Grande, com seus campinhos, ruas de chão batido, não será diferente, a partir da primeira bola a tocar solo Matogrossense em 1902, pro o iniciativa do clérigo Católico Padre Antonio Mallan.

21 Fonte: <http://zepulula.blogspot.com/2009/12/historia-do-futebol-de-mato-grosso.html> - Acervo José Eustáquio Pulula da Silva - Zezé Pulula.

Como tem definido os diversos pesquisadores o falar e teorizar sobre o futebol, o mesmo se tornaram tão popular pela sua simplicidade, de atividades de elite nos idos dos anos de 1894 em São Paulo, vai se transformar no esporte de todas as classes sociais, inclusive se destacando meninos pobres e negros, o que embora no seu início havia a restrição de negros nas fileiras dos praticantes do futebol.

Nascido no bairro paulistano do Brás, Charles Miller viajou para Inglaterra aos nove anos de idade para estudar. Lá tomou contato com o futebol e, ao retornar ao Brasil em 1894, trouxe na bagagem a primeira bola de futebol e um conjunto de regras. Podemos considerar Charles Miller como sendo o precursor do futebol no Brasil. O primeiro jogo de futebol no Brasil foi realizados em 15 de abril de 1895 entre funcionários de empresas inglesas que atuavam em São Paulo. Os funcionários também eram de origem inglesa. Este jogo foi entre Funcionários da Companhia de Gás c Companhia Ferroviária São Paulo Railway. O primeiro time a se formar no Brasil foi o SÃO PAULO ATHLETIC, fundado em 13 de maio de 1888. No início, o futebol era praticado apenas por pessoas da elite, sendo vedada a participação de negros em times de futebol. (grifo nosso)²²

Porém o futebol organizado em Várzea Grande, irá se consolidar no fim da década de 40 do século passado, com na seqüência do processo de emancipação política do terceiro Distrito de Cuiabá, que da condição de Vila, passa a Município tornando-se autônoma em suas diretrizes e nos caminhos a serem traçados para sua gente.

22 Fonte: www.superpesquisa.com/futebol

Neste rastro viu nascer em seu território oficialmente o primeiro clube desportivo, que iria ao longo dos anos, conquistas o coração de todo várzeagrandense e claro fazer nascer a histórica rivalidade entre os clube da capital e de nossa várzea Grande. O Operário Futebol Clube, o qual fora fundado por iniciativa de jogadores experientes entre eles Rubens dos Santos Seu primeiro presidente de Oliveira, em 1º de maio de 1949.



Clube Esportivo Operário Várzeagrandense. Bi- Campeão Cuiabano em 1967/68. EM PÉ: Seo "Augustinho" (Massagista), Darcy Avelino, Adalberto "Brejinho", Gonçalo, JK, Wálter e Glauco. AGACHADOS: Jaburú, Fião, Gebara, Poxoréo e Odenir "Upa Neguinho". Fonte::: <http://zepulula.blogspot.com/2009/12/historia-do-futebol-de-mato-grosso.html>

Juntamente com o Mixto Esporte Clube, formou-se o maior clássico de Mato Grosso, o Clássico dos Milhoes como era considerado qualquer encontro dos dois clubes nos Campeonatos em Mato Grosso.

Há exatos 61 anos, após o Bispo Dom Antônio Aragão presentear com um jogo de camisas, uma equipe formada com os melhores jogadores de Várzea Grade, nascia o Clube Esportivo Operário Várzea-Grandense (CEOV). O jogo de estréia foi contra a equipe do Palmeiras, quando foi usado um uniforme nas cores

vermelha, branca e verde. A partida foi disputada no antigo Círculo Operário, na Rua da Independência, centro de Várzea Grande (no local funciona hoje, a Conferência da Igreja Nossa Senhora do Carmo). Os heróis do jogo foram: Benedito "Sapateiro", Assis, Ciro, Rubens dos Santos, Caetano, Boava (autor do gol), Simão (Cháfia), Alberto (Gonçalo), Lindolfo e Nono "Sapateiro".

O primeiro presidente do Operário foi o Sr. Luís Vitor da Silva que ainda hoje vive na lendária Av. Couto Magalhães, centro de Várzea Grade. Luís tinha na retaguarda Joaquim Santana Rodrigues, Lamartine Pompeo de Campos, Oldemar Pereira, Mestre Dario, Manuel Mendes de Oliveira e Manuel Santana.

Na época, as partidas eram disputadas nos estádios Gonçalo Botelho de Campos e Presidente Eurico Gaspar Dutra, o Dutrinha. O futebol não profissionalizado, sendo disputado apenas na categoria amador. Foi uma fase de ouro, com o "Chicote da Fronteira" conquistando o tricampeonato de forma invicta nos anos 1953, 1954 e 1955.

Uma curiosidade foi o campeonato de 1955, o tricolor chegou ao título reforçando seu elenco com três jogadores contratados junto ao seu maior rival da época, o Industrial Esporte Clube Porto; Tatu, Tidinho e Bastilo. O Operário foi apelidado de "Pequeno Davi" pelo radialista Jota Alves, após empate heróico contra o poderoso Clube Atlético Mato-Grossense, gol marcado por Isaac Nassarden, em cobrança de pênalti²³.

Em tempos que o lazer não conta com muitas opções aos cidadãos as famosa peladas as brincadeiras nos campinhos etc, para muitos em terras de Couto Magalhães, o esporte-rei, ou seja, o futebol tem sido um entretenimento que unia toda a família, homens e mulheres.

²³ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Oper%C3%A1rio_Futebol_Clube_Ltda.

Apreciado por todos e praticado por homens e mulheres, em Bonsucesso, havia uma “rincha” tradicional, no que diz respeito a este esporte, entre o “povo de cima” e “povo de baixo”. Segundo São Painha, do tempo em que todos da sua geração eram jovens, havia um rapaz por nome de Aquino, pertencente ao “povo de cima”, que se aproveitava do fato de ter o espaço para a prática do futebol, para ditar sua vontade, dizendo quem iria jogar ou não. “Quando íamos jogar no domingo, Aquino já estava com o uniforme do soberano desde quinta”.²⁴

Indignados com a situação, São Painha e seus companheiros de “baixo”, decidiram construir outro campo, e em terreno doado pelo São Ponciano começaram a derrubada das grandes mangueiras que ali havia.

O Brasil, país do futebol, não poderia ser diferente no Distrito de Bonsucesso, a prática desportiva é incentivada desde cedo, com manifestações em todas as idades com muito apego e interesse. Os filhos de Bonsucesso ao iniciar sua vida estudantil e comunitária manifestam com grande interesse as práticas desportivas do futebol ainda com idade entre 04 e 06 anos.

Bonsucesso, conta atualmente com diversos grupos com nomes dos mais diferentes possíveis na imaginação dos praticantes e organizadores, buscando agregar valores e unidade para as práticas desportivas rompendo barreiras com articulações para realizá-las. O esporte em Bonsucesso, sempre foi um dos eventos agregador da comunidade e promotor da Paz, mesmo os grandes embates, as quais não permanecem após os famosos campeonatos, a superação é uma questão de tempo e passar dos dias, no combate às diferenças que poderiam ser obstáculos.

24 Joaquim Leite da Roza - Popular Painha – 75 anos – nasceu em 06 de julho de 1930 – no Distrito de Bonsucesso



Time do Vila Nova

No passado existiram times organizados por homens e mulheres, nos espaços possíveis da época. Contanto com a participação e apoio popular de ambos os sexos. No Brasil do século XXI, quando o esporte feminino dar sinais de vitalidade e de superação da exclusividade masculino homens no Histórico Distrito de Bonsucesso na Década de 70 do século passado já havia uma estrutura simples mas bem organizada com a formação do time femininos, onde destacavam-se nas disputas locais dos campeonatos, sendo destaque e o mais famosos deles a Equipe denomina As Brasinhas



Time Feminino “As Brasinhas”

Isto foi por volta de 1975, mesmo tendo o preconceito dos pais e de alguns, reunimos um grupo que resolveram criar um time de mulher no Bonsucesso, o grande preconceito é que o ditado já dizia futebol era coisa de homem, vestir chorte e calçar kichute é só pra homem, mas mesmo assim, se reunimos e fizemos uma cota para comprar o material necessário para o uniforme. Compramos o tecido para fazer os chorte, ai tivemos a ajuda de um costureiro o Ademilton que fez o chorte para a equipe, superando os primeiros obstáculos o calçados. Tivemos como apoio o treinador Domitilo que era desportista para que pudesse treinar o time. A escolha do nome Brasinha, veio pela noção de que deveria ser um nome forte, brasa. Eu tinha na época acho que era 18 a 20 anos, não tivemos uma preocupação de guardar estas datas. Mas conseguimos nos aventurar em torneios, pois com a nossa iniciativa, surgiram vários outros times, em exemplo foi em Souza Lima. Só sei dizer que fomos as primeiras. O que foi curioso é que ao passar o tempo e vendo que nós estamos bem como time feminino da comunidade e muitas unidas; por si só acabou com o preconceito que havia e que tivemos que superar até mesmo dentro de nossas famílias, e nos tornamos um equipe que arrastava muita gente para beira campos. Havia uma grande presença feminina nas beiras dos campos, mas até então a mulher só era torcedora e ai passamos a participar mais de perto, foi assim que nasceu as brasinha, o primeiro time feminino do Distrito de Bonsucesso. As mulheres sempre participaram dos campeonatos e partidas, já havia uma grande

presença feminina como torcedoras. O transporte naquela época era em caminhão o duro era vestir calça pois não era bem vista a mulher que vestia calça, pois era coisa de homem²⁵.

Na atualidade, o distrito dispõe de espaços físicos para as práticas desportivas, como o Mini Estádio, a Quadra de Esporte da Associação de Moradores, construídos pelo poder público e a Quadra Poliesportiva da Escola Municipal Prof.^a Maria Barbosa Martins, A Organização de grupos para a prática do futebol em Bonsucesso remonta a década de 1950, com a criação de um time com o nome de Soberano e posteriormente foi criado o Vila Nova, fruto de uma divisão entre os membros do primeiro. Sendo que o Vila Nova esta em atividade na atualidade, embora já não conte com o vigor que nos foram revelado, em sua fase gloriosa, nas décadas de 60 e 70 do século passado.

“Soberano Esporte Clube - Por volta de 1950 fomos convidado para criar o time do soberano, no local onde hoje é a residência do Senhor Olimpio Ribeiro da Silva (Nhôca), pelo Antonio Leite de Magalhães, pai da Prof.^a. Honorata Magalhães Ribeiro da Silva (esposa de Nhôca), nesta época fizemos um campo, com trabalho duro durante um mês. Ocorreu que por um desacordo financeiro no time, o que por este motivo houve uma divisão do grupo, assim criamos o Vila Nova em 1951. Começamos o Vila Nova da seguinte forma: com a divisão, o grupo que saiu do soberano, e resolvemos comprar um bola, e como tínhamos ajudado a construir o campo, fomos jogar, ocasião em que fomos

25 Fonte: Teodora Leite da Rosa Magalhães 51 anos – Goleira do Time Feminino do Distrito de Bonsucesso: as Brasinhas.

proibido, por membros do Soberanos. Assim, voltamos e fomos na propriedade do Senhor Ponciano Gonçalves da Silva, quando pedimos se nos dava um pedaço de sua terra para que fizéssemos um novo campo (onde hoje esta é o Mini Estádio Cândido Jordão de Magalhães), esta homenagem eu não concordo, pois a acho injusta. Naquela ocasião, o mesmo achou que era um benefício a comunidade e nos cedeu com boa vontade o espaço, onde construímos o nosso Campo e Criamos o Vila Nova, sendo eleito o seu primeiro presidente Gil João da Silva”.²⁶

Eu era o cobrador da mensalidade dos membros do Time. Nos dedicamos um norma, que o membro que não participasse do treino no dia marcado se não justificasse, pagava uma taxa. Uma Vez por semana, as três da tarde, estávamos no campo para o treino, sempre respeitamos o presidente nos tempos de campeonato e semanas de jogos. Gil João da Silva foi presidente do Vila Nova por 15 anos.²⁷



Apresentação das equipes desportistas: no primeiro plano as mulheres

Hoje em dia o grande destaque são os grupos organizados por populares e o time composto pelos quarentões do distrito, que formam o grupo homogêneo e assíduo nas práticas desportivas e em suas comemorações em final de campeonato.

Durante o ano, são realizados campeonatos e torneios, com participação de grupos de toda a região do distrito, coma presença marcante de times exclusivo formados por moradores ou filhos de Bonsucesso, e integrante de outras regiões casados com filhas de Bonsucesso, o qual também pode conta com a participação de times de empresas, entretanto que tenham alguma relação comercial ou parentesco com os moradores distritais.

26 Belmiro Leite da Rosa – Popular Senhor Branco - 82 anos – nasceu em 12 de março de 1928 – no Distrito de Bonsucesso

27 Joaquim Leite da Roza (é com Z mesmo) - Popular São Painha– 80 anos – nasceu em 06 de julho de 1930 – no Distrito de Bonsucesso



Torcida Feminina do Operário Várzeagrandense. A foto por ocasião da conquista tricolor da Copa dos Campeões dos Campeões de Mato Grosso em 1964. Presença de Yorlete, Jujú, Nina Barros, Maria Lucia, Regina Correa e outras. O mascote é o falecido Chiquito Correa. Fonte: <http://zepulula.blogspot.com/2009/12/historia-do-futebol-de-mato-grosso.html>

A presença feminina está sempre confirmada, isto porque a exemplo dos primórdios do futebol em Várzea Grande, quando podemos constatar a presença da mulher como torcedora, marcada pela torcida operariana feminina de 1964, as quais marcam presença apoiando a equipe e fazendo a diferença. Em Bonsucesso a mulher foi e é presença fiel e marcante nos campos e mini estádios da atualidade. Experiências de lazer passadas de mães para filhas.

Povoados da barranca do Rio Cuiabá

O Distrito de Passagem da Conceição²⁸

Um dos mais antigos povoados de Várzea Grande, inicia sua história em 1813, quando o lavrador e canoieiro Manoel Antonio da Conceição, instalou-se com sua família, tirando seu sustento da lavoura e do transporte na travessia do Rio Cuiabá, o que irá dar nome a localidade distrital de Várzea Grande, criando tradições e no ritmo de vida das famílias que ocuparam aquela porção de terra a margem do histórico Rio Cuiabá. Tantas vezes isto aconteceu que o pedido de passagem no rio com o barco do da Conceição se tornou costume.



Enchente de 1942 - Situação das Águas no Bairro do Porto (NEDIHR-UFMT- Jornal o Estado de Mato Grosso – Março de 1974 – por Profº Francisco em Artigo.)

²⁸ Fonte: www.sec.mt.gov.br

Um dia, outro senhor de escravos resolveu aproveitar aquelas terra, à margem direita do rio Cuiabá. Os negros escravizados foram postos na ocupação das áreas lavradas de Passagem, casas senzalas e até um sobrado foram construídos, frente à cachoeira. Assim, Passagem começa sua ascensão, o porto se tornou transito obrigatório.

Os chinelos, produzidos na região eram remetidos para Rosário Oeste, Poconé, Cuiabá, Várzea Grande e Corumbá. A mudança de muitas famílias do ramo comercial e da indústria de chinelo para a vila de Várzea Grande e a enchente de 1942, que fez ruir as casas provocando a mudanças das famílias, causou uma desaceleração em seu desenvolvimento econômico.

Apesar da criação do município de Várzea Grande em 1948, Passagem da Conceição só foi desmembrada de Cuiabá somente em 31 de Julho de 1954, pela Lei Estadual nº 370 daquele mesmo ano. Um fato memorável ocorre em fevereiro de 1950, quando o povo de Passagem da Conceição se revolta contra o ato do prefeito e solicita o prédio que servia de Posto de Fiscalização e Arrecadação para ser outra vez a pousada dos tropeiros que abasteciam a cidade. Hoje Passagem da Conceição é ponto turístico gastronômico, recebendo turista da baixada Cuiabana e de todas as regiões brasileiras, os quais apreciam a sua gastronomia regional a base de peixe.

O Distrito tem erguido em seu solo um dos cartões postais de Mato Grosso e Várzea Grande. A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a qual voltou a ser contemplada pelos fiéis após passar por recuperação. De importância histórica o edifício religioso, sua restauração, contou com o incentivo do Programa Estadual de Recuperação e Revitalização do Patrimônio Histórico de Mato Grosso, por meio da secretaria de Estado de Cultura.



Construída com adobe, a Capela apresenta característica do final do século XIX apresenta molduras simples com um estilo Colonial. O Salão de Festa construído mais recentemente e fugiu do modelo antigo da Igreja, mas com a restauração, foi feita uma adaptação para que não ficasse diferente do estilo.

O Patrimônio foi construído no ano de 1910, sob a benção do Arcebispo Dom Aquino Correa, localizado de frente para o Rio Cuiabá em sua margem direita, no Distrito da Passagem da Conceição, neste município de Várzea Grande. A Imagem de Nossa Senhora da Conceição, ainda cultuada na Capela foi uma doação do Coronel Joaquim Corsino, considerado na época, um dos amigos da Passagem. O tombamento como Patrimônio Histórico de Várzea Grande ocorreu em 2001, por iniciativa da própria municipalidade, na valorização e incentivo a manutenção das tradições culturais da religiosidade popular em povoados radicados ainda no século XIX, na barranca do lendário Rio Cuiabá.

Diante das conquistas e considerável crescimento demográfico, o município de Várzea Grande têm no distrito de Passagem da

Conceição como uma de suas localidades distritais que não perdem as características de povoados tranquilos. Neste Século XXI, o Distrito de Passagem da Conceição é reconhecido como lugar calmo, de gente humilde, além de ser um convite para muitas famílias passarem os finais de semana para descansar, sendo um dos belos Cartões Postais Matogrossense e várzeagrandense.



Em passagem da Conceição as tradições são passadas de pai para filho, onde os rituais das festas e o seu ponto mais alto é o dia 08 de Dezembro, quando se celebra o dia da Imaculada Conceição, com os festejos organizados com traços herdados dos tempos coloniais e princípio do século XX, durante o início das tradicionais festas de santos naquela localidade, ficando os eventos festivos sob a orientação dos festeiros do Ano, com títulos de autoridades jurídicas²⁹, como: Juiz, Juíza, Juizinho e Juizinha de Ramallete, Alferes de bandeira, Capitão de Mastro e festeiros de Promessas. Todos se ajudam para que a cada ano as homenagens sejam solidificadas como cultura única no Distrito, como patrimônio histórico de Mato Grosso.

²⁹ Com a colaboração da agradável Senhora Martha Beatriz Fontes, residente no Distrito de Passagem da Conceição, em uma construção histórica com arquitetura dos fins do século XIX e início do século XX.

O Distrito de Bonsucesso

O interesse e a formação acadêmica que apropriamos ao longo de nossa atividade docente no magistério de público, levaram-nos à realização deste trabalho, o qual não tem objetivo de esgotar as informações, acerca da formação de povoados e o processo de ocupação destas terras do Distrito de Bonsucesso, bem como outras localidades que contribuíram com a consolidação da ocupação colonial nesta região. Porém nosso interesse é o registro no contexto histórico das origens, ocupação, manifestações culturais e o cotidiano da população que nasceu e fixou residência nesta margem do Rio Cuiabá. A realização deste registro, que possa contribuir para as futuras gerações, e colocar ao alcance dos filhos desta terra e região, um texto prático e capaz de fornecer informações básicas do passado de sua gente e as contribuições dos seus antepassados.

A busca por maiores informações acerca da etimologia e a formação do topônimo Bonsucesso, não foi fácil, por ser uma palavra que tem suas origens na junção de outras duas palavras com formação na língua portuguesa: **Bom** – adjetivo que designa uma qualidade em oposição ao mal. **Sucesso** - um substantivo – que se juntam para formar o **topônimo**: Nome próprio de lugar ou de acidente geográfico.

O desejo de investigar as origens deste nome nos tem fascinado muito, principalmente pela beleza e a riqueza cultural que o povoado da Vila, sede do Distrito de Bonsucesso nos tem provocado.

Quanto ao aspecto grafológico de Bonsucesso, com escrita junta ou separada: **Bonsucesso ou Bom Sucesso**, a existência da **Sesmaria Bonsucesso** é um fato incontestável. Porém é algo muito irrelevante, pois existem nomes de cidades e lugares em diversas partes do território brasileiro, como Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Espírito Santo, com os dois modelos de grafia.

Em consulta à rede mundial de computadores, quanto ao modelo grafológico, tivemos informações de milhares de ocorrências nos dois modelos de grafia. Assim, a grafia correta para nossa região seja da forma junta, de acordo com documentos, os quais constam que topônimo deste Histórico distrito tem sua escrita: **Bonsucesso**.

O modelo de ocupação ocorrido nesta região, já é de conhecimento acadêmico, porém a primitiva ocupação, o modo de vida, cultura e prática na construção do espaço geográfico iniciados pelos primeiros ocupantes desta terra, as quais pertenciam em seu gênesis a povos indígenas da Etnia Guanús, são outros elementos de interesse investigativo muito atraente.

Sintetizar e reunir estudos voltados ao resgate e registro das práticas sociais ocorridas pela ação do homem, desde os primeiros ocupantes pelo uso e posse destas terras, aos fatos que transformaram este espaço geográfico em território lusitano. Estes por sua vez, foram herdados por caboclos e pessoas simples nascidas naquela faixa de terra à margem esquerda do Rio Cuiabá, que no passado, abrigou bandeirantes, posseiros, donatários, negros foros e escravos, bem como índios, os primeiros habitantes da região, com suas atividades econômicas como plantio de roças em geral, engenhos e alambique de cana-de-açúcar. Contribuições estas que formaram esta grande área cultural de costumes seculares. Os valores de cada raça aqui radicada, as influências e herança cultural

estanques durante gerações, tornaram este espaço produzido, numa fonte inesgotável de oportunidades, porém está hoje pouco aproveitada pelos segmentos organizados da comunidade.

Este baixo aproveitamento é verificado pelo desinteresse das novas gerações, e também pela falta de informação adequada por parte dos grupos e, bem como observado, pelo interesse de aventureiros culturais atraídos pelas riquezas culturais deste distrito, pois somente estão preocupados com o lucro financeiro das atividades, e menos preocupados no futuro, com a preservação para que nossa gente possa gozar de melhores dias e de uma qualidade de vida, fruto de um trabalho realizado pelo cidadão simples de Bonsucesso.

A produção de uma cultura de incalculável valor histórico e beleza impar, que nos revela os traços mais diversos de uma gente de luta e fé, nas suas realizações diárias, com rituais que remontam os tempos memoriais do período colonial brasileiro. A religiosidade popular, a culinária e os recursos para a sobrevivência construída no cotidiano, em referência aos valores de seus antepassados e heranças das diferentes culturas, como a habilidade no uso da canoa para o transporte e pesca, a rede varzeagrandense, herança dos índios guanús, as festas tradicionais do Divino Espírito Santo trazidas pelos portugueses, e a devoção a São Benedito, santo cultuado pelos negros foros e escravos em todas as partes deste nosso Brasil, diante da cor de sua pele, como santo dos excluídos, cor esta da grande maioria da população brasileira contemporânea, Cor negra e práticas culturais por herança.

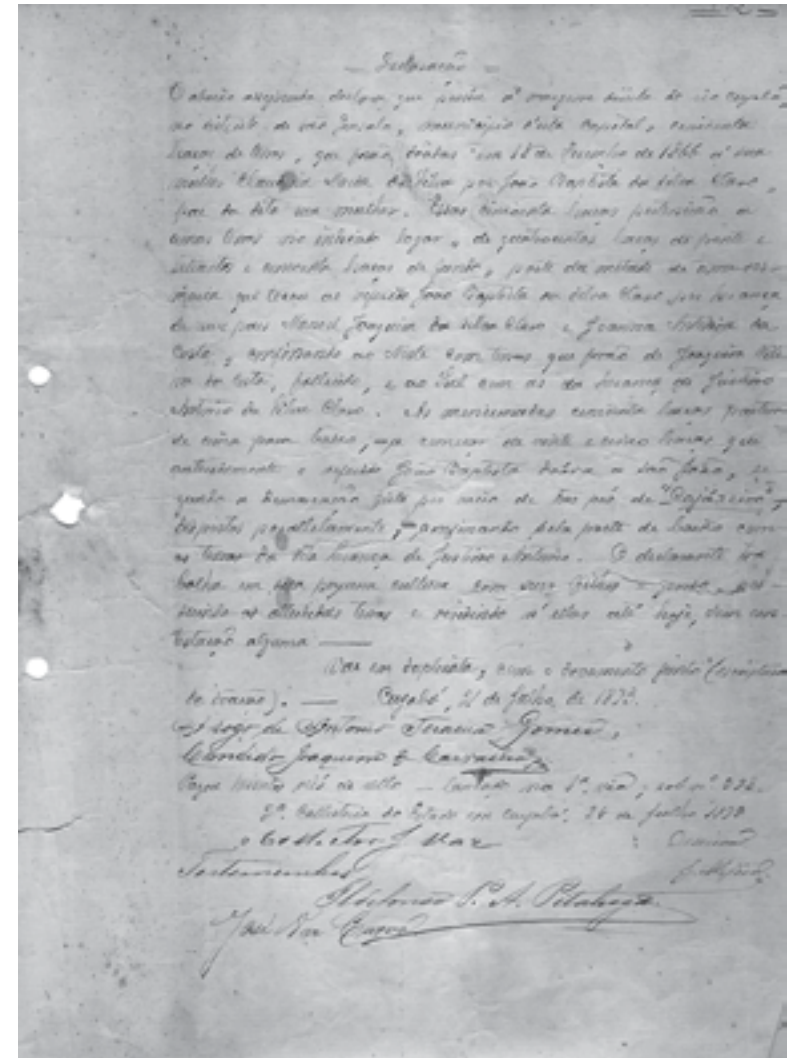
A origem do Povoado

A ocupação portuguesa, fora de extermínio e apropriação de terras em nome de Deus e de sua majestade o Rei de Portugal, sem perguntar: Aqui vive alguém?

Sempre ouvi uma data entre meus antigos familiares que esta Vila teve inicio em 16 de Outubro de 1823, com as primeiras famílias que começam a habitar aqui e Souza lima (antigo Sovaco)³⁰

O Distrito de Bonsucesso é fruto desta ocupação portuguesa no inicio do século XVIII, pelo método da expropriação e ocupação imediata pelos aventureiros e nobres portugueses, sendo de domínio e conhecimento público esta prática, sobre o processo de ocupação de terras no período colonial brasileiro.

30 Fonte: Petronilio Gonçalves da Silva – Popular Seo Fião



Escritura da Posse de Terra de membros da Família de Justino AntonioClaro da Silva – Documento transcrito ao lado – Declaração de transferencia de posse datado de 18 de dezembro de 1866.

=Declaração=

O abaixo assinado declara que possui a margem direita do rio Cuyabá, no Distrito de São Gonçalo, município d’esta capital, cincoenta braças de terras, que forão doadas em 18 de dezembro

de 1866 à sua mulher Claudina Maria da Silva por João Baptista da Silva Claro pae da dita sua mulher. Essas cinquenta braças pertencião a uma terra no indicado lugar, de quatrocentas braças de frente e setecentas e cinquenta braças de fundos, parte da metade de uma sesmaria que tocou ao referido João Baptista da Silva claro por herança de seus Paes Manoel Joaquim da Silva Claro e Joanna Antonia da costa, confinando ao norte com terras que forão de Joaquim Vieira da Costa, fallecido, ao sul com as da herança de Justino Antonio da Silva Claro. As mencionadas cinquenta braças partem de cima para baixo, = a começar de vinte e cinco braças que anteriormente o referido João Baptista doava a são João, segundo a demarcação feita por meio de três pés de “Cajazeiro”, dispostas paralelamente, = confinando pela parte de baixo com as terras da dita herança de Justino Antonio. O declarante trabalha em sua pequena cultura com seus filhos e genro possuindo as alludidas terras e residindo n’ellas até hoje, sem contestação alguma ____

Vai em duplicata, com o documento junto (escriptura de doação). ____ Cuyabá, 21 de julho de 1893.

A rogo de Antonio Ferreira Gomes,

Candido Joaquim de Carvalho

Pagou tresentos réis de sello – lançado na 1ª via sob nº 398.

2ª Colletoria do Estado em Cuyabá, 24 de Julho de 1893.

Testemunhas

Ildefonso P. A. Pitaluga - José Vaz Curvo.



Esctitura de venda de terras do Claro

Esctitura particular de compra e venda de onze braças de terras aos abaixo assinados, como se declara, á saber:

Nós abaixo assinados, herdeiros da fallecida do Justino Antonio da Silva Claro, nesta data fazemos venda ao Senhor Antonio Ferreira da Silva, de onze braças de terras que nos pertence, com frente ao nascente, juntas á nossa Sesmaria e que devidamente mevimos aquelle números de onse braças e marcamos lhe, tudo pela quantia de cinquenta e cinco mil reis (55\$000), que recebemos em moedas correntes; - em vista do que damos pela presente quitação de pagos da referido terreno para que gose e desfrute como sua que fica sendo desta data em diante e promettemos fazer valida a mencionada venda, tanto em Juiso com fora dele. Espera que esta produsa todos os effeitos legaes, passamos a presente escriptura particular com força de escriptura publica para a todo tempo constar. Cuyabá, 12 de Julho de 1897.

Pagou (300\$00) trezentos reis de sello.

Por minha mão Afonços P. Silva

Eugenio da Silva Claro

João Victal da Silva Claro

Jerônimo Miguel da Silva

Antonio Pas da Silva

Miguel José da Silva

Antonio Gonçalves de Moraes

Arogo de Calisto Corrêa de França João Victal da Silva

Arogo de Tertuliano da S. Jorge.

O Histórico Distrito de Bonsucesso é fruto do processo de ocupação portuguesa, da busca por veio aurífero, que os aventureiros e plantadores de roças, tanto almejavam descobrir, o que leva a ocupação e a formação de povoados a exemplo deste, garantindo a posse de terras até então pertencentes ao Reino de Espanha nesta região, a partir da primeira metade do século XIX.

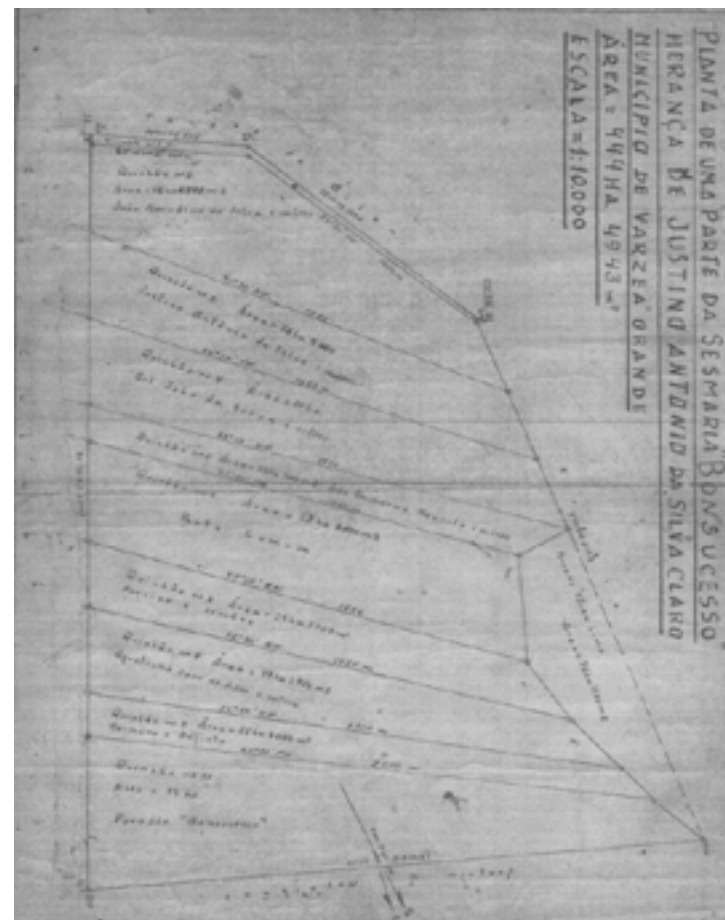
Localizado à margem direita do Rio Cuiabá, tem o início de sua ocupação através da concessão da Sesmaria de Bonsucesso em 1823, sendo o dia 16 de outubro sua data cívica, tendo como um dos principais herdeiros Justino Antonio da Silva Claro, do qual existe uma grande família de herdeiros, residentes em Bonsucesso.³¹

Os remanescentes que herdaram estas terras, sendo a titulação de propriedade as escrituras de posse da terra nesta região, datada de 1866 - Declaração esta, de lavratura pública, da transmissão da posse legal destas terras por herança a membros da Família de **Justino Antonio da Silva Claro**, do qual ainda existem herdeiros legais do tronco desta família, moradores do Distrito de Bonsucesso na atualidade.

³¹ Data esta ainda não comprovada em documentos oficial – estas informações s estão no vocabulário popular do mais antigos residentes e herdeiros de terra dos tempos coloniais.

Ao analise das informações contidas no presente Mapa³² - Partes da Sesmaria Bonsucesso, tem-se a identificação por herdeiros:

Quinhão 2: João Assindino da Silva e outros; **Quinhão 3:** Justino Antonio da Silva Claro; **Quinhão 4:** Gil João da Silva e outros; **Quinhão 5:** João Guilherme e outros; **Quinhão 6:** Parte comum; **Quinhão 7:** Narcizo e irmãos; **Quinhão 8:** Agostinho José da Silva e outros; **Quinhão 9:** Permimo J. Batista; **Quinhão 10:** Povoado de Bonsucesso.



³² Documento Original com Membros da Família herdeiras do Justino Antonio da Silva Claro – Distrito de Bonsucesso

O processo de transmissão de posse ocorria por meio de Declaração com Fé Pública e pagamento de Selo à Coletoria Pública da Capitania a qual tinha jurisdição sobre estas terras como órgão governamental, de sua majestade o Rei de Portugal por vontade de Deus. Configurando ai o direito de posse pelo uso.

Sou filho de João Assindino da Silva (nasceu em junho de 1900 – em Bonsucesso) e Cristina Gonçalves da Silva (nasceu em julho de 1901- em Bonsucesso), sendo que o meu pai é filho de Calisto Correa de França e Ana Silvéria da Silva, minha avó paterna era filha de Justino Antônio da Silva Claro e Maria de Assunção e Silva. Minha mãe era filha de João Vital da Silva Claro (nascido em 1845 – falecido em 11 de março de 1901 – em Bonsucesso) e Rosa Gonçalves de Miranda, meu avô materno era filho de Justino Antonio da Silva Claro. João Vital trabalhava com rede de arrastão em Poço Grande e alambique com seu irmão Jerônimo e engenho de Cana-de-açúcar em Bonsucesso, que ficava no terreno onde hoje, fica na frente e ao seu lado a Peixaria Beira Rio, abrangendo todo o imóvel, pois era um grande galpão com pilares de Poste de aroeira, que de tão alto, a estrada que é a atual Avenida Gil João da Silva, que era de chão batido, passava sob o teto do referido galpão onde tinha o alambique e o engenho de cana-de-açúcar. O qual foi herdado por Ponciano Gonçalves da Silva.³³

A posse destas terras por herança fora a João Baptista da Silva Claro, de uma parte da grande área, e posteriormente outra área

coube a Justino Antonio da Silva claro, a qual pertencera ao seu pai Manoel Joaquim da Silva Claro. Assim, visualizou-se com veracidade as origens de posse destas terras que fizeram parte da Sesmaria de Bonsucesso, a família da Silva Claro, os seus primeiros proprietários, como fim do Sistema de donatário por concessão real. O período de povoamento e posse destas terras acredita-se ter inicio, ainda no Século XIX, mais precisamente a partir do ano de 1823 e a data de regularização da posse da área de terra ocupada por Antonio Ferreira Gomes e seus familiares, a qual fora herdada por sua esposa Claudina Maria da Costa, que lhe fora dado pelo seu pai João Baptista da Silva Claro, em 18 de dezembro de 1866, o qual tinha por limites de posse as terras herdadas por Justino da Silva Claro, dados estes que nos são comprovados, em documentos transcritos, de seus herdeiros legais ainda vivos nestas terras da Família Claro. Cabe registrar, que para a história das civilizações o período de 43 anos, isto é entre 1823 e 1866, é muito pequeno o espaço de tempo para dizer que não há certa veracidade nesta data de 1823.³⁴

Outros troncos de famílias radicadas em Bonsucesso, ainda no século XIX, já fora fruto de investigação histórica por outros estudiosos do tema, entre eles Ubaldo Monteiro – quando registrou uma vida ativa e participação política de eleitores de Bonsucesso, no período imperial brasileiro, sendo este uma das origens da família Pinheira da Silva, da qual consta herdeiro direto radicado neste Distrito, documentos estes que nos testemunha uma atividade participativa dos cidadãos desta terra, que já se ocupavam da vida política desde o período imperial brasileiro.

33 Petronilo Gonçalves Silva - Popular Fião – Herdeiro de terra de Justino Antonio Claro da Silva -71 anos - Nascido em 31 de março de 1940 – em Bonsucesso.

34 Buscando respostas para estes questionamentos, entramos com um documento junto ao Intermat, para que podessemos ter acesso aos seus arquivos documentais, para dar continuidade à nossa investigação histórica, ainda em 2005, porém não obtivemos respostas até o presente ano de 2010.

Imperio do Brazil

VITULO DE QUALIFICACAO N. 434

PROVINCIA DE MATO-GROSSO

PAROQUIA DE S. GONÇALO DE PEDRO 2.º

DISTRICTO

Nome do cidadão qualificado: João Pinheiro da Silva

Qualificação	Número de votos
Estado	Na lista geral
Profissão	Na lista complementar
Residência	Na lista complementar
Tempo de residência	Data de sua qualificação
Domicílio	Escolaridade
Assinatura do cidadão	OBSERVAÇÕES
Passado em 30 de Julho de 1876	

O SECRETARIO DA CAMARA MUNICIPAL, O JUIZ DE PAZ MUNICIPAL

Titulo de eleitor nº 434 – emitido em 30 de julho de 1876 no qual consta que seu titular João Pinheiro da Silva, tinha uma vida ativa na política local e estava habilitado a votar nas eleições durante o império brasileiro.

O Distrito de Bonsucesso tem sua sede localizada a margem direita do rio Cuiabá, estando próxima à sua barranca, é habitada por uma população tradicional, caracterizada como terra de gente humilde e trabalhadeira. Justino Antonio da Silva Claro foi o mais antigo proprietário destas terras no passado, tivemos confirmação oficial, por esta população ser composta por herdeiros (prole) do antigo proprietário do qual se tem maiores informações e

conhecimento de domínio popular. São excelentes as rapaduras de Bonsucesso, e a produção agrícola de cana-de-açúcar, a qual prática remonta o século XVIII, no regime de sesmeiro, que alimentava as máquinas dos engenhos e alambiques do rio Abaixo em regime de escravidão negra, onde a atividade econômica agrícola tinha sua produção comercializada com as Usinas São Gonçalo e da Conceição.

As origens do povoado de Bonsucesso estão ligadas à montagem de um sítio com empregados e escravos por Justino Antonio da Silva Claro que herdou as terras de seus pais. Com o passar do tempo, a união matrimonial dos seus filhos, contribuiu para a vinda de pessoas da redondeza que ali fixaram moradia.³⁵

A História oral nos registrou a existência de senzala, tanto na margem direita quanto esquerda do rio Cuiabá, onde na atualidade localiza a Peixaria Beira Rio de propriedade da Professora Antônia Terezinha de Souza, famosa pela sua prática da culinária local a base de peixe, muito apreciada pelos turistas que aqui se achegam nos fins de semana, existiu um grande galpão que abrigava um alambique e engenho de cana de açúcar.

Segundo memória de minha mãe, a qual nos falava que o recurso investido por Justino em Escravo para suas terras, fosse investido em terras ele seria o maior proprietário desta região. Ela também nos falava de um dança de batuque, dança de negro, na margem esquerda do rio Cuiabá. Dizendo que os negros dançavam sem roupas. Manoel Nobre de Miranda construiu a Usina de Cana-de-açúcar Cachoeira de Pau na

35 Assis, Lucenir Roque de – Tese de Conclusão de Curso: A Religiosidade de Bonsucesso: Festa de São Pedro de 1996-2000 – UFMT - Cuiabá –Mt - 2000.

margem esquerda do rio Cuiabá. Ali tinha um grande casarão, que de tão grande a estrada de terra, que hoje é esta Avenida Gil João da Silva (calçada com paralelepípedo), passava em sob seu teto, com grandes pilares, os quais foram derrubados - Engenho de Cana de Açúcar e Senzala em Bonsucesso - Engenho de Cana de Açúcar e alambique do Senhor Jerônimo filho de Justino Antônio da Silva Claro, o qual esta localizado no local onde hoje esta construída a Peixaria Beira Rio da Profª Antonia Terezinha de Souza, naquele local havia uma grande colônia de negros que habitavam, os quais fora herdados por Justino Antonio Claro da Silva. A Sesmaria de Bonsucesso compreendia as margens direitas e esquerdas do Rio Cuiabá, segundo informações, tinha a medição de 1000 braças de frente por 1500 braças de fundo. No passado o ringir de carro de boi e engenho era a diversão dos moradores de Bonsucesso.³⁶

Esta relação de trabalho escravo, nestas terras se confirma pela existência de remanescentes herdeiros do período escravocata brasileiro, e em sua maioria com característica e herança genética cabocla, residindo na margem esquerda do rio Cuiabá, como pequenos chacareiros, os quais tem sua vida política e econômica servida da pequena atividade comercial da Vila Sede do Distrito, e toda a sua vida social ligada a ela, inclusive sendo eleitores das seções eleitorais nº 149 e 150 instaladas na Escola Municipal de Educação Básica Profª Maria Barbosa Martins, em período eleitoral.

³⁶ Fonte: Petronilo Gonçalves Silva - Popular Fião - 71 anos - Nascido em 31 de março de 1940 – em Bonsucesso e sua irmã Delmira Gonçalves Fortes - Popular Dona Buguela – 73 anos – nascida em 25 de novembro de 1938. em Bonsucesso – Herdeiros de Justino Antonio da Silva Claro.

Economia de subsistência

Bonsucesso em 23 de Setembro de 1948 pela lei nº 126 foi elevado à categoria de Distrito de Várzea Grande, sendo confirmado em 24 de Dezembro do mesmo ano, pela Lei Estadual nº 9.593.



Antiga Casa residencial em Bonsucesso – Antes da enchente de 1974

Economicamente³⁷, a pesca, muito embora já não represente a única fonte de renda ou o suficiente para os profissionais e amadores de origem local, gera ainda dividendos às famílias que complementam sua renda, trabalhando, aos finais de semana, nas iniciativas comerciais ligadas a gastronomia à base de peixe, popularmente conhecidas como peixarias. Trabalham também, como empregados nas vagas oferecidas pelo setor do serviço público, através da Prefeitura Municipal de Várzea Grande, na Unidade Escolar mantida pelo município neste distrito e nas diversas oportunidades

³⁷ Fonte das Imagens: Município de Mato Grosso – Várzea Grande – 01 - Matos Grosso têm História – Projeto Memória Viva – Fundação Julio José de Campos. Fascículo 01

no comerciais e indústria em Várzea Grande e Cuiabá.



Para os profissionais da pesca de Bonsucesso, sua decadência ocorre por conta dos problemas de má conservação ambiental do rio Cuiabá, o que dificulta a pesca nesta região. A decadência e a destruição ambiental, imposta ao Rio Cuiabá, sempre foi objeto de investigação da imprensa local e nacional, como forma de denúncia e assim, contribuir na conscientização da sociedade e das autoridades responsáveis.

... O transporte para Várzea Grande e Cuiabá era feito a pé, a cavalo, de carro de boi ou de canoa. Bonsucesso tinha como atividade econômica, as plantações de fumo, hortaliças e cana-de-açúcar que alimentavam os engenhos e alambiques como também a fabricação de rapadura. A fiação e a pesca também faziam parte das atividades de subsistência. (Lucenir Roque de Assis. p. 11).

A fartura de peixe é objeto de registro desde o século XIX, porém nunca se preocupou em preservar o rio e nem atualmente se conhece um projeto para a efetivação deste objetivo, sendo aqui nesta terra dos Silva Claro, o retrato do total abandono que passa o

nosso glorioso Rio Cuiabá que viu chegar bandeirantes e aventureiros, e agora agoniza, pois está doente e ferido de morte.



Carro de Boi, sena bastante comum nos distritos ribeirinhos do Município de Várzea Grande, mais notadamente em Bonsucesso. Usual para o transporte de lenha e cana-se-açúcar, matéria prima indispensável para o fabrico da famosa rapadura de Bonsucesso

O Rio é farto de pescado, sobretudo de julho até dezembro. Então é o alimento principal do povo. Pescam-se muitos pacus, dourados, piracanjuba, piaus, piracachiaras, giripocas, palmitos, cabeçudos, corimatás, peixe-rei, etc. É tanto o peixe que os bois, cavalos e pretos ou Guanás vão curvados ao seu peso vendê-los pela cidade. (Florence, 1977. p. 148).

Meu pai era transportador de peixe, o que era levado até Cuiabá pelo rio em canoas (no remo) a rapadura era transportada de canoa até o Porto.³⁸

Nos tempos memoriais de antigos pescadores de Bonsucesso, se recordam da grande dificuldade, com que viviam nesta localidade, porém são unânimes ao afirmarem que naquele tempo, mesmo com todo o trabalho que tinham para transportar na canoa a remo o peixe, a rapadura e outras produções para o comércio no porto em Cuiabá, eram mais felizes, pois tinham uma vida mais fácil, pois havia peixe

38 Fonte: Petronilo Gonçalves Silva - Popular Fiação – Herdeiro de: Justino Antonio Claro da Silva – 71 anos - Nascido em 31 de março de 1940 – em Bonsucesso.

em grande abundância, respondendo pela base da alimentação diária das famílias ribeirinhas.



Método tradicional para fabricação das famosas rapaduras Bonsucesso

A pesca é um dos principais atrativos turísticos em Mato Grosso e há quem diga que os peixes estão escassos, comparado há alguns anos, em que eles eram pegos com as mãos. Esta realidade vem sendo lamentada pelos mais antigos pescadores ribeirinhos. Ao contrário desse pensamento, a nova geração de pescadores garante que o problema não é somente a falta de peixe, mas sim outros fatores, como as dragas e o esgoto, que tem colocado em risco a perenidade do Rio Cuiabá, o qual está morrendo gradativamente.



Artesanalmente enformando as rapaduras – engenho de dona Buguela, prática viva ainda hoje cultivada pela experiente Senhora.

Eu sou daquele tempo em que se pegava peixe com a mão e a canoa encalhar nele, quando passava ao lado do barranco. Me lembro que em época de chuva, no mês de outubro, fazia até barulho de tanto peixe que pulava”, disse o pescador Joaquim Leite da Rosa, de 73 anos, mais conhecido como “Painha” pela comunidade onde mora, no Bom Sucesso, localizado a 25 quilômetros de Cuiabá. Painha, apelido que recebeu desde criança por seu porte franzino, começou a pescar aos 10 anos encarando a habilidade somente como uma brincadeira. Naquela época, as famílias não faziam da pesca uma profissão ou principal meio de subsistência, pois tinham plantações de milho, mandioca e de outros tipos de alimentos para sobreviver. “Nesse tempo nós pescávamos só o necessário para comer, ou dar de presente. Pegávamos muito peixe, utilizando redes, apenas para fazer o óleo de cozinha, que era vendido no Mercado do Porto [hoje Museu do Rio]”. Com o dinheiro nós comprávamos outras coisas de necessidades pessoais ou da casa, disse o experiente pescador. “Logo no barranco já tinha peixe e nós fisgávamos com um arpão improvisado, com ferro de arame, ou arco de bicicleta e bambu, para fazer a ponta”, lembrou Painha. Havia também a pesca que ele intitula de “fachá”, em que os pescadores, normalmente em dois, desciam o rio apenas com uma lamparina. Com ela tampada, para não clarear muito, eles encostavam na galhada (acúmulo de galhos na beira do rio), onde

percebiam que havia muitos peixes, e então descobriam a lamparina. O clarão fazia com que os peixes se assustassem pulando para dentro do barco”, contou Painha. Diferente dele, o pescador Valte Santana da Silva, de 33 anos, que se enquadra na nova geração de pescadores ribeirinhos, começou a pescar aos 12 anos, mas por necessidade. Foi o primeiro e único emprego dele. Antigamente era mais fácil de viver, além disso, havia pouco pescador e muito peixe. Hoje as pessoas dizem que o peixe acabou, mas isso é mentira. O que aconteceu foi que aumentou a quantidade de pescadores, ressaltou Valte Santana. Outro problema que, além de prejudicar os rios, dificulta a pesca, são as dragas. No trecho do rio Cuiabá, que vai da comunidade de Bom Sucesso à do Pai André existem oito dessas máquinas, que são utilizadas para retirar areia. Há 15 anos os pescadores enfrentam este problema. “Inclusive no período da piracema, o uso dela foi proibido. Acredito que era para não sugar os ovos, além do barulho, pois os peixes desovam durante o percurso do rio”, acrescentou. Somente na comunidade de Bonsucesso, com quase 200 casas, existem 110 pescadores com a carteirinha de profissional. **ROTA** - Bonsucesso é considerado uma das quatro rotas turísticas da pesca em Mato Grosso, famosa pela gastronomia. Há também Cáceres, com o evento da Pesca Internacional, e Chapada dos Guimarães e Poconé com o artesanato.³⁹



O Rio Cuiabá que por séculos tem sido palco de práticas e tradições de Pai para Filhos. Transporte fluvial em canoa.

A Sede do Distrito é servida por uma pequena atividade comercial diária, mercadinhos e lanchonetes, uma pequena produção de rapadura e doces de fabricação em métodos artesanais, com uma ação comercial, voltada para os fins de semana em suas tradicionais peixarias, que somam atualmente “dez” estabelecimentos organizados oficialmente e informalmente, nas quais a prática da culinária local como exploração do turismo gastronômico, o qual é muito apreciado pela população várzeagrاندense, cidadãos da baixada cuiabana e de outros estados da federação brasileira.

No Distrito há uma grande produção de tijolos, telhas e areia para construção civil, com diversas dragas e cerâmicas instaladas em seu território, gerando emprego para a população local, as quais mesmo sendo um problema para o meio ambiente, não poderia deixar de funcionar por representar uma das fontes de rendas aos pais de famílias e jovens bonsucesseanos.

39 Satunino, Beatriz - Do Tempo da Pesca com a Mão – Jornal Folha do Estado – Domingo 07 de Março de 2004 - p. 1.

Bonsucesso recebe turistas de vários lugares, que vêm apreciar a comida típica da região e as festas tradicionais como: Festa do Divino Espírito Santo, São Benedito e a tradicional Festa de São Pedro Pescador, entre outras manifestações da religiosidade popular que são realizadas todos os anos, pelos moradores e festeiros, figuras representadas por nomes que remonta ao período imperial brasileiro. Os festeiros recebem nomes, como: Rei, Rainha, Capitão de mastro e Alferes de Bandeira.

As Tradições e Manifestações Culturais

O Carnaval de Rua em Várzea Grande

Um grande resgate da cultura dos tempos memoriais, as raízes do modelo de carnaval de rua que era realizado em Bonsucesso nas décadas de 60 e 70 do século passado, o qual a mais de quinze anos não era realizado pelos moradores e não havia nenhuma outra organização no município de Várzea Grande, ficando o período restrito a existência do Reinado de Momo na Cidade de Santo Antônio de Leverger e Nossa Senhora do Livramento, com seus eventos de rua.



Em 2005, a união do poder público municipal e sob o comando da Assessoria de Cultura e da sociedade organizada, através das Associações de Moradores Distrital e Cultura e Turismo de Bonsucesso; Assessoria

de Cultura um organismo municipal vinculado a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, buscaram resgatar o Carnaval de Rua em Várzea Grande o qual pela história oral era rico em detalhe e havia todo um preparativo, onde famílias inteiras participava, por que era um evento popular, onde imperava os detalhes e coreografia própria com as famosas e antigas marchinhas com a presença dos tradicionais blocos carnavalescos dos anos 70 que dançavam durante os três dias do reinado de momo nas ruas do distrito. Festa cativante e que arrastava multidões.



Antigo Carnaval em Bonsucesso Beatriz (popular Lola)

Naquele período de resgate, organizou-se o Bloco Clube do Meu Coração com trajes da época, sob o comando dos jovens das décadas passadas com o Sêo Painha (Joaquim Leite da Roza) sua Esposa Gonçalina Barros da Rosa, como noiva do Bloco Odilza de Magalhães. Na ocasião fez-se presente num marcante resgate dos Tradicionais Blocos de Bonsucesso e Boi a Serra da Histórica Comunidade de Souza Lima, muito presente com seus foliões.

Era uma festa com toda uma coreografia local, com direito a noiva e tudo mais.

Em 1938, eu estava com oito anos, foi a maior festa que já participei, na história de Bonsucesso. Já existia dois blocos: O União - coordenado pela Dona Rosa e ficava na entrada da vila lá em cima, e o Estrela que ficava aqui em baixo na saída da vila, e era coordenado pela família do senhor Adilson, tinha uma rivalidade, com comentários na rua, dizendo que, puxa vida o União vai acabar com o estrela, com esta festa de rua chamava a atenção do público e havia participação muito grande de populares durante o carnaval. Em 1938, surgiu o Pau rolou, criado por Milú – Emilio Tercio de Magalhães, pois de Bacural, o qual funcionou por dois, sendo total sucesso. O bloco Paulo rolou era um bloco só de homem, com suas fantasias, rei, príncipes, naquele ano eu funcionei como Guarda do Rei. Em Souza Lima, é sucesso o Boi a Serra, como bloco de rua que chamava o povo, e a dança era a noite inteira. A União dos participantes dos blocos era fundamental, pois havia uma grande responsabilidade, hora marcada todos estavam no local para começar a festa. Lembro-me que naquele ano, o carnaval teve um roteiro: dançamos aqui em Bonsucesso, fomos ao Pai André, depois fomos no Souza Lima e por últimos no Poção Grande na Casa do Capitão Costa, assim era durante os três dias, uma festa em família, todos com respeito e empolgados. O grande sucesso neste ano de 1938 até 1945, depois sofreu um desprestígio, ficando desmotivado, mas sempre tinha o famoso carnaval de rua em Bonsucesso, com fantasias típicas e trajes especiais, mas já não tinha aquele brilho da época passadas. A partir

deste ano, até por volta da década de noventa, eu participei de todos os eventos carnavalesco desta região de Bonsucesso.⁴⁰



Moradores de Bonsucesso em trajes de carnaval de rua

Os dois dias de folia em Bonsucesso foram de muita alegria com direito de entrega da chave da cidade ao folião Joaquim Leite da Roza pelo prefeito Municipal e desfile do Bloco Resgate dos anos 70 e tudo mais. Naqueles dois dias a avenida principal, ficou pequena para receber tantos visitantes, criando um clima de resgate que veio para ficar, uma vez que nesta ocasião já se fala do próximo carnaval junto aos órgãos municipais, diante do sucesso que a edição de 2005 alcançou, tendo um público de mais de três mil pessoas durante sua realização.

O evento carnavalesco em 2005 foi um momento de resgate através da união da sociedade organizada do Distrito de Bonsucesso, quando naquele evento congregou num único objetivo organizar o reinado de momo naquele ano, conseguindo alcançar resultados bastante positivos com alto índice de participação da população local, da grande Cuiabá e Várzea Grande.

⁴⁰ Joaquim Leite da Roza (rosa com Z mesmo) - Popular Painha – 80 anos – nascido em 06 de julho de 1930 – no Distrito de Bonsucesso. Trajado como folião dos tempos memoriais em fevereiro de 2005.

O Rio Cuiabá

Lendário caminho das águas, que no século XVII, trouxe a esta região os aventureiros paulistas que buscaram riqueza em terra ainda pertencente à Espanha por força do tratado de Tordesilhas de 1492. Água fonte de vida e do qual por longos anos muitos novos aventureiros tiveram a garantia de alimentos aos seus familiares, buscando o peixe de cada dia, e deste abundante alimento tradicional do ribeirinho levava a alegria pela delícia que o pescado fresco das águas caudalosa do histórico e lendário Rio Cuiabá proporcionará aos visitantes e a garantia de subsistência através dos dividendos turísticos que ao longo de séculos vem trazendo ao nosso Mato Grosso e a nossa querida Várzea Grande, com a sua rica culinária a base de peixe, que herdará da rica fauna fluvial que o Cuiabá lhes garantia no passado, cultivada a década em sua margem nas comunidades Ribeirinhas de Bonsucesso, Passagem da Conceição, Praia Grande e outras fazendo história e ainda mesmo em agonia de morte, garante a um pequeno número de pescadores profissionais o alimento de cada dia.



Barcos ancorados no cais do bairro do Porto, na década de 20

A literatura vaga sobre o lendário Rio Cuiabá, e a existência de pensadores de nossa região tem garantido que façamos uma reflexão a cerca de sua importância para a fixação do aventureiro do passado e a solidificação de comunidades históricas que dele por décadas agiram, e gravou na memória dos caboclos a história de gerações que defendiam em suas águas a sobrevivência no labor diário.

Na história da consolidação do território matogrossense, o rio Cuiabá sempre foi protagonista. De fonte de sustento dos índios paiaguás a principal destino do esgoto de uma cidade com 800 mil habitantes, o velho rio e sua saga contam três séculos de invasão, conquista, vida e morte. Se não houvesse o Rio Cuiabá, a tentativa de povoar essa região teria resultado em desastre⁴¹.

A função histórica do Rio Cuiabá na formação da sociedade matogrossense é secular. Em suas águas os aventureiros paulistas toparam com os exímios índios canoieiros, os Paiaguás, sulcavam suas correntezas com habilidade e força de seus braços, tornaram-se famosos pelos ataques empreendidos contra a ocupação e as moções nesta nossa região.

A navegação fluvial, no principio feita em pequenos barcos a vela – igarités - que se movimentavam a remo e bem como impulsionadas pelo vento. Havia outras embarcações de pequeno porte, a remo, como a canoas, canoões, etc. Entretanto o primeiro navio a vapor a tocar as águas cuiabanas e matogrossense, fora o Waterwitch da Marinha Americana, o qual transportava membros da Expedição de Georg Heinrich Von Langsdorff, em 1853 - século XIX -, da qual fez parte o grande desenhista da expedição o francês

Hercules Florence, que registrou o cotidiano dos Índios Guanás da Etnia Guanús que habitavam as atuais terra várzeagrândense.



Mapa da Expedição Langsdorff - disponíveis na internet e são reproduções dos originais constantes do acervo da Academia de Ciências São Petersburgo

O Velho Cuiabá, tem em sua ficha histórica a condição de fonte de energia, produzida pelas comunidades ribeirinhas, através da extração do azeite de peixe, importante combustível o qual era usado na iluminação de residências e de alguns locais importantes de ruas principais da Capital Cuiabá. Velho e lendário Rio Cuiabá, nome de origem indígena, que em passado não tão longínquo fora caminho que conduziu pessoas de toda a ordem social: autoridades, profissionais, trabalhadores, escravos, comerciantes de todo tipo de produtos como: alimentos importante e indispensáveis na culinária de todos

41. Historia Geral de Mato Grosso – Historiador e Político Profº Lenine de Campos Póvoas.

como o Sal e outras variedades alimentares. Nele os aventureiros comerciantes levavam roupas, remédios, rapaduras, açúcar, aguardente, ferramentas etc. Pela águas do Cuiabá, fora transportado a famosa carne seca manteada em terras várzeagrandense.

Por fim o Rio Cuiabá é fonte de inspiração e tem proporcionado ao imaginário de nossos artistas criações que o consagraram no linguajar cuiabano, elevando e consolidando a cultural matogrossense nos colocando no cenário nacional em produções regional de grande valor cultural e de estilo único.

O rio que alimentava o caboclo ribeirinho pescador, matava a sede de todos que a ele se dirigia, trouxe-nos por suas águas a modernidade, enfim pelo velho e histórico Rio chegou a Cuiabá Antiga os grandes avanços tecnológicos que o mundo conhecia.

O rio Cuiabá está passando por momentos delicados. Na verdade, críticos. Não porque está envelhecendo. Ele, assim como os demais, não envelhece. Tampouco sofre de “hidropausa”. Mas, infelizmente, pode morrer. A morte se dá aos poucos, a conta-gotas. Seu leito, no tocante à largura, já não é mais a mesma e suas correntezas, há muito, perderam as forças de outrora. Até mesmo a quantidade de peixes, que gerava em suas entranhas, já não é mais a mesma. Por conta disso, não se vê mais o bailado dos peixes no período da piracema. Os cardumes não são tão grandes e o processo de desova muito aquém dos anos áureos. O rumor que fazem atualmente nem se compara com o do passado. Foi-se a época da abundância. O momento agora é de escassez. Até as águas

que corriam ontem não são as de hoje. Esvaiu-se o tempo em que a garotada, desafiando os perigos, saltava da ponte Júlio Müller e, numa algazarra só, brincava de “pegador”. Os mergulhos eram seqüenciais e sincronizados, arrancando suspiros dos transeuntes e sorrisos dos pescadores. O Cuiabá no tempo das águas, de acordo com dom Antônio Rolim de Moura Tavares, segundo governador da Capitania de Mato Grosso em (referência ao trajeto fluvial do rio abaixo), fazia de uma e outra parte grandes pantanais, e chega a tomar água, que por eles se navega até junto da Vila. Esta há muito, deixou de ser Vila. Transformou-se completamente. Fora toda desnudada. Perdeu seu arcabouço arquitetônico colonial, trocando-o pelo conjunto de concreto armado. Os casarios residenciais de frontaria antiga foram substituídos por prédios modernos. Desapareceram, inclusive, os majestosos casarões que bordavam o Prainha⁴².



Foto: Lauro Papazian – Popular Chau - Ponte “Velha” Julio Mulher - Cheia Década de 70

42 Lourebergue Alves é historiador, cientista político, professor da Universidade de Cuiabá e 1º vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Artigo de 14/11/2001

A ocupação demográfica desordenada da margem e o errôneo manejo das águas e flora, nas áreas ribeirinhas fizeram com que este Lendário Rio sofresse ao longo dos séculos de dominação e uso de métodos “grosseiros” da pesca chegasse a condições em que se encontra na atualidade, com seu leito totalmente assoreado, chegando a total escassez de seu melhor fruto o peixe, alimento básico de milhares de cidadãos, atividade esta que já não alimenta tradicionais famílias radicada por gerações com início ainda no século XIX, que hoje precisa sair das localidades ribeirinhas para garantir o sustento de sua atual geração, fizeram com que houvesse uma grande redução da lâmina d’água.



Foto: Chau - Lauro Papazian - Cais do Porto - Cheia Década de 70

A degradação causada pelas atividades comerciais em seu leito e em sua margens levou ao extermínio das tradicionais matas ciliares, muitas delas composta de sarãzais hoje sendo replantado em algumas regiões por determinação da justiça ou por iniciativas particulares que uma vez se conscientizados tem lançado mão desta atividades, mas que não responde mais com a abundância de peixe e flora ribeirinha, superar esta realidade é um longo caminho e desafio a ser vencido.

A intervenção humana, tem tornado o Histórico Rio Cuiabá, numa grande canal de esgoto, tendo em vista o volume de esgotamento sanitário que o mesmo recebe diariamente, pela falta de saneamento básico, de que não conta a Capital do Estado e a região Metropolitana a qual inclui-se Várzea Grande.

Como conseqüência deste uso desordenado e a falta de manejo de sua águas e flora, tornou o rio Cuiabá num inimigo do cidadão ribeirinho e comunidades inteiras que vivendo muito próximo de sua margem, levando ao seu transbordamento em época de muitas chuvas com grande volume de água, que através de seus afluentes invadem ruas e residências, em região com ocupação irregular.



Reprodução: Rio Cuiabá em 2002 disponíveis na internet – Imagem numa posição quase idêntica a de Lauro Papazian na década de 70

Historicamente, no Rio Cuiabá, a pesca é uma atividade atribuída à população indígena e à população ribeirinha pobre. Desde o século XIX podemos encontrar registros de severas regulamentações disciplinadoras da pesca, que objetivavam domesticar comportamentos,

trajetos, maneiras de pescar e de organizar o ambiente em torno do rio, para controlar e impor valores tidos como “civilizados”. Como punição, os pescadores recebiam a prisão – que variava de um a dois meses, dependendo do delito – e/ou pagamento de multa. O controle sobre o uso dos recursos naturais, no Estado de Mato Grosso, não é uma prática recente. Leis, decretos e códigos desde o século XIX já revelam os poderes sobre as atividades pesqueiras dos ribeirinhos, procurando vigiar e controlar o uso de venenos vegetais, de rede de arrasto, de dinamites, de tanques nos quintais para conservar o pescado, entre outras ações. Mesmo assim, esses instrumentos de pesca considerados proibidos continuaram sendo utilizados pelos pescadores⁴³.

Todo o ordenamento jurídico ainda dos tempos coloniais e na atualidade, não fora possível resolver ou minimizar o uso desordenado e sem manejo adequado do lendário Rio Cuiabá. Assim, um dia a natureza se volta contra os maus tratos que lhe são impostos pelo homem e os resultados que sua ocupação e transformações geográficas causam ao meio ambiente. É claro que o ribeirinho tem lá o seu papel nesta história, construíra o seu espaço social no processo de ocupação, pescando e cometendo os seus erros na ânsia de garantir o sustento dos seus, porém o poder público está a décadas ausentes na construção e busca de alternativas que levem a conscientização e dê ao homem simples condições de usar e cuidar para que o rio não morra.

O grande exemplo como resultado das ações da construção

do espaço social na ocupação das margens e agressões a da flora e mata ciliar do grande rio, vem das décadas de 40, 70 e 90 do século passado. Tornando-se marcante a de 70, quando em Março de 1974, as águas que dela brotam vidas, invadiu a privacidade dos ribeirinhos e regiões urbanas a margem do Cuiabá.



Foto do acervo particular família de Ataíde Ferreira da Silva Neto – enchente no Rio Cuiabá em 1974 – Avenida Beira Rio. Grande Terceiro – Cuiabá-MT

O marco das conseqüências, de sua falta de conservação e preocupação com preservação do Cuiabá é março de 1974, o Rio Cuiabá ganhou um grande volume de água que seu leito não suportou, levando a destruição a residências e prédio públicos nas comunidades ribeirinhas e margens habitadas em Cuiabá e Várzea Grande.

Classifico a enchente de 1974, como o dia em que a natureza em 24 horas, volta contra o homem. Onde houve um transbordamento do rio por toda a região na data de 19 de março “Dia de São José” em que choveu muito. As chuvas tiveram grande quantidade durante os meses de janeiro e fevereiro, chegando ao seu ápice no dia 19 março onde houve uma grande inundação. Foi coisa de 24 horas o transbordar do Rio, só parando de chover por volta das 23 horas da noite. A partir deste momento foi que percebeu um momento de estiagem, em que o rio tem o recuo de suas águas. O que se houve

43 Verone Cristina da Silva - Pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisas do Pantanal, Amazônia e Cerrado – GERA/ICHS/UFMT.

era só estrondo de casa caindo. As construções eram todas feitas de pau a pique com reboco de barro. Praticamente a Vila sede de Bonsucesso veio ao chão, o que sobrou fora somente parte das residências existentes⁴⁴.

Eu mesmo ia buscar socorro e ajuda da prefeitura, a única saída era enfrentar a nado. Saía daqui com uma matula com roupas seca e quando chegava ali na Capela do Piçarrão o córrego da capela do piçarrão e traira, dependendo das condições e a correnteza muito forte, tinha que esperar baixar e atravessar. Foi um período de uma vida dura, pois só havia um meio de buscar ajuda para as famílias aqui da vila e que tiveram suas casas derrubadas pelas águas. As canoas não serviam para nada, tinha lugar que era só a nado e outros a pé e até chegar a cidade para ajudar no socorro as pessoas. Naquele tempo em que a natureza era fortalecida, todo ano no tempo certo os corgos ficavam cheios, em todo lugar tinha vertente de rios. viviam os corgos e rio estava cheio das chuvas de épocas e a sua riqueza de peixes, porém quando estão cheio de demais é que vem o vomito por estar cheio por demais, e foi o que ocorreu a quantidade de água começam a invadir toda a várzea e a encher as vertentes. O que houve foi um vômito da natureza diante do excesso de água, porém era a

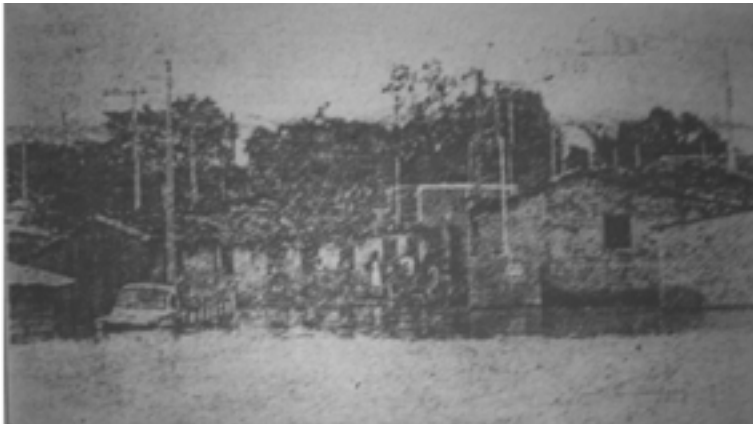
garantia que o ribeirinho tinha, por que com as chuvas havia a abundância de peixe era o pão de cada dia para todos. Em 1974, as águas que tiveram início durante em janeiro e fevereiro e que em março no dia de São José foi muito grande o que levou o Rio e vertentes a encher por demais. Toda enchente traz estragos, a de 1942, eu estava com 10 anos, e havia aqui na vila no Maximo 40 famílias na maioria viam das riquezas da rapadura, pois o peixe era mais para comer, pois os preços era muito pouco, então a grande riqueza era os engenho de garapa e rapadura. Toda rapadura tinha destino certo o comercio. Eu vivia uma vida muito boa, era uma diversão todos os dias. Já enchente de 1974 os estrago foram muito mais, pois já havia um maior numero de famílias nesta nossa região ribeirinha. Pouco lugar ficou sem as águas do Cuiabá, nossas casas eram de barro e vieram todas ao chão. Não tinha firmeza e não agüentou da força das águas⁴⁵.

A infraestrutura da margem ribeirinha não possuiu suporte para o grande volume de água. Margem sempre habitada por pescadores e gente simples sem grandes posses, viram por diversas vezes o seu patrimônio indo a Rio Abaixo, no período de grandes cheias, como ocorreu em 1942, 1974 que repete o mesmo ciclo de destruição com maior grau, vindo se repetir em 1995. Os relatos dos antigos moradores e filho desta região ribeirinhas, acrescentam que em 1942 o numero de habitantes das margens era muito pequena, o

44 Fonte: Petronilo Gonçalves Silva - Popular Fião – 71 anos.

45 Fonte: Joaquim Leite da Roza – Popular Painha 80 anos.

que contrapõem a destruição e tornando mais marcante a enchente de 1974, dado o grande numero de habitante da região e das novas ocupações nas áreas urbanas, tanto em Cuiabá e Várzea Grande.



Já estão esboçados os resquícios que identificam uma situação de calamidade pública no bairro do Terceiro. O bairro mais populoso de Cuiabá é transitável praticamente apenas por barcos

A Imprensa local noticiou com grande ênfase, o ocorrido e os resultados que o grande volume de água que o lendário Rio Cuiabá adquiriu durante os meses de janeiro e março de 1974. O respeitado Canal de Comunicação social daquele período era o Jornal o Estado de Mato Grosso, traz em suas páginas riqueza de detalhes e a situação dos desabrigados, empurrados de suas residências no Terceiro em Cuiabá e a região da Alameda em Várzea Grande, atingido as comunidades rurais a margem do Rio.

O prefeito José Villanova Torres dirigiu apelo aos moradores dos bairros do Terceiro e Várzea Ana Poupino no sentido de evitar possíveis atropelos em caso de vazamento total do Rio Cuiabá, já que a chuva que tem caído sobre a Capital está criando certa preocupação. Depois de mostrar-se seriamente apreensivo com a sorte dos moradores dos mencionados bairros, o prefeito

municipal declarou já ter tomado providências de urgência para o caso de vir a ocorrer enchente de maior proporção. No entanto com a imprensa local, o chefe do Executivo cuiabano mostrou-se bastante apreensivo e a conseqüência das chuvas que têm caído diariamente sobre esta Capital. Falando de enchentes anteriores, Villanova Torres lembrou a situação difícil – mesmo calamitosa por que passaram moradores dos mencionados bairros associados pela cheia do Rio Cuiabá. Enquanto isso, anuncia o prefeito de Cuiabá, a municipalidade já estuda as medidas de urgência que poderão ser tomadas se persistirem as precipitação pluviométricas. No último fim de semana, a umidade do ar, em dados momentos, chegou a alcançar o índice de 69 a 90 por cento, conforme revelou o 9º Distrito de Meteorologia de Cuiabá. Em alguns pontos da cidade as enxurradas atingiram a altura de meio metro. (**Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Chuvas Já Preocupam Villanova - Editora Cuiabá Ltda. 29 de Janeiro de 1974**)



Poucas vezes as águas do Rio Cuiabá chegaram a um nível tão alto. Ontem, até canoa foi utilizada no bairro terceiro, onde os mais velhos olham desolados, pelas experiências passadas, para o constante aumento do volume da inundação. Devido às fortes chuvas que estão caindo nas suas cabeceiras, o rio Cuiabá atingiu ontem um dos seus níveis mais altos, invadindo as margens. Nesta Capital, como sempre, uma das áreas mais atingidas foi o bairro do terceiro. As águas do rio Cuiabá o ponto mais lato da ponte Julio Muller que liga esta Capital com o vizinho município de Várzea Grande. Em alguns pontos a apreensão das populações ribeirinhas chegou ao máximo, com a varias famílias mudando os seus moveis e utensílios para locais mais altos. Ontem mesmo foram registradas algumas famílias desabrigadas e a tendência é piorar a situação, considerando-se que as chuvas

continuam caindo com insistência. Durante a tarde choveu nesta Capital, o mesmo acontecendo no período noturno. Caso o nível das águas continue subindo, alguns moradores do bairro terceiro irão se dirigir ao Prefeito José Villanova Torres solicitando ajuda da Municipalidade. (Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Rio Cuiabá Já Invade as Margens - Editora Cuiabá Ltda. 3 de Março de 1974)



Enquanto as embarcações atracavam próximo à ponte Julio Muller, para desembarcar as suas mercadorias, o Cais flutuante parava, por falta de condições de operação e as águas avançavam bairro do Terceiro adentro. Desde 1959 o rio Cuiabá não atingiu um nível tão alto como agora. O bairro do Terceiro, a grande vitima das inundações em todas as épocas volta a viver o drama das famílias que se vêem obrigadas a abandonar

os seus lares a procura de locais mais seguros. Durante todo o dia de ontem os mais diferentes tipos de carros se aventuravam nas áreas mais alagadas transportando moveis e utensílios. O Grupo Escolar que a Municipalidade construiu no bairro do Terceiro está sendo agora utilizado para abrigar as famílias que tiveram de abandonar as suas residências. Quase todo o bairro esta coberto pelas águas e até mesmo a ponte que o liga com o bairro do Porto estava ontem coberto pelas águas.

Cáis Paralizado - O moderno Cáis flutuante, um dos raros existente no País, teve que paralizar as suas atividades ontem porque o nível das águas não permite a maneabilidade necessária para a sua operação. Por esta razão, o desembarque de mercadorias que foram transportadas por várias embarcações que chegaram a Cuiabá foi feito ao lado da ponte Julio Muller, no começo da Avenida XV de novembro, um fato raro na historia de Cuiabá. Enquanto as populações ribeirinhas se deslocam para pontos mais altos abandonando as suas residências e levando consigo o que podiam. Grande número de populares se concentrava nas imediações da ponte Julio Muller. O movimento de embarcações era inédito e despertava as atenções gerais. **(Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Rio Cuiabá sobe Mais: Famílias Desabrigadas - Editora Cuiabá Ltda. 14 de Março de 1974 – Quinta Feira)**

A par das medidas preliminares que já haviam sido tomadas pelos poderes constituídos, desde os primeiros momentos em que se

verificou, os transbordamento das águas do rio Cuiabá , a Comissão estadual de Defesa Civil, ontem pela manhã reunida no Palácio Alencastro, sob a coordenação da Secretaria do Interior de Justiça e da Casa Militar, adotou todas as providencias destinadas a dar total amparo as famílias localizadas no bairro do Terceiro, do lado da Capital, e os bairros Guarita, Engordador e Bonsucesso, no visinho município de Várzea grande, cujas residências foram atingidas pelas inundações. Além dos diversos órgãos da administração estadual – membros permanentes da Defesa Civil – participaram da reunião as Prefeituras de Cuiabá e Várzea Grande e, como convidados especiais, o 16º Batalhão de Caçadores e a Agencia da Capitania dos portos. **Esquema** - Tendo em vista o decreto 1385, de 6 de fevereiro de 1973, do governo José Fragelli, que criou a Defesa Civil, para ser acionada em situações especiais e em virtude de portaria da Secretaria do Interior e Justiça, datada de 12 do corrente, declarando em estado de emergência toda a zona do Rio Cuiabá, abrangendo a Capital do Estado, o Distrito de Coxipó da ponte e os municípios de Várzea Grande e Santo Antonio de Leverger, em decorrência das inundações a Comissão Estadual de Defesa Civil traçou hoje um esquema geral de ação, tanto de natureza imediatamente prática como preventiva. Assim, foram constituídos os setores de Transporte, a carga da Casa Militar,

Prefeituras de Cuiabá e Várzea Grande, 16º BC e Secretaria de Viação e Obras Públicas, Saúde, Finanças, Alimentação (este sob responsabilidade da Secretaria de Educação, 16º BC e Campanha Nacional da Alimentação Escolar) Instalações, Comunicação, Assistência Social, Segurança, energia e Serviços de Avaliação e Cadastramento. Um levantamento superficial feito ontem revelou que cerca de cem famílias, residentes no bairro do Terceiro, devem estar desabrigadas. A inundação do maior bairro de Cuiabá teve inicio há três dias, mas somente ontem chegou ao seu ponto máximo. Algumas residências, de adobe, ru ram. Outras permanecem em p , mas são apresentam as mínimas condi oes de habitabilidade e os seus moradores já as abandonaram. Praticamente todo o arraial está coberto pelas águas do rio Cuiabá e são raras as casas que ainda está sendo habitadas e que não foram atingidas pela inunda o. O grupo escolar da Municipalidade, naquele bairro esta funcionando como um abrigo de emergência. As aulas foram suspensas. Este estabelecimento de ensino municipal, prevendo-se casos de inunda o como este atual foi construído em local elevado, constituindo, agora, um dos poucos recursos disponíveis para atender os desabrigados. **Calamidade** - Mesmo sem apresentar as graves conseq ncias das inunda oes de 1942 e 1959, o bairro do Terceiro vive hoje uma autentica calamidade publica. Nem mesmo os

 nibus de transporte coletivo se aventuram a atravessar as pequenas pontes de acesso, sobre o canal da Prainha, que deságua no Rio Cuiabá, pois as mesmas estão cobertas. E praticamente impossível a utiliza o de carros, até mesmo nos locais menos alagados, devido a forte lama existente. O  nico meio de transporte   o barco, que esta sendo largamente utilizado. Ontem, depois do desabamento de algumas casas, muitos moradores procuraram transportar os seus moveis e utensílios e nem todos alcançaram êxito com o deslocamento de caminhões de carga para carregar os seus pertences. **(Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHEE: J    Calamidade no Bairro do Terceiro - Editora Cuiabá Ltda. 15 de Março de 1974 - sexta feira)**

A agência da Capitania dos Portos, desta Capital, informou ontem que o rio Cuiabá continua subindo tendo atingido às 11 horas da manhã a altura de 9 metros e 40 centímetros. Das 7 horas da quarta feira às 7 horas de ontem o rio subiu 36 centímetros, prevendo-se que suas águas atinjam a altura de 10 metros até a próxima terceira feira dia 19, se persistirem as chuvas na região. **Desabrigados** - Todas as providências necessárias visando o atendimento da popula o atingida pela enchente do rio Cuiabá já forma tomadas pela Comissão de Defesa Civil. ... Prosseguem os trabalhos de remo o das famílias atingidas, principalmente o bairro do Terceiro,

Várzea Grande e adjacências, par ao parque de exposição. Ali já havia alojado 52 famílias, representando um total de aproximadamente 400 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. **Interditada** - Os motoristas que se dirigem a Várzea Grande – segundo orientação transmitida pelas autoridades não devem procurar transpor, o rio pela ponte Julio Muller, e sim pela ponte nova para onde fora desviado o transito. (Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Enchentes do Cuiabá: Rio Continua Subindo - Editora Cuiabá Ltda. 16 de Março de 1974 - Sábado)



O barco ainda é valioso

A secretaria do Interior e Justiça, onde esta montado o comando Geral da Defesa Civil, informou ontem a noite que as águas do Rio Cuiabá atingirão hoje seu ponto máximo, na maior inundação já ocorrida em toda a sua história. Ontem o rio baixou 30 centímetros em Rosário Oeste, onde estava o maior

volume de água. Isto representa que o Rio Cuiabá, na altura desta Capital, subirá mais 30 centímetros hoje, chegando ao seu ponto máximo, constituindo fato inédito. Com todas as providências necessárias já foram tomadas, isto não constitui maiores preocupação para as autoridades, que continuam abrigando os flagelados. Ontem à noite, o nível das águas só havia chegado à marca dos 10,50 metros. (Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: As Águas Chegarão Hoje ao ponto Máximo - Editora Cuiabá Ltda. 17 de Março de 1974 - domingo)

Todos são unânimes em reconhecer esta enchente como a maior já verificada no Rio Cuiabá. Ontem, às 17 horas, as águas continuavam subindo, tendo atingido a 10,80 metros, superando, assim em 20 centímetros a maior enchente anterior, que foi de 1942, que alcançou 10,57 metros. Simultaneamente, a Capitania dos Portos Afirmava ontem ao anoitecer que as previsões estimavam que o nível das águas continuariam subindo até a madrugada de hoje, com um possível declínio a partir das primeiras horas desta terça feira, que podemos marcar o inicio da vazão das atual enchente. Como é natural todas as equipes da Defesa Civil e seus numerosos colaboradores estão totalmente absorvidos nos trabalhos de socorros as familiares e ainda não é possível um levantamento exato do número de flagelados

e dos prejuízos causados pela enchente. Sabe-se, todavia que são muitos vultosos. Somente na área de Cuiabá cerca de 2 mil famílias estão desabrigadas, perfazendo um total de aproximadamente 12 mil pessoas agasalhadas na Universidade Federal de Mato Grosso, em estabelecimentos escolares (suspenderam as aulas), na Assembléia Legislativa e outras repartições publicas. ... Várzea Grande que abrigou as primeiras 400 famílias foi invadido pelas águas na madrugada de ontem, obrigando os flagelados serem removidos para a Universidade Federal de Mato Grosso e outros Estabelecimentos de Ensino desta Capital. **(Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Esta foi a maior enchente, mas também a maior mobilização de recursos humanos e materiais já verificada nesta Capital - Editora Cuiabá Ltda - 19 de Março de 1974 - terça feira)**

A Agencia de Cuiabá da Capitania dos Portos de Mato grosso informou ontem à noite que já ocorreu uma queda de 50 centímetros no nível das águas do rio Cuiabá. Acrescentou que o ponto máximo foi por volta das 23 horas de segunda feira para zero hora de ontem quando chegou marca de 10,80 metros. À uma hora da madrugada de ontem o nível já caíra para 10,78, prosseguindo para 10,73 metros às seis horas da manhã, chegando a 10,60 metros ao meio dia de ontem. ... As informações da Agencia da Capitania dos Portos de Mato Grosso dizem que hoje de

manhã o nível deverá estar por volta de nove metros ou menos, pois o processo de diminuição do volume de água vem se acelerando nas ultima horas. A partir de hoje este processo deverá ser maior ainda o que vem trazer tranqüilidade para a população das cidades banhadas pelo rio Cuiabá e pelos seus afluentes. Segundo dados levantados pela Coordenação Geral da Defesa Civil, já foi cadastradas em Cuiabá 845 famílias desabrigadas, 1570 em Várzea Grande, 30 em Santo Antonio de Leverger e 20 em Barão de Melgaço. Estas famílias, que estão recebendo completa assistência dos poderes construídos totalizam um número de 12.325 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Não estão computados nesse total as pessoas que se abrigaram em casas de parentes e conhecidos em parte da população de Rosário Oeste e Acorizal, também violentamente castigadas pelas águas. **(Fonte: NEDIHR/UFMT - Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Esta Caindo o Nível das Águas do Rio Cuiabá - Editora Cuiabá Ltda. 20 de Março de 1974 - Quarta feira)**

Os desabrigados já ocuparam a primeira área, ao sul do Núcleo Habitacional Cidade Verde. A próxima área já escolhida será no CPA - **Os prejuízos** - Os prejuízos decorrentes das enchentes do Rio Cuiabá e seus principais afluentes, segundo o secretario Salomão Amaral, a tingiram indiscriminadamente tanto a zona urbana quanto a rural. Nesta última as perdas agrícolas nos municípios de Rosário Oeste,

Acorizal, Várzea Grande, Santo Antonio de Leverger e barão de Melgaço foram avaliados em CR\$13.066.537,00. E afetaram as plantações de milho, arroz, feijão, mandioca, cana de açúcar, fumo e banana, dentro de uma área cultivada de 10.417 hectares. **Em Cuiabá** – conclui o Coordenador Geral da Defesa Civil no Estrado - na área condenada do bairro Terceiro e adjacências, foram destruídos 809 prédios avaliados em CR\$19.642.222,40. **Ano letivo** - Por outro lado, o professor Salustrio Areias, da Educação e Cultura, informou que ainda não chegou a uma conclusão a respeito do ano letivo em Curso nesta Capital, prejudicado enormemente pelas enchentes, pois os colégios foram improvisados em residências para os desabrigados dos bairros do Terceiro, Várzea Ana Popina, Barcelos e outros atingidos pela águas do Rio Cuiabá. A lei 5692 de reforma do Ensino, cita que o ano letivo em tem que ser de 180 dias, ou 720 horas. Devido ao problema das enchentes que obrigou o Governo a decretar estado de calamidade publica em Cuiabá e outros municípios afetados, as aulas foram paralisadas, retornando em demasia o seu reinicio. Em contato com o Conselho Estadual de Ensino, para estudarmos as possibilidades de se fazer um redução do ano letivo, o que será muito difícil já que a lei determinando os 180 dia de aula não prevê nenhuma cláusula que possa reduzir o ano letivo. **Desabrigados** - Segundo divulgou a imprensa nacional, o coordenador geral do GEACAP, General Luis Mendes da Silva, recebeu telex do Secretario

do Interior e Justiça de Mato Grosso informando que ainda existem 1395 famílias desabrigadas em Cuiabá, em conseqüência das enchentes que caíram na Capital e outros municípios. Destas 815 estão alojadas em postos de atendimentos de emergência. 36 Estão em estabelecimento públicos de ensino, que tiveram suas aulas suspensas. O Secretario enviou uma lista de materiais necessários para alojar as a famílias desabrigadas. (Fonte: NEDIHR/UFMT - **Jornal O Estado de Mato Grosso – MANCHETE: Enchentes do Cuiabá: Prejuízos superam CR\$116 milhões** - Editora Cuiabá Ltda. 04 de Maio de 1974)



“Vale ressaltar que a importância histórica do rio Cuiabá para a sociedade mato-grossense e brasileira é secular. Trata-se de um rio que historicamente é representado como fonte de vida e de recursos para a cidade. É o rio que alimenta, que combate a sede da população e ainda, ajuda a amenizar o calor. Portanto, é o rio que banha e purifica a alma e o coração do nosso povo. O rio Cuiabá foi à principal via de comunicação da capital para

o centro-sul brasileiro. Onde, no começo de sua ocupação, os bandeirantes paulistas, seguindo a denominada via das monções, saíam de São Paulo e aportavam em Cuiabá. Por esse rio os exímios índios canoieiros, os *Paiaguá* sulcavam as correntezas com agilidade e destreza, tendo ficado famosos, também, pelos ataques que empreendiam as monções. A navegação fluvial, no princípio, era feita em pequenos barcos à vela (Igarités), que eram tocadas ora a remo ora impulsionadas pelo vento; desciam o rio com seus passageiros, famílias inteiras e suas bagagens. Havia ainda, outros barcos menores, só a remo, como as canoas, canoões, pranchas, chalanas. Contudo, o primeiro navio a vapor que adentrou águas-mato-grossenses foi o *Waterwitch*, da marinha norte - americana, em 1853. O rio Cuiabá serviu também, para a produção de energia, ou seja, as comunidades ribeirinhas dedicavam-se à extração do azeite de peixe, combustível necessário à iluminação das residências e de alguns poucos pontos de ruas principais da capital. O *rio abaixo e o rio acima* atendia a toda a comunidade cuiabana, às comunidades ribeirinhas, aos embarques e desembarques de pessoas, autoridades, profissionais liberais, trabalhadores, escravos, máquinas, comerciantes, roupas, remédios, rapadura, açúcar, água-ardente, ferramentas, além de alimentos variados como o sal, indispensável ao bem-estar da população. Além disso, o rio Cuiabá serviu e serve como fonte cultural para a população mato-grossense. Contudo, o rio ainda trouxe a modernidade ao território do extremo oeste como as máquinas a vapor, a imprensa, o telégrafo, os maquinários das usinas, pianos, grupos culturais, encanamento de água e a luz elétrica. Enfim, pelo rio chegou a Cuiabá Antiga grande parte dos avanços que o mundo já conhecia⁴⁶.

“Um País sem memória não é apenas um país sem passado. É um país sem futuro”.

Rui Barbosa

46 Fonte: Texto da Equipe do NDIHR/UFMT – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional / Universidade Federal de Mato Grosso. Página: http://www.ufmt.br/servicos/evento/even_exp_on_line_comemor_dos%20288_aos_de_cuiaba_NDIHR_Ascom_CPD.htm#RIO_CUIABÁ:

Definindo Siglas e Termos

Aborígenes:	População nativa australiana. Têm a pele negra, como os negros africanos, embora se diferenciem destes por diversos outros traços físicos. Termo também utilizado para classificar as populações nativas que habitavam o Brasil colonial, embora os nativos das Américas tenham cultura e tipo de pele bem diferente dos nativos australianos.
Adobes:	Um tipo de tijolo de terra crua, que é excelente isolante térmico e acústico; Muito utilizado nas construções do século XIX e princípio do Século XX.
Audazes:	Que tem audácia; ousado, atrevido, destemido.
Braça:	Medida usada pelos antigos para definir o tamanho de sua propriedade – corresponde na atualidade, entre um e dois metros cada braça. Dependendo do tamanho dos braços do cidadão que ia medir: extremidade de uma mão a outra, de um cidadão com os braços abertos.
Capitania:	Era o nome que denominava as regiões autônomas do reino. Ex: Matogrosso já se chamou Capitania do Mato Grosso.
Carta Régia:	Era um documento Oficial com a assinatura ou chancela do Rei, o qual era uma Carta Real, isto é Carta Régia. Na atualidade equipara a uma publicação em Diário Oficial dos atos do Governante tanto nacional quanto estadual ou municipal. Torna-se uma determinação que devem ser cumprida por todos os cidadãos daquele território sob o governo local.

Concebido como **dança de roda e em pares**. **O Cururu e o Siriri** são duas manifestações culturais das regiões pantaneiras de Mato Grosso do Sul e Mato-Grosso, sendo este último detentor da maior quantidade de

Cururu e Siriri: ativistas desta manifestação tradicional de cântico e dança. Hereditário, o Cururu e Siriri, ainda de predominância familiar, é um misto de elementos africanos, europeus (Espanha e Portugal) e indígenas que ecoam a religiosidade e a brincadeira.

IBGE: **Instituto** Brasileiro de Geografia e Estatística.

Igaritês: **Pequena** embarcação movida a vento e a remo.

Lavras: **Minas** de ouro.

NDIHR: **Núcleo de** Documentação e Informação Histórica Regional.

Palustre: **Que vive** ou cresce nos pântanos ou brejos.

Pinça: **Movimento de Pinça**, estratégia militar em que os grupamentos e tropas militares ataca o inimigo por pontos pré-definidos em que não dá chance de defesa alguma, quando o ataque é funilado pelo avanço dos militares, obrigado a rendição do inimigo.

Quinhão: **A parte** que cabe a cada um na herança - resultante da repartição de um todo herdado.

Ravina: **Sulcos produzidos** nos terrenos, devido ao trabalho erosivo das águas de escoamento. Pequenas incisões feitas na superfície do solo quando a água de escoamento superficial passa a se encontrar e produzir pequenos regos.

Reses: **Qualquer** quadrúpede que serve para alimento do homem. Os bovinos (todas as espécies de gado).

Rio Abaixo: **Fazendo** referência ao atual Município de Santo Antonio de Leverger.

Sesmaria: **Uma área de** terra, que o Rei concedia a um nobre ou alguém importante para o reino, dentro de seus domínios.

Taipa: **É o barro** armado com madeira. Consiste numa estrutura de ripas de madeira ou bambu, formando um gradeamento, que formam as paredes de uma casa, cujos vazios são preenchidos com barro amassado.

UFMT: **Universidade** Federal de Mato Grosso

Varanda: **Bordado que é** colocado como beiral de uma rede de dormir, peça que é tecida separadamente da rede.

Vau: **O trecho de um rio**, lago, mar com profundidade suficientemente rasa para passar a pé, a cavalo ou com um veículo.

Viola de Cocho: **A viola de cocho**, encontrada no pantanal do Mato Grosso, recebe este nome porque é confeccionada em um tronco de madeira inteiriço, esculpido no formato de uma viola e escavado na parte que corresponde à caixa de ressonância. Nesse “cocho” é afixado um tampo e as partes que caracterizam o instrumento, como o cavalete, o espelho (escala), o rastilho e as cravelhas.

Referencias e Fontes Orais

ROSA, Belmiro Leite da – Popular São Branco - 82 anos – nasceu em 12 de março de 1928 – Residente no Distrito de Bonsucesso.

SILVA, Petronilo Gonçalves da – Popular São Fião – 70 anos – nasceu em 31 de março 1940 – Residente no Distrito de Bonsucesso.

FORTES, Delmira Gonçalves - Popular Dona Buguela – 72 anos – nascida em 25 de Novembro de 1938. Residente no Distrito de Bonsucesso.

ROZA, Joaquim Leite da - Popular São Painha – 80 anos – nasceu em 06 de julho de 1930 – no Distrito de Bonsucesso. Rosa escrito com “Z”. Certidão de Nascimento - Residente no Distrito de Bonsucesso.

MIRANDA, Teonila Gonçalves de - 77 anos – nascida em 18 de outubro de 1933. Residente no Distrito de Bonsucesso.

SILVA, Honorata Magalhães Ribeiro da - Popularmente Dona Sinharinha – nasceu em Bonsucesso em 22 de dezembro de 1935. In memória desde 1º de Maio de 2009.

ROSA, Gonçalina Barros da – 77 anos nascida em 10 de janeiro de 1934 – em Várzea Grande – criada em Cuiabá, morava no bairro duque de Caxias – Esposa do Senhor Painha.

FONTES, Martha Beatriz – Distrito de Passagem da Conceição.

Referencias Bibliografia

Siqueira, Elizabeth Madureira – Revivendo Mato Grosso – Cuiabá – SEDUC-1997.

Schmidt, Mario Furley – Nova História Critica – São Paulo – ed. Nova Geração – 1999. p 106.

Monteiro, Ubaldo - VÁRZEA GRANDE passado e presente confrontos – 1867-1987 – Cuiabá-Mt. Editora: Policlomos Editora Gráfica - P 17.

Satunino, Beatriz - Do Tempo da Pesca com a Mão – Jornal Folha do Estado – Domingo 07 de Março de 2004 - p. 11.

Ferreira, João Carlos Vicente & **Silva**, Pe. José de Moura e: Cidades de Mato Grosso – Origem e Significado de seus nomes – Editora Burity – Cuiabá – 1998.

_____. Mato Grosso e seus Municípios. Secretaria de Estado de Educação, Cuiabá MT, 1997.

Benevides, Louredir Rodrigues. COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO CUIABÁ – Comunidade de Bonsucesso, Várzea Grande, Mato Grosso – Monografia de Pós-Graduação em Geografia - UFMT – Cuiabá – 2000.

Assis, Lucenir Roque de. A Religiosidade de Bom Sucesso: Festa de São Pedro de 1996-20002 – Monografia de Graduação em História – UFMT – Cuiabá – 2002.

Campos, Fundação Júlio. Revista Mato Grosso de História; Projeto Memória Viva – Várzea Grande – 1991.

Britânica Enciclopédia do Brasil. Busca de informação sobre definição de termos e topônimos. Edição Eletrônica – Rio de Janeiro - 1999.

BARBEIRO, Heródoto e **SCHNEEBERGER**, Carlos Alberto. História de Olho no Mundo do Trabalho – volume Único, São Paulo: Scipione, 2004.

FONSECA, Dayz Peixoto. **O Viajante Hércules Florence**: águas, guanás e guaraná. Campinas: Pontes, 2008.

MOURA, Glória. A força dos tambores: a festa nos quilombos contemporâneos. In: SHWARCZ, Lilia Moritz; REIS, Letícia Vidor de Souza (Org.) .Negras Imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo: Estação Ciência , 1996. P. 55 – 80.

_____. As Festas Quilombolas e a construção da Identidade in: DOPCKE, Wolfgang. Crises e Reconstruções: estudos afro - brasileiros africanos e asiáticos. Brasília: Linhas Gráficas, 1998.

NDIHR/UFMT, Jornal O Estado de Mato Grosso - Editora Cuiabá Ltda. Cuiabá, 1974.

O Autor



José Wilson Tavares - Nascido em Sapopema Estado do Paraná, em 09 de Janeiro de 1964 - Filho de Homero da Silva Tavares e dona Maria Cristina de Jesus – radicado em Mato Grosso na grande Cáceres – no Vale do Jauru, desde 17 de fevereiro de 1977 – na década de 1980 – foi Estudante do Seminário Redentorista São José; Mantido pela Congregação do Santíssimo Redentor em Goiânia – Goiás - Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso, com a Tese de Conclusão de Curso: Inventário da Legislação Básico de Saúde – Mato Grosso, 1965 – 1985 – Trabalho apresentado em Comunicação Oral no V Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais - Maputo – Moçambique (África) em Setembro de 1998 – Defesa Pública – Outubro de 1998 em Banca no Departamento de História da UFMT. - Pós-graduado em Docência do Ensino Superior, pela Universidade Cândido Mendes – Com o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: A Educação de Jovens e Adultos à Luz da Legislação – Resolução 137/1991-180/2000 – Defesa publica em Banca - Abril de 2003. Pós-graduado em Gestão Escolar - Pela Escola de Gestores - Universidade Federal de Mato Grosso – com o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: Desempenho Acadêmico de Alunos em Distorção Idade Série – Dezembro 2010. Professor do Sistema Público de Ensino desde 1990. Sendo eleito

Coordenador Pedagógico no biênio 1996/1997 e diretor nos biênios de: 1998/1999 e 2000/2001 da Escola Estadual de Educação Básica Prof^o “Emilia Fernandes de Figueiredo” e eleito diretor da Escola Municipal de Educação Básica Prof^a. Maria Barbosa Martins- Várzea Grande - Distrito de Bonsucesso - Estado de Mato Grosso para o triênio 2002/2004 e 2008/2011. Em Pleno Exercício no Magistério Público desde a década de 90 do século passado.